

Idade Média. A compreensão do presente a partir de um passado longínquo



Editorial

“De um lado, a Idade Média é nosso antimundo; mas, ao mesmo tempo, é de sua dinâmica que nasce a expansão colonial da Europa, o processo de ocidentalização do mundo e, finalmente, o sistema-mundo capitalista no qual vivemos e que hoje põe em risco a sobrevivência da humanidade”, afirma Jérôme Baschet, historiador francês, da École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS, em entrevista

concedida à *IHU On-Line*. Segundo ele, “é preciso conceber, entre a Idade Média e nós, essa dupla relação, complexa, em parte contraditória, e é o que torna tão apaixonante o estudo da Idade Média, e, mais ainda, a possibilidade de fazer idas e vindas entre a compreensão do presente e a deste passado tão longínquo”.

O tema de capa desta edição pretende contribuir para a compreensão desta relação complexa da Idade Média com a contemporaneidade. Contribuem nesta discussão apaixonante, além de Jérôme Baschet, o Prof. Dr. Jean-Claude Schmitt, da École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS, com o artigo sobre o surgimento das cidades medievais e das ordens mendicantes e as entrevistas com o Prof. Dr. Luís Alberto De Boni, PUCRS, Jacques Le Goff, um dos mais importantes medievalistas vivos, Prof. Dr. Alfredo Culleton, do PPG em Filosofia da Unisinos, Prof. Dr. Edmar Checon de Freitas, da UFF, Prof. Dr. Hilário Franco Junior, Prof. Dr. Jean Lauand, ambos da USP, Prof. Dr. Prof. Dr. José Rivair de Macedo, Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira, ambos da UFRGS e Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa, da UFES.

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU promove neste semestre a segunda edição do *Ciclo Idade Média no Cinema* que, por sua vez, propiciou a edição dos *Cadernos IHU em Formação* sobre o mesmo tema. A edição será lançada ainda neste mês de outubro.

A contingência e o acaso nas *Ciências da Vida e na Física* é o tema que será abordado pelos professores doutores Aldo Mellender de Araújo, da UFRGS, e Fernando Haas, da Unisinos, nesta quarta-feira, dia 4 de outubro, festa de S. Francisco de Assis, no **II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI**. O Prof. Dr. Fernando Haas é também o entrevistado no IHU Repórter desta semana.

E, numa semana cheia de debates e discussões, o **I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul-Rio-Grandense**: Contribuições com a leitura de seus intérpretes, analisará o livro *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*, o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul, de Fernando Henrique Cardoso, e no **V Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil - Estado e Sociedade**, a história do país será interpretada pelo olhar do escritor Machado de Assis na sua obra *Esaú e Jacó*. E o economista Octavio Augusto Camargo, da UFRGS, apresentará e discutirá o livro *A violência da moeda*, de Michel Aglietta e de André Orléan, no **II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. Semana politicamente intensa, o IHU *Idéias*, da próxima quinta-feira, discutirá a nova configuração política que emerge das eleições do dia 1º de outubro. Participarão do debate Luciana Genro – PSOL e Ronaldo Zulke – PT.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

Sumário

Editorial **pg. 1**

Tema de capa

Entrevistas

Jean-Claude Schmitt: O surgimento das cidades medievais **pg. 3**

Luís Alberto De Boni: Repensando a política atual através da Idade Média **pg. 6**

Jacques Le Goff: Roma, alimento e paralisia da Idade Média **pg. 13**

Alfredo Culleton: A interculturalidade medieval **pg. 15**

Jérôme Baschet: Idade Média, nosso antimundo **pg. 19**

Edmar Checon de Freitas: O mundo merovíngio e a construção da identidade cristã **pg. 22**

Hilário Franco: A Cocanha como utopia e Dante como poeta do Absoluto **pg. 25**

Jean Lauand: A atualidade de Tomás de Aquino **pg. 29**

José Rivair de Macedo: O riso no medievo como forma de resistência **pg. 38**

Nilton Mullet Pereira: O ensino na Idade Média **pg. 41**

Ricardo Luiz Silveira da Costa: Ramon Llull, um “guia” para a Idade Média **pg. 46**

Destaques da semana

Entrevista da semana

Luiz Felipe Baêta Neves Flores: Um debate sobre Vieira, cristianismo e política nacional **pg. 52**

Teologia Pública

A paixão de Jesus e a distância de Alá **pg. 55**

Destaques on-line
pg. 58

Frases da semana
pg. 59

Deu nos jornais
pg. 60

IHU em revista

Eventos
pg. 64

Sala de leitura
pg. 75

Carta do leitor
pg. 76

IHU Repórter
pg. 77

O surgimento das cidades medievais

Por Jean-Claude Schmitt



Inspirado nas questões enviadas pela redação da *IHU On-Line*, o medievalista francês Jean-Claude Schmitt escreveu o artigo que segue, enviado por e-mail. Nele, o pesquisador explica a lógica do surgimento das cidades medievais e suas conseqüências. Uma das concepções que mudou com o surgimento dos centros urbanos no medievo foi aquela a respeito do trabalho. O entedimento do trabalho como pena, “conseqüência do pecado original, cede lugar a uma concepção do trabalho como produtor de bens e de riquezas. É preciso trabalhar, não mais apenas para garantir sua Salvação, mas para ganhar sua vida e alimentar seus filhos. A ociosidade já não é mais apenas um vício, é uma falta social. A pobreza, por longo tempo associada a uma virtude (exemplo do Cristo, seguido pelos – *Pauper Christi* (Pobre do Cristo) – que fazem voto de renúncia aos bens materiais) torna-se maldição social e risco para a ordem pública”. Os grifos no artigo a seguir são do próprio autor.

Schmitt é professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), na França, e membro da Escola dos Annales, junto de Jacques Le Goff, com quem organizou o *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru/São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, traduzido por Hilário Franco. Escreveu também *História das superstições*. Portugal: Edições Europa-América, 1997 e *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. É considerado um dos historiadores mais importantes da sua geração.

A renovação do fenômeno urbano é um dos maiores aspectos da história da sociedade e da cultura da Europa dos séculos XI – XIII, e ela deixou marca indelével até nossos dias, nas cidades européias. Não se trata propriamente de falar de um “surgimento”, já que muitas cidades antigas, reduzidas a poucas coisas após o desmoronamento do Império Romano, renasciam nos mesmos locais, integrando muitas vezes partes dos monumentos e dos recintos anteriores. A cidade medieval, porém, com efeito, nada mais tem a ver com a cidade antiga, tanto que, nas regiões não romanizadas, ou mesmo em novos lugares do antigo *imperium*, há aglomerações realmente novas que se erguem e se desenvolvem.

A sociedade é, então, essencialmente rural e é da terra que vêm as riquezas e os excedentes que permitem construir e nutrir esses novos espaços habitados. É, pois, do lado das zonas rurais e da economia agrária que é preciso procurar as primeiras causas do surgimento urbano: melhores rendimentos, devidos, sem dúvida, a transformações climáticas, favoráveis a um aumento dos rendimentos básicos, porém, em primeiro lugar e sobretudo, devidos a transformações sociais, a um enquadramento diferente das pessoas pelo poder senhorial, a novas formas de extrair um valor da terra. De início, portanto, causas ecológicas e materiais, porém igualmente causas sociais, que se resumem pela noção de “feudalismo”: ou

seja, um novo modo de produção que repousa sobre o enquadramento de trabalhadores livres (e não mais escravos), adstritos a encargos, pagos mais em dinheiro, pois um dos efeitos destas transformações é a renovação da economia monetária, da cunhagem de moedas (como, por exemplo, a retomada da cunhagem do ouro, interrompida após o século VII). A cidade beneficia-se e torna-se rapidamente o motor dessa circulação monetária, metálica e mais fiduciária (no caso das letras de câmbio pagáveis a termo nas feiras e mercados).

A cidade é um organismo social que **participa da sociedade feudal**, contrariamente à idéia romântica e liberal de uma burguesia urbana estranha à ordem senhorial. Ao contrário, é preciso pensar sua articulação com as formas senhoriais e feudais (e da realeza) do poder que regem a sociedade. No interior desse mundo, a cidade desenvolve, entretanto, instituições que tendem a contradizer os princípios institucionais tradicionais (que se pense nas cartas de franquia que dão às “comunas” uma grande autonomia). A cidade é o lugar de um poder compartilhado – horizontal e não vertical – mas que permanece oligárquico: é o dos nobres urbanos, detentores do essencial da fortuna mercadológica e territorial, mas, contra os quais os artesãos, organizados em profissões, se rebelam, exigindo compartilhar do poder, o que eles acabam por obter. No século XIV, assiste-

se mesmo a revoltas do *popolo minuto*, (do povo miúdo), que são esmagadas.

A conquista da autonomia perante o senhor laico ou eclesiástico (trata-se, com frequência, do bispo local) e depois a repartição do poder e dos recursos entre os diferentes grupos hierárquicos da população representam, evidentemente, os principais problemas com os quais são confrontadas as cidades. Em seguida, no decurso do tempo, surgem outros problemas, ligados à revitalização em caso de fome, às variações sazonais dos preços (com os riscos de motins em caso de penúria), aos riscos de epidemia e à peste (a partir de 1348), à extensão espacial da cidade (quando, por exemplo, é preciso reconstruir as muralhas para que elas englobem um território mais extenso) e, de maneira geral, à tributação ligada ao crescimento do poder monárquico e estatal (na França e na Inglaterra, no contexto da Guerra dos Cem Anos, amplamente financiada pelas contribuições das cidades).

Na medida em que a economia urbana repousa sobre o trabalho artesanal ou industrial (nas grandes cidades fabricantes de tecidos da Itália ou de Flandres) e sobre o comércio, **a questão do trabalho** manual está no centro das preocupações, tanto dos edis que governam e fixam as regras do trabalho das “corporações”, quanto dos clérigos que definem uma ética do trabalho. O trabalho concebido como pena (labor), conseqüência do pecado original, cede lugar a uma concepção do trabalho como produtor de bens e de riquezas. É preciso trabalhar, não mais apenas para garantir sua Salvação, mas para ganhar sua vida e alimentar seus filhos. A ociosidade já não é mais apenas um vício, é uma falta social. A pobreza, por longo tempo associada a uma virtude (exemplo do Cristo, seguido pelos – *Pauper Christi*

(Pobre do Cristo) – que fazem voto de renúncia aos bens materiais) torna-se maldição social e risco para a ordem pública. O “pobre válido” – acusado de mendigo quando é fisicamente apto para trabalhar – é denunciado a partir do século XIII, sendo perseguido e estigmatizado entre os séculos XV e XVII. Ele se torna a figura “anti-urbana” por excelência.

As Ordens Mendicantes¹ e, mais precisamente os franciscanos, conhecem uma história intimamente ligada a estes problemas ideológicos e sociais. Eles pretendem originariamente viver como “mendicantes”, recusando o dinheiro, a terra, a propriedade. Eles pedem somente que sejam alimentados em troca da Palavra que prodigalizam em seus sermões. Entretanto, a evolução da sociedade em seu conjunto e em seu próprio sucesso, que faz afluir para eles as doações, confronta-os rapidamente com o problema do enriquecimento. De onde a ficção que se imagina, segundo a qual o papado é proprietário de seus bens, enquanto eles são apenas usufrutuários (*usu pauper*). Uma fração dos franciscanos, os espirituais, contudo, recusam esse compromisso, inspiram-se em teses apocalípticas e milenaristas de Joachim de Fiore² e são repelidos por heresia. Eles são finalmente exterminados pelos poderes eclesiásticos e seculares. No entanto, trata-se apenas de um fenômeno muito limitado e, apesar de tudo, característico sobretudo da Itália e do sul da França. O essencial é a boa integração das Ordens Mendicantes nas cidades (dominicanos, franciscanos, carmelitas, agostinianos) – elas são apenas quatro a partir de 1274 – pois são

¹ **Ordens mendicantes:** ordens religiosas que viviam inicialmente das doações obtidas com a pregação. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Joachim de Fiore** (1132-1202): abade cirterciense e filósofo místico italiano. (Nota da *IHU On-Line*)

elas que, ao lado, e por vezes contra, o clero secular, são responsáveis pela pregação, pelas missas e pelos sacramentos, em proveito da população. Numa cidade como Paris, elas ocupam cátedras na universidade, representam o cume da *intelligentsia*, que se expande deste centro intelectual para toda a cristandade. Eles são tão bem integrados que se pode apreciar a importância das cidades medievais em função do número dos conventos mendicantes que ali se encontram – 4 para uma grande cidade, 3 para uma cidade menos importante etc. Se uma aglomeração não possui um convento mendicante, pode-se hesitar em falar de cidade.

A vida religiosa dos urbanos não é, nem mais, nem menos “supersticiosa” do que a dos rurais. De fato, é preciso evitar de falar de “superstições”, pois a palavra

lembra sempre um julgamento de valor segundo critérios que são os nossos (sábios, racionais etc.). Há crenças e práticas rituais “populares”, mas, com frequência perfeitamente aceitas pelos clérigos e pela Igreja oficial; diversas práticas e crenças desse tipo (notadamente a propósito do culto das imagens) brotaram, aliás, das formas cultuais da Igreja; elas não são denunciadas ou caçadas como radicalmente diferentes ou heterodoxas, mas enquanto ultrapassam as práticas oficiais e, sobretudo, escapam ao controle do clero. Quanto à bruxaria, que existe também na cidade, ela mobiliza as forças do Mal, mas estas forças também fazem parte da religião cristã! Seu erro é principalmente, quando condenado, o de aparecer como prática das pessoas simples e das mulheres, fora do controle do clero.

Repensando a política atual através da Idade Média

Entrevista com Luís Alberto De Boni

O que separa a contemporaneidade do medievo é a subjetividade, que pode ser resumida por dois pensadores: Descartes e Kant. É o que disse, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, o filósofo gaúcho Luís Alberto De Boni. Questionado sobre quais seriam os pensadores medievais importantes nos campos da ética e da política e o que nós, homens do século XXI, poderíamos aprender com eles para repensar os conceitos de política, De Boni enumerou Abelardo, Duns Scotus, Aquino e Ockham, e enfatizou: “O que de mais importante esses medievais têm a dizer a nosso mundo é que a ética não pode estar distante da ciência e da política”.

De Boni é graduado em Filosofia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) e em Teologia pela Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindisi. É doutor em Teologia pela Universidade de Münster (Westfälische-Wilhelms), orientado por Johann Baptist Metz. É pós-doutor pelas Universidades Alberto

Magno e Bonn, ambas na Alemanha. Atualmente leciona na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Publicou e organizou mais de trinta obras, dentre as quais citamos: *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995; *Guilherme de Ockham*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000 e *A ciência e a organização dos saberes na Idade Média*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

IHU On-Line - Quais foram as principais mudanças pelas quais passou a Filosofia do século XXI com relação à Filosofia da Idade Média?

Luís Alberto De Boni - Em primeiro lugar, vamos começar dizendo que o século XXI é ainda criança. Por isso, não podemos afirmar que ele já tenha produzido uma filosofia. Nós estamos vivendo dos juroos do século XX, que foi o século de Husserl³, Heidegger⁴,

³ **Edmund Husserl** (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a "intencionalidade da consciência", desenvolvendo conceitos como o da intuição *eidética* e *epoché*. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Doutorou-se em Filosofia sob a orientação de Edmund Husserl. Em 1933, acontecimentos políticos levaram-no a aderir ao partido nazista e assumir a reitoria da Universidade de Friburgo, cargo do qual se demitiu alguns meses depois. A seus olhos, o que define a ontologia e sua história é o esquecimento do ser como lugar de questionamento. Ora, o ser como questão define um ente particular, que é o ser-aí, o *Dasein*. Este *Dasein* é o homem. Ora, o ser-aí é aquele que pode ao mesmo tempo existir e saber, a todo momento e ao mesmo tempo, que deixar de existir: é um "ser-para-a-morte". Aceitar esta situação é o sinal da autenticidade, para o homem. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2 de maio de 2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19 de junho de 2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3 de julho de 2006, intitulada

Wittgenstein⁵ e de tantos outros que lemos, citamos e aos quais reservamos local privilegiado em nossas bibliotecas. Foi o século XX que descobriu a Idade Média; e, no século XX, a filosofia medieval descobriu a modernidade. Explico. A filosofia medieval tornou-se um antídoto da Igreja Católica contra toda e qualquer novidade que surgisse. Descartes⁶, Kant⁷, Hegel⁸, Marx⁹ e quem

Ser e tempo. A desconstrução da metafísica, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Ludwig Wittgenstein** (1889-1951): filósofo analítico austríaco. (Nota do *IHU On-Line*).

⁶ **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se, sobretudo, por seu trabalho revolucionário da filosofia. Foi também famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para *download* na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção

quer que fosse. Por sua vez, a modernidade, desde o Renascimento e as Luzes, considerou a Idade Média e sua filosofia, como um mundo *depassé*. Hoje sabemos que não é bem assim. Os estudiosos do pensamento medieval têm consciência de que o mundo evoluiu e de que não se faz mais filosofia nos moldes do medievo. Entretanto, o século XX foi sempre melhor, percebendo que sua ligação com a filosofia do passado é muito mais forte com os medievais do que com os gregos. Com isso, a filosofia medieval é colocada dentro da grande corrente do pensamento ocidental, que se inicia com os gregos e chega até nossos dias. Mas dentro dessa cadeia há

entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

° **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Nesse livro, Hegel considerava uma variedade tão grande de concepções quanto os diversos estados da mente e encarava-as como estágios no desenvolvimento do espírito em direção a uma maior maturidade. Sua segunda obra, *A Ciência da Lógica*, tenta fazer uma análise sistemática dos conceitos. Sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* contém todo o seu sistema de uma forma condensada. O último livro de Hegel foi *A filosofia do direito*. Depois de sua morte, seus alunos publicaram suas conferências sobre filosofia da história, da religião e da arte, e sobre história da filosofia, usando principalmente suas anotações. (Nota da *IHU On-Line*)

° **Karl Heinrich Marx** (1818–1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

diferenças qualitativas. Se há quem afirme que entre a grande filosofia do século XX e a pós-modernidade existe uma tal diferença, que diremos, então, quando a comparação for feita entre os medievais e os contemporâneos? A meu ver – que não é somente meu – o que separa esses dois períodos é a subjetividade, que podemos resumir em dois nomes: Descartes e Kant.

Não que a subjetividade fosse de todo alheia aos medievais. Pelo contrário, em Agostinho¹⁰ (+430), um pensador que não foi propriamente medieval, pois pertenceu à Antigüidade Tardia, descobrimos claramente de onde provieram muitas das idéias cartesianas, inclusive o *cogito*. Do mesmo modo, em Tomás de Aquino¹¹ (+1274) é possível reconhecer sinais de um “antropocentrismo cristão”. Mas o subjetivismo e o antropocentrismo dos medievais, ao contrário daquele dos modernos, não se encontrava no núcleo da filosofia por eles praticada.

***IHU On-Line* – A discussão sobre o nominalismo, sobretudo com o viés estudado por Ockham e seu Princípio**

¹⁰ **Santo Agostinho** (354-430): conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ **Tomás de Aquino** (1227-1274): frade dominicano e teólogo italiano, considerado santo pela Igreja. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Seus interesses não se restringiam à religião e à filosofia, mas também à alquimia, tendo publicado uma importante obra alquímica chamada *Aurora Consurgens*. Sua obra mais famosa e importante é a *Suma Teológica*. (Nota da *IHU On-Line*)

da Parcimônia, ainda encontra espaço nos estudos medievais de hoje?

Luís Alberto De Boni – O nominalismo foi algo que se impôs na filosofia. Aplicado conseqüentemente por Ockham (+1347), ele simplificou e desmitificou o mundo. Quem é que, em nossos dias, ainda afirma a existência de uma entidade universal fora da mente? A humanidade, o Brasil, a Igreja não são reais do mesmo modo como o são Pedro, João ou Maria. Fora da mente só existem indivíduos singulares, mas é próprio de nosso intelecto singular formar noções universais.

A simplificação ockhaminana leva em seu bojo o assim chamado Princípio de Parcimônia. Esse não trata propriamente de coisas, tal como se pensou, atribuindo-se a Ockham a afirmação que não provém dele, segundo a qual *entia non sunt multiplicanda sine necessitate* (os entes não devem ser multiplicados sem necessidade). Como observa C. S. Peirce¹², Ockham enuncia “uma máxima lógica, segundo a qual não se devem aceitar mais elementos independentes do que o necessário”. No mesmo sentido, e fazendo referência a Ockham, manifestam-se também B. Russell¹³ e M. Schlick¹⁴. Aliás, por falar em Peirce e em atualidade de Ockham, convém recordar a célebre afirmação do pensador norte-americano: *all modern philosophy is built upon Ockhamism*.

IHU On-Line - Poderia ser estabelecida uma relação entre lógica

¹² **Charles Sanders Peirce** (1839-1914): filósofo, cientista e matemático norte-americano. Peirce concebia a Lógica dentro do campo do que ele chamava de teoria geral dos signos, ou Semiótica. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ **Bertrand Arthur William Russell** (1872-1970): considerado um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ **Moritz Schlick** (1882-1936): filósofo alemão, figura central do positivismo lógico e do Círculo de Viena. (Nota da *IHU On-Line*)

e linguagem no pensamento de Ockham?

Luís Alberto De Boni – Sem dúvida. Ainda mais se, em vez de “linguagem”, simplesmente, tratarmos de “filosofia da linguagem”. E aí vamos encontrar outro lado polêmico de Ockham: seu questionamento com relação ao tratamento metafísico dado a diversos problemas. Ockham não foi um antimetafísico, mas mostrou que inúmeras questões, tidas como metafísicas, eram, na realidade, questões de linguagem. Daí seu modo de trabalho que inicia examinando o problema sob o aspecto lógico-lingüístico, evitando assim que se levantem pseudoquestões metafísicas. Teodoro Andrés¹⁵, já há de 40 anos, escreveu uma interessante obra a respeito, intitulada *El nominalismo de Guillermo de Ockham como Filosofía del Lenguaje*. Madrid: Gredos, 1969.

IHU On-Line - Qual é a atualidade do pensamento de Duns Scotus? Quais são suas proposições mais importantes?

Luís Alberto De Boni – A resposta a essa pergunta precisa partir da constatação de que não podemos seccionar o pensamento de um autor e, depois, ir separando partes vivas e partes mortas. Os grandes pensadores de todos os tempos são atuais porque seu pensamento, considerado como um todo, ainda nos provoca. Isso acontece também com Duns Scotus¹⁶ (+1308). Observemos, por exemplo, que a grande divisão da filosofia, entre teórica e prática, adquire, com ele, características novas, quando

¹⁵ **Teodoro de Andrés** (1927-1983): comentarista de Guilherme de Ockham, considerado um dos grandes estudiosos do autor. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ **João Scotus Erígena** (1266-1308): filósofo e teólogo franciscano, precursor do escolasticismo. Chamado de Doutor Sutil, foi mentor de Guilherme de Ockham. Foi beatificado em 20 de março de 1993, durante o pontificado de João Paulo II. (Nota da *IHU On-Line*)

define a metafísica como *scientia transcendens*, e a Ética não mais como ciência das virtudes, mas como *scientia practica*. Não passa despercebida de ninguém a semelhança entre essas definições e as kantianas. Dentro do que poderíamos chamar de “sistema” desse autor, encontramos, então, temas com os quais nos debatemos ainda hoje, como o da univocidade do conceito de ente, da individuação pela “heceidade”, da natureza comum, da distinção formal, do conhecimento intuitivo do singular, dos limites da razão e, em filosofia prática, o contratualismo, a redefinição de direito natural, a nova importância dada à pessoa, a compreensão de liberdade como algo inalienável.

IHU On-Line - Como podemos descrever a relação do homem com a natureza na Idade Média?

Luís Alberto De Boni - Há estudos interessantes a respeito. Deixemos de lado a distinção entre natural e sobrenatural, que marcará toda a Idade Média. Pode-se dizer que há duas leituras de natureza nestes longos séculos de amadurecimento do mundo ocidental. A primeira delas, até o século XII, considera a natureza como a obra de Deus a ser contemplada pelos homens. A segunda, sem excluir a primeira, passa a encarar a natureza como algo colocado à disposição do homem, algo que o desafia e que ele pode modificar. Ao encontro dessa leitura veio a obra aristotélica, traduzida para o latim durante os séculos XII e XIII. Para o pensador grego, ‘natureza’ pode ser tomada em diversos sentidos. O que mais interessa aqui é aquele que a considera como uma força interior, que faz com que o indivíduo seja, ou venha a ser, aquilo que deve ser; que faz com que na semente esteja a força que a transformará em macieira ou em carvalho. Também no homem existe uma natureza, que se qualifica

primeiramente pela racionalidade. Nesse sentido, e aí se percebe também a influência estoíca, agir segundo a razão é agir conforme a natureza. É aqui que encontra sua força a noção de lei natural, de direito natural. Há algo no interior do homem, que de certo modo o precede, dizendo o que é bom e o que é mau, o que deve ser feito e o que não deve ser feito. E também aqui surge Ockham, questionando idéias correntes. Para ele, não existe nada de real fora do indivíduo e anterior a ele. Não existe, pois, uma natureza humana, no sentido em que seus antecessores a tomavam.

IHU On-Line - A ciência e a organização dos saberes na Idade Média podem ser explicadas de que forma?

Luís Alberto De Boni - Os medievais herdaram da Antigüidade uma série de classificações diferentes das ciências. Se tomarmos uma *História da Filosofia*, (*Historia de la filosofia*. 3. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1975. 2 v.) como a de Guillermo Fraile, veremos como essa questão esteve presente em quase todos os autores árabes e cristãos. O problema tomou novas cores com a entrada da obra aristotélica no Ocidente. Então, mais do que se perguntar pela classificação das ciências, foi necessário perguntar-se, antes, pelo que vem a ser propriamente uma ciência.

E o motivo era claro: como é que se poderia dizer que a teologia é uma ciência, no sentido dos Segundos Analíticos, em que Aristóteles diz que a ciência é um conhecimento certo, a partir de princípios evidentes, por meio do processo discursivo da razão. Ora, os princípios da teologia não são evidentes para nós, mas acreditados porque revelados por Deus; eles são evidentes para Deus, mas Deus não procede por modo discursivo, não faz silogismos, porque conhece tudo em um único ato

de conhecimento. Então, se a teologia não fosse uma ciência, que estavam fazendo os teólogos nas cátedras universitárias? Daí provêm as respostas que todos os autores foram obrigados a dar no início de suas aulas (geralmente no início do Comentário às Sentenças) e daí o motivo por que, no decorrer dos anos, as respostas se tornaram mais longas e complicadas. Compare-se, por exemplo, o que diz Santo Tomás de Aquino, nas primeiras páginas da *Suma Teológica*, ao perguntar se a teologia é ciência, com a introdução de Duns Scotus, escrita 30 anos depois, e que ocupa todo o primeiro volume da edição crítica de suas obras. Desse esforço surgiram novas definições e classificações, surgiram as assim chamadas “ciências médias”, entre as quais se classificam diversas das ciências modernas.

IHU On-Line - Quais seriam os pensadores medievais de maior expressão nos campos da ética e da política? O que o homem do século XXI poderia aprender com eles para repensar a política em nossos dias?

Luís Alberto De Boni – Vamos citar alguns, sabendo que as escolhas sempre levam consigo injustiças. Pedro Abelardo¹⁷ (+1142), aquele do filme *Em nome de Deus*¹⁸, foi um inovador na área da Ética, na medida em que colocou o

¹⁷ **Pedro Abelardo** (1079-1142): filósofo francês que ficou conhecido do público por sua vida pessoal e o relacionamento com Heloísa, de que fala em seu *História das minhas calamidades*. Na filosofia ocupa uma posição importante por ter formulado o conceitualismo, posição que não pertence propriamente nem ao idealismo, nem ao materialismo. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ **Em nome de Deus**: filme dirigido por Clive Donner, em 1988, e exibido no **Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema**, promovido pelo IHU, em 15 de outubro de 2005, com comentários dos professores doutores Alfredo Culleton e Nilton Mullet Pereira. Sobre o filme, confira a entrevista *Em nome de Deus: um retrato de época*, concedida pelos palestrantes à *IHU On-Line* 160, de 17-10-2005. (Nota da *IHU On-Line*)

núcleo do ato moral na intenção. Seu tratado *Conhece-te a ti mesmo* – um título de sabor socrático -, é um marco na história da ética ocidental. Tomás de Aquino, assim penso, redigiu o mais minucioso tratado de ética que conhecemos e até hoje os textos sobre os atos humanos, sobre a justiça, sobre a lei são leitura obrigatória. Depois dele, os franciscanos João Duns Scotus e Guilherme de Ockham inovaram, colocando os atos humanos como determinados pelo objeto e não pelo fim, delimitando o alcance da noção de lei natural e clarificando o conceito chave de liberdade, graças ao qual o homem é responsável por suas ações.

O que de mais importante esses medievais têm a dizer a nosso mundo é que a ética não pode estar distante da Ciência e da Política. Foi um ganho da modernidade a separação entre os diversos ramos do saber, mas isso pode se transformar em perda quando pensamos, com Maquiavel¹⁹, que a Política possui suas próprias leis e que o político é tanto mais bem sucedido quanto menos se preocupa com a ética. Do mesmo modo, fazer uma bomba atômica ou clonar um ser humano não são meros feitos científicos, que nada tem a ver com a responsabilidade moral dos autores.

IHU On-Line - Quando se fala em Idade Média, normalmente se faz menção à Inquisição. Em quais aspectos ela expressa a mentalidade da Igreja medieval e da sociedade daquela época?

¹⁹ **Nicolau Maquiavel** (1469-1527): historiador, filósofo, dramaturgo, diplomata e cientista político italiano do Renascimento. É reconhecido como fundador da ciência política moderna por escrever sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser. Separou a ética da política. Sua obra mais famosa, *O Príncipe*, foi dedicada a Lourenço de Médici II. (Nota da *IHU On-Line*)

Luis Alberto De Boni - A Inquisição constituiu, sem dúvida, uma das páginas mais sombrias da Idade Média. Procurar compreendê-la, enquadrá-la em seu mundo, não significa, de modo nenhum, justificá-la. O mundo medieval ocidental foi um mundo de cristandade, um mundo sobredeterminado pela religião. A sociedade era cristã; os reinos eram todos eles cristãos; a coroação era uma cerimônia religiosa; muitos pecados de cunho puramente religioso – como a blasfêmia ou o comer carne na sexta-feira – eram punidos pelas leis do Estado. Além disso, convém recordar que o Ocidente se viu sempre ameaçado por poderosas forças militares não-cristãs, como os árabes e bereberes, de fé muçulmana, que se “adonaram” do Oriente, inclusive dos Lugares Santos – e do norte da África, irrompendo pela Espanha e sendo detidos somente em Poitiers, na França. No século XIII, os mongóis, pagãos, entraram pela Polônia e Hungria, e chegaram até o Tirol.

Ora, qualquer divisão religiosa que viesse a surgir, além de ser tomada como uma ameaça à ordem eclesiástica instituída, era considerada também como um perigo para a unidade política. E como, no século XIII, surgissem algumas “heresias” (observe-se que estou usando essa palavra entre aspas), como a dos albigenses, ou cátaros²⁰, no sul da França,

²⁰ **Albigenses ou cátaros:** O catarismo (do grego *katharos*, que significa puro), foi uma religião cristã da Idade Média, surgida na França no final do século XI, apresentada por alguns como um sincretismo cristão, gnóstico e maniqueísta, manifestado num extremo ascetismo. No entanto, os principais historiadores atuais do catarismo percebem este movimento como intrinsecamente cristão e relativamente independente de movimentos anteriores, derivando sua concepção gnóstica do universo de uma leitura independente das Escrituras Sagradas, especialmente o Novo Testamento. Os cátaros concebiam a dualidade entre o espírito e a matéria, relacionados respectivamente com o bem e o mal absolutos. Foram condenados pelo 4º Concílio Lateranense em 1215 pelo Papa Inocêncio III, e aniquilados por uma Cruzada e pelas ações da

com forte apelo político, abriu-se caminho para o julgamento eclesiástico dos réus, pois eram acusados de crime contra a fé. Se condenados, porém, eram entregues ao poder público – “ao braço secular”, como se dizia – para serem executados.

“Como decia ayer”

Foi a Inquisição que criou a ciência do interrogatório, que a Gestapo, a KGB e a CIA levaram à perfeição. Bernardo Guy, o mais célebre dos inquisidores, que aparece também em *O Nome da Rosa*²¹, legou-nos um clássico *Manual do Inquisidor*, até hoje estudado. A violência da Inquisição não se compara com a dos totalitarismos modernos. Aliás, com ela diminuíram as mortes, pois as comunidades foram impedidas de pronunciar julgamentos por ordálias (quando, por exemplo, se atirava uma mulher, amarrada, a um rio, por ser acusada de bruxaria: caso ela se afogasse, ficava provado que era inocente; se flutuasse – o que nunca aconteceu –, devia ser executada como bruxa). O terrível da Inquisição, como de todo e qualquer tipo de opressão ideológica, foi o pavor que se instalou, o medo que todos tinham de serem acusados de heresia.

Permita-me concluir esse tema lúgubre narrando um fato. Fray Luis de León (+1591), um agostiniano, durante anos professor em Salamanca, foi acusado de heresia pela Inquisição e afastado da cátedra, ficando preso por quatro anos. Inocentado, voltou à universidade. No dia

Inquisição, tornada oficial em 1233. Os cátaros, que também eram chamados de albigenses, rejeitavam os sacramentos católicos. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ **O nome da Rosa:** filme dirigido por Jean-Jacques Annaud, em 1986, e exibido no **Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema**, promovido pelo IHU, em 29-10-2005, com comentários do Prof. Dr. José Alberto Baldissera. Sobre o filme, confira a entrevista *Os monges, Aristóteles e o riso na Idade Média*, concedida por Baldissera à *IHU On-Line* 161, de 24-10-2005. (Nota da *IHU On-Line*)

em que retomou as aulas, ante um auditório lotado, abriu o livro exatamente na página de sua última aula e, como se nada houvesse acontecido, iniciou: “Como decía ayer” (Como dizia ontem).

Na praça, em frente ao pórtico da universidade, levantou-se uma estátua a esse homem. Na base colocaram-se apenas três palavras: *Como decía ayer*.

Roma, alimento e paralisia da Idade Média

Entrevista com Jacques Le Goff



A Roma antiga exerceu um papel paradoxal no surgimento da Idade Média. Ela foi seu alimento e sua paralisia, disse o medievalista francês Jacques Le Goff em entrevista exclusiva à ***IHU On-Line***. “A Idade Média tomou as artes liberais da Antigüidade, mas construiu uma nova filosofia impregnada de teologia: a escolástica”, frisou. A entrevista foi concedida por e-mail, e ditada por Le Goff à sua assessora, Mme. Christine

Bonnefoy, que a transcreveu e enviou as respostas à ***IHU On-Line***. Nascido em 1924, em Toulon, França, Le Goff tem saúde frágil, mas mantém-se intelectualmente ativo.

Pertencente ao supra-sumo da elite intelectual francesa, estudou na Escola Normal Superior de Paris, centro de formação dos quadros do magistério francês, depois de ter completado os primeiros anos escolares no não menos famoso Liceu Louis-le Grand, onde também estudou Sartre.

Le Goff é considerado um dos maiores medievalistas do mundo e pertence à velha tradição francesa que une a história à geografia. Inspirado por Fernand Braudel e Maurice Lombard, tornou-se uma das figuras-chave da escola dos *Annales* por ter conseguido integrar à reflexão sobre o espaço e o tempo a dimensão humana. Em 1972, sucedeu Braudel na École des Hautes Études em Sciences Sociales onde permaneceu até 1977, deixando espaço para François Furet. De suas inúmeras obras, destacamos:

O imaginário medieval. Lisboa: Estampa, 1994; ***Os intelectuais na Idade Média***. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995; ***São Francisco de Assis*** São Paulo: Record, 2001; ***A civilização do Ocidente medieval***. EDUSC: São Paulo, 2005, traduzida para o português por José Rivair de Macedo e ***Dicionário temático do Ocidente medieval***. Bauru/São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, organizado em parceria com Jean-Claude Schmitt e trauído por Hilário Franco.

IHU On-Line - O senhor afirma em A civilização do Ocidente Medieval que a Idade Média nasceu das ruínas do mundo romano. Por que Roma foi “seu alimento e sua paralisia”?

Jacques Le Goff – Eu penso que Roma foi o alimento e a paralisia do mundo medieval, porque a cultura antiga junto com a Bíblia foi a base da cultura medieval, porém o constante cuidado dos homens da Idade Média em ressuscitar a Antigüidade freou bastante sua evolução para a modernidade.

IHU On-Line - A convergência do mundo romano com o bárbaro criou o mundo medieval. Que tipo de sociedade emerge dessa fusão? Que traços do mundo clássico e germânico persistiram? Quais seriam as continuidades e rupturas que podem ser verificadas na passagem da Antigüidade para a Idade Média?

Jacques Le Goff – O politeísmo cedeu ao monoteísmo. Instituições essenciais do mundo romano desapareceram, como, por exemplo, as termas, o circo e o teatro. A escravidão, sem desaparecer, foi abandonada e se desfez lentamente. A sociedade se ruralizou com um vigoroso surgimento das cidades entre os séculos X e XIII. A Idade Média tomou as artes liberais da Antigüidade, mas construiu uma nova filosofia impregnada de teologia: a escolástica. Tardia no Ocidente, a promoção da Virgem Maria favoreceu a promoção da mulher. A difusão do moinho nascido na Antigüidade permitiu um vivo crescimento econômico.

IHU On-Line - Qual foi o papel da Igreja na construção da sociedade medieval? Com base em que a Igreja construiu a noção de Diabo que sobrevive até os dias de hoje?

Jacques Le Goff – O Diabo provém do desenvolvimento do personagem apresentado no Novo Testamento como

tentador de Jesus e da continuidade ou do ressurgimento das crenças populares num chefe maléfico dos demônios.

IHU On-Line - Quais seriam as principais conseqüências da crise da Cristandade, ocorrida nos séculos XIV e XV?

Jacques Le Goff – A crise da cristandade nos séculos XIV e XV se manifestou por uma diminuição da população, pelo desencadear das guerras e das violências, mas também pelo desenvolvimento do espírito crítico.

IHU On-Line - Por que razão Boécio, Cassiodoro, Isidoro de Sevilha e Beda podem ser chamados de “fundadores” da Idade Média?

Jacques Le Goff – Boécio²², Isidoro²³, Cassiodoro de Sevilha²⁴ e Beda²⁵ podem ser chamados de fundadores da Idade Média porque se apoiaram na filosofia e na cultura antigas para criar uma França cristã.

²² **Anício Manlio Torcuato Severino Boécio** (480-524 d. C.): filósofo romano. Com o propósito de unificar ambas as escolas filosóficas, se propôs a traduzir para o latim as obras de Aristóteles e Platão, mas não concluiu seu projeto. Sua obra mais famosa é *De consolatione Philosophiae*, um diálogo entre o próprio Boécio e a Filosofia, personagem alegórico feminino que aparece ao filósofo para resolver o problema do destino. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **San Isidoro de Sevilha** (560 – 636 d. C.): bispo, teólogo, compilador e santo hispano-romano na época visigoda. Foi arcebispo de Sevilha durante mais de três décadas (599-636) e era considerado um dos grandes eruditos dos primeiros tempos da Idade Média. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ **Cassiodoro (Magnus Aurelius Cassiodorus Senador – 485 – 580 d. C.)**: político e escritor latino, fundador do mosteiro de *Vivarium*. Algumas de suas obras foram *Codex de gramática; Liber memorialis ou liber titulorum* e *Complexiones apostolorum*. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ **Beda (San Beda o Beda el Venerable** (676 – 735 d. C.): monge, escritor e erudito, cuja obra mais conhecida é *História eclesiástica do povo inglês*. Escreveu, ainda, sobre temas como música e religião. (Nota da *IHU On-Line*)

A interculturalidade medieval

Entrevista com Alfredo Culleton



Para o filósofo argentino Alfredo Culleton, a intelectualidade medieval propiciou um “diálogo entre as culturas e os saberes”. Sua principal manifestação aconteceu “na criação das universidades leigas e autônomas, nas magníficas bibliotecas monásticas e muçulmanas, no centro de tradutores de Toledo e alcança o seu momento máximo na *Divina Comédia* de Dante”. A interculturalidade desse período é a sua maior riqueza intelectual, menciona Culleton nesta entrevista por e-mail à *IHU On-Line*.

Culleton é graduado em Filosofia pela Universidade Regional no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a tese *Fundamentação Ockhamiana do Direito Natural*. Atualmente leciona nos cursos de Graduação e Mestrado em Filosofia na Unisinos. A entrevista mais recente concedida pelo filósofo à *IHU On-Line* foi na edição 160, de 17-10-2005, junto com o historiador Nilton Mullet Pereira, intitulada *Em nome de Deus: um retrato de época*, comentando aspectos do filme apresentado no **Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema**, promovido pelo IHU.

***IHU On-Line* – Qual considera a maior riqueza intelectual da Idade Média?**

Alfredo Culleton – Sem dúvida, a interculturalidade, que se vê na enorme diversidade de modos de viver o cristianismo, um cristianismo que incorpora elementos do platonismo oriundos do norte da África, elementos do aristotelismo introduzidos pelos árabes que ocuparam a Península Ibérica por longos séculos e contribuíram muitíssimo com a cultura ocidental. Do império Romano o cristianismo recebe toda a tradição jurídica e administrativa, do judaísmo, um longo e fecundo diálogo na busca de conciliar as verdades de razão e as de fé. A intelectualidade medieval propicia esse diálogo entre as culturas e os saberes, manifesta-se na criação das universidades leigas e

autônomas, nas magníficas bibliotecas monásticas e muçulmanas, no centro de tradutores de Toledo e alcança o seu momento máximo na *Divina Comédia* de Dante²⁶.

***IHU On-Line* – De que forma filosofia e política se cruzam no pensamento de Ockham e qual é a influência recebida do aristotelismo?**

²⁶ **Dante Alighieri** (1265-1321): escritor italiano. Estudou Teologia e Filosofia, sendo profundo conhecedor dos clássicos latinos e dos filósofos escolásticos. Sua principal obra é *A Divina Comédia*. (Nota da *IHU On-Line*)

Alfredo Culleton – Para Ockham²⁷ a política pode ser pensada em categorias racionais e de adequação às aspirações e aos modos próprios de viver de cada povo. Ele resgata os aspectos mais pragmáticos da política de Aristóteles²⁸, entendendo, por exemplo, que não há um único regime de governo válido, mas um mais adequado para cada circunstância, e que a vontade de Deus se manifesta pelo povo, inclusive pelas mulheres, o que é uma inovação no século XIV.

***IHU On-Line* – Como o pensamento de Ockham se expressa em Hobbes?**

Alfredo Culleton – Ockham privilegia o valor do indivíduo sobre os universais e o da vontade sobre o de um certo ou errado atemporal. Estes são ao menos dois aspectos que vemos presentes na

²⁷ **Guilherme de Ockham** (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, *Ockham's Razor*). Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, portanto, produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas idéias, foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. Sobre Ockham, algumas boas fontes de pesquisa são *A compendium of Ockham's teachings*. New York: The Franciscan Institute, 1998; *Ockham's theory of terms*. South Bend: St. Augustine's, 1998; DUNS SCOTUS, John. *Scotus vs. Ockham: a medieval dispute over universals*. Lewiston: Edwin Mellen, 1999. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ **Aristóteles de Estagira** (384 a. C. – 322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. (Nota da *IHU On-Line*)

obra de Hobbes²⁹ que entende a constituição do Estado como um ato da vontade dos homens como indivíduos.

***IHU On-Line* – Qual era a conexão das mulheres com a filosofia na Idade Média?**

Alfredo Culleton – A filosofia na Idade Média não é uma ciência delimitada e masculinizada como se entende modernamente até Hannah Arendt³⁰. Na Idade Média, filosofia é todo saber de origem racional, mais ou menos sistemático, e neste sentido encontramos inúmeras mulheres participando ativamente das discussões filosóficas, teológicas e políticas, como Heloísa³¹,

²⁹ **Thomas Hobbes** (1588 – 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes foi secretário de Sir Francis Bacon. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ **Hannah Arendt** (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas. 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.1978; *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*.Lisboa: Instituto Piaget; *A Vida do Espírito*. v.I. Pensar. Lisboa: Instituto Piaget; *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'Água; *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensaios*. Lisboa: Relógio D'Água (edição da Perspectiva, 2002). Sobre Arendt, confira o número 168 da *IHU On-Line*, de 12 de dezembro de 2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível para *download* no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ **Heloísa**: intelectual da Idade Média conhecida pelo romance com o filósofo Pedro Abelardo, com quem teve um filho de nome Astrolábio. Tornou-se freira após seu tio, o cônego Fulbert, ter perseguido o

Clara de Assis³², Teresa de Ávila³³, que é doutora da Igreja, as fundadoras das ordens mendicantes femininas, Marie de Champagne³⁴, a Branca de Castela³⁵, que presidiu o reino da França por quase duas décadas até o seu filho Luís IX alcançar a maioridade, até as lendárias Papisas. Esses são alguns exemplos de mulheres letradas e de notável saber filosófico, teológico e político, sem falar nas mulheres que curavam e aconselhavam, conhecidas posteriormente como bruxas.

casal, e mandando castrar Abelardo. (Nota da *IHU On-Line*)

³² **Santa Clara de Assis** (1193-1253): destacou-se desde cedo pela sua caridade e respeito para com os pequenos, tanto que ao deparar-se com a pobreza evangélica vivida por São Francisco de Assis, foi tomada pela irresistível tendência religiosa de segui-lo. Enfrentando a oposição da família, que pretendia arranjar-lhe um casamento vantajoso, aos dezoito anos, Clara abandonou seu lar para seguir Jesus mais radicalmente. Seu nome vem de uma inspiração dada à sua religiosa mãe, a qual haveria de ter uma filha que iluminaria o mundo. Seu dia é comemorado em 11 de agosto. (Nota da *IHU On-Line*)

³³ **Teresa de Ávila** (1515 - 1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das *Carmelitas*. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior* ou *Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa - A Santa Apaixonada*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas*. São Paulo: Loyola, 1995; *Santa Teresa de Jesus - "Livro da vida"*. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1983. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁴ **Marie de Champagne** (1145-1198): filha de Luís VII, rei da França, e Leonor de Aquitania. Casou-se com Henrique I, o Liberal, conde de Champagne. Protegeu muitos escritores, como Chrétien de Troyes. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ **Branca de Castela**: princesa castelhana, filha de Afonso VIII de Castela e Leonor Plantageneta. Casou-se com o Príncipe Luís, futuro Luís VIII da França. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Em que consistia o filósofo como ideal de homem no século XIII?**

Alfredo Culleton - A intelectualidade da Europa central do século XIII recebe com tanto entusiasmo a proposta filosófico-científica de Aristóteles que muitos começam a aspirar como ideal de homem o filósofo em detrimento do ideal cristão da visão beatífica; ou começam a entender a visão beatífica, ou a contemplação divina face a face como a chance de compreender filosoficamente o universo e entender o ser sem mediações.

***IHU On-Line* - Como no *Guia dos Perplexos*, de Maimônides, baseado na filosofia aristotélica, concilia Judaísmo e razão?**

Alfredo Culleton - O *Guia dos Perplexos* é um texto orientado a responder a preocupação de um jovem religioso perplexo diante da aparente contradição entre verdade revelada e verdade científica ou racional. Maimônides³⁶ entende que a verdade para ser tal deve ser uma, e a revelação não é outra coisa que um modo de ser, um modo de se apresentar a verdade. Para ele verdade deve ser procurada por todos os meios, e a verdade, seja ela revelada ou de razão, deve estar a serviço do homem e não dos poderes ou instituições.

***IHU On-Line* - Qual a importância da filosofia árabe na Idade Média?**

Alfredo Culleton - A cultura árabe faz uma enorme contribuição ao mundo oriental na Idade Média, em campos tão variados como medicina, arquitetura, álgebra, arte, culinária e filosofia no sentido mais estrito, ao introduzir os textos de Aristóteles no cristianismo

³⁶ **Moshe ben Maimon** (1138-1204): conhecido como Moses Maimônides e Rambam. Filósofo, religioso, codificador rabínico e médico espanhol. De suas obras, a mais famosa é o *Guia dos perplexos*. (Nota da *IHU On-Line*)

medieval. Até a entrada dos árabes o cristianismo era fundamentalmente platônico. A maioria dos pensadores árabes, como Avicena³⁷, Averróes³⁸ e judeus como Gersônides³⁹ e Maimônides são médicos e filósofos. Estes pensadores querem saber e consideram todo saber legítimo; a nação muçulmana na Andaluzia, no sul da Península Ibérica, no século XIV tem uma biblioteca de mais de quinhentos mil volumes, centros de estudo e tradutores especializados que tornam acessíveis não só os textos de Aristóteles como o esforço de tornar compatíveis o saber grego com a tradição religiosa.

IHU On-Line - Como poderia ser caracterizada uma fundamentação racional para os direitos humanos em Suárez?

Alfredo Culleton - Este jesuíta espanhol publica em 1612 uma importantíssima obra de caráter filosófico-jurídica sob o

titulo *De legibus (Sobre a Lei)*, no qual entre, outras coisas, defende argumentativamente algumas teses de grande relevância: a) o direito exige uma fundamentação racional; b) essa racionalidade estende os direitos para além das fronteiras nacionais; c) esses direitos das gentes, daqueles que não pertencem, são naturais mas ao mesmo tempo devem ser positivados. Sobre Francisco Suárez⁴⁰ ministramos, juntamente com o professor Vicente Barretto⁴¹, um minicurso⁴² durante o *Seminário Internacional Os Jesuítas e a Globalização*.

³⁷ **Abu Ali al-Hussayn ibn Abd-Allah ibn Sina, ou Avicena** (980 - 1037): filósofo e médico árabe de cultura enciclopédica. Além de gramática, geometria, física, medicina, jurisprudência e teologia, estudou profundamente a filosofia platônica e aristotélica. Como filósofo, continuou a tradição aristotélico-platônica de Alkindi e Al-Farabi. Pressupondo a unidade da filosofia, tentou conciliar as doutrinas de Platão e Aristóteles. Avicena considerava o universo formado por três ordens: o mundo terrestre, o mundo celeste e Deus. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ **Averróes** (1126-1198): filósofo e físico árabe, também conhecido pelo nome de Averróis, um dos maiores conhecedores e comentaristas de Aristóteles. Aliás, o próprio Aristóteles foi redescoberto na Europa graças aos árabes e os comentários de Averróis muito contribuíram para a recepção do pensamento aristotélico. Averróis também se ocupou com astronomia, medicina e direito canônico muçulmano. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ **Gersônides** (1288-1344): judeu francês, matemático e filósofo. Seguidor das idéias de Maimônides e de Ibn Rushd, Gersonides sustentava que a verdade da razão não pode conflitar com a religião revelada. Dedicou grande atenção ao problema da possibilidade tanto da criação do universo a partir do nada como ao da existência da vontade livre do homem. (Nota *IHU On-Line*)

⁴⁰ **Francisco Suárez** (1548-1617): teólogo jesuíta espanhol. (Nota *IHU On-Line*)

⁴¹ **Vicente de Paulo Barretto**: advogado brasileiro, professor nas Universidades Estácio de Sá (UNESA), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Organizou e escreveu diversas obras, dentre as quais destacamos o *Dicionário de Filosofia do Direito*. São Leopoldo: Unisinos, 2006, coordenado por ele. Sobre o assunto concedeu uma entrevista especial às *Notícias Diárias* da página do IHU, em 09-05-2006. Na edição 195 da *IHU On-Line*, de 04-09-2006, concedeu a entrevista *Neurodireito: uma nova área do conhecimento*, disponível para download no sítio www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² **Seminário A globalização e os jesuítas, origens, história e impactos**: Evento que aconteceu de 25 a 28 de setembro, promovido numa parceria entre a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Instituto Humanitas Unisinos (IHU) e Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Aqui o entrevistado se refere, em específico, ao minicurso *Contribuições de Francisco Suárez para a formulação do Direito Internacional*, que foi ministrado em parceria com o Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto, em 26-9-2006, na Sala 1G119 do IHU, das 14 às 16h. Para mais informações sobre o evento, consulte a página do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

Idade Média, nosso antimundo

Entrevista com Jérôme Baschet



“A Idade Média é um período de esplendor e dinamismo”, diz o historiador francês Jérôme Baschet. Para Baschet, só compreendendo a Idade Média, podemos entender a colonização do continente americano pelos europeus. Mas ressalta: “A Idade Média é bem nosso antimundo: um mundo da tradição (ante a concepção moderna da história), um mundo da onipotência da Igreja (ante a laicização), um mundo da fragmentação dos poderes (ante o Estado), um mundo fundado sobre as relações sociais

interpessoais (ante o mercado), um mundo das regulamentações corporativas que odiava a concorrência, um mundo fundado sobre o vínculo das pessoas com seus lugares (ante a afirmação duma lógica geral de *deslocamentos*), um mundo de imagens-objetos (ante as imagens-em-tela da sociedade do espetáculo)”.

Discípulo de Jacques Le Goff, Jérôme Baschet, autor do livro *A Civilização Feudal*. Rio de Janeiro: Globo, 2006 é hoje um dos principais especialistas em Idade Média. As *Notícias Diárias* do sítio do IHU, disponíveis para *download* no endereço www.unisinos.br/ihu reproduziram uma entrevista com Baschet no dia 18-9-2006, por ocasião do lançamento do seu livro no Brasil. Baschet, professor na EHESS na França, concedeu a entrevista que segue por e-mail, logo após seu regresso ao México.

***IHU On-Line* – Em entrevista à *Folha de São Paulo*, o senhor fala que a satanização de Bush é um legado medieval. Bush é um bode-expiatório, como foram as bruxas e os não-cristãos, uma personificação “útil” do Mal?**

Jérôme Baschet – A frase segundo a qual a satanização de Bush (pelos islamitas) seria um legado medieval aparece no “chapéu” redigido pela redação da *Folha de São Paulo*⁴³, para introduzir minha entrevista. Mas, ela

corresponde menos ao que eu disse efetivamente, do tanto que eu falei sobre a necessidade de o poder norte-americano criar para si um inimigo (e não o inverso). Além disso, eu atraía a atenção para o fato de que este não era um fenômeno especialmente medieval, porém um traço próprio ao exercício do poder em numerosas sociedades, como podemos ver no estrato seguinte: “Pode-se dizer que os clérigos (da Idade Média) “inventaram” a idéia de que uma seita de feiticeiros, adorando Satã ameaçava destruir a cristandade, o que seguramente justificava a mais firme repressão e legitimava os poderes que lutavam contra este perigo. Todo poder necessita de um

⁴³ A entrevista foi publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo* em 17-9-2006 e reproduzida nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 18-9-2006. (Nota da *IHU On-Line*)

inimigo e de uma ameaça, pois sua mais segura justificação é a proteção que ele oferece contra tal perigo. Quando a Igreja terminou com as heresias, ela precisou inventar a seita dos feiticeiros. Quando os Estados Unidos acabaram com o poder soviético (que, sob esta ótica, prestou bons serviços), eles tiveram que inventar o terrorismo. E quanto mais terrível é a ameaça, mais o poder, que o poder reivindica, é extremo. Mas isso não é um fenômeno especificamente medieval; eu diria, antes, que é uma estratégia usual de legitimação do poder”. De modo mais geral, em todas as minhas respostas à *Folha de São Paulo* eu sublinhava que é sempre arriscado, e em geral pouco pertinente, procurar ver nesses fenômenos atuais a continuidade de uma realidade medieval.

IHU On-Line - A desvalorização da Idade Média pela modernidade pode ser explicada pelo desejo de esta se auto-afirmar como civilizada? Quais são os principais problemas em avaliar-se o passado segundo os conceitos do presente?

Jérôme Baschet - A primeira dificuldade consiste em entender o sentido da palavra “modernidade”. Seguindo Jacques Le Goff⁴⁴, defendo no meu livro a idéia de uma longa Idade Média, que se prolonga de fato até o século XVIII. A ruptura da Renascença deve ser relativizada, e a expressão habitual para designar os séculos XVI-XVIII (os “Tempos modernos”) é falaciosa. Para dar um exemplo, é somente, como o mostrou Reinhart Koselleck⁴⁵, na segunda metade de século

⁴⁴ Conferir entrevista nesta mesma edição. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **Reinhart Koselleck**: historiador nascido na Alemanha. Foi co-autor do *Geschichtliche Grundbegriffe. Historisches Lexikon der politisch-sozialen Sprache in Deutschland*, um dicionário histórico dos conceitos político-sociais fundamentais da língua alemã, em nove volumes, publicados

XVIII, com os pensadores das Luzes, que aparece uma concepção verdadeiramente moderna da história, uma concepção linear e unificada do processo histórico, fundada sobre a idéia do progresso. É somente então que o futuro pode ser concebido como diferente, e melhor que o passado. E é, ademais, neste momento que aparece o sentido atual da palavra “revolução”, como ruptura com o passado (quando antes ela designava principalmente o movimento cíclico e repetitivo dos planetas). A verdadeira modernidade começa então (e não com a Renascença do século XVI, que, a despeito das inovações que ela traz, permanece como fenômeno de essência medieval, que procura uma idade de ouro, não no futuro, porém no passado). É também no século XVIII que intervém uma desvalorização completa da Idade Média. Para os pensadores associados à ascensão da burguesia, a Idade Média torna-se o cúmulo do obscurantismo (ou seja, do poder da Igreja), da anarquia política (ao inverso do triunfo do Estado) e da estagnação econômica (em oposição às regras do mercado postuladas por Adam Smith⁴⁶). A Idade Média é, então,

entre 1972 e 1997, que teve como principal objetivo conhecer “a dissolução do mundo antigo e o surgimento do moderno por meio de sua apreensão conceitual”. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁶ **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores se encontravam submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu, em 2005, o **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. No segundo encontro deste evento, a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* número 133, de 21 de março de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

construída como o repositório da nova sociedade capitalista e burguesa que triunfa na Europa. Ao mesmo tempo, ela se torna completamente incompreensível, e é preciso crer que nós ainda vivemos no mesmo mundo que aquele que emerge, pois malgrado todos os esforços dos historiadores, os preconceitos sobre a Idade Média obscurantistas continuam tenazes. Ora, eu insisto, ao contrário, no meu livro, que a Idade Média é um período de esplendor e dinamismo excepcionais; sem isso, não se pode compreender a colonização do continente americano pelos europeus.

IHU On-Line - Se os séculos XVI e XVIII, já pertencentes à modernidade, são os mais profícuos na caça às bruxas, por que é a Idade Média que recebe a rotulação de inquisidora?

Jérôme Baschet - Você tem razão, em sua essência, a caça às bruxas não é um fenômeno medieval. Ela começa timidamente em meados do século XV, mas os processos maciços têm lugar nos séculos XVI e XVII. O número de vítimas é objeto de discussão entre os historiadores, mas uma estimativa da ordem de 40.000 execuções parece plausível. O que é, de qualquer maneira, considerável!

O preconceito mais comum não pode atribuir isso senão a uma Idade Média supostamente tenebrosa, e, em nenhum caso, a uma Renascença reputada luminosa e já racional. Seguramente, não se trata de idealizar a Idade Média, que era também uma época muito dura, mas, pelo menos, preciso retificar as formidáveis distorções provocadas por esquemas historiográficos inadequados. Como você vê, o que se chama de a “modernidade” dos séculos XVI e XVII é, talvez, ainda mais medieval que a própria Idade Média!

IHU On-Line - Por que a Idade Média é o inverso da modernidade?

Jérôme Baschet - Para pôr-nos bem de acordo, falamos agora da modernidade que se abre com as Luzes do século XVIII e que se prolonga até nós (com as crises sucessivas da modernidade, e o que se chama hoje de pós-modernidade).

A Idade Média, ou, caso se queira, a civilização feudal, era um período fundamentalmente dinâmico e criador, que lançou as bases do destino tão singular da Europa e de sua dominação progressivamente estendida a todo o planeta: é um fenômeno que explica amplamente a configuração geopolítica do mundo atual. Entretanto, essa civilização termina no século XVIII e desmorona diante da instauração das sociedades modernas, ou seja, do sistema capitalista que se estende a partir da revolução industrial. Trata-se de uma ruptura radical: nós estamos de um lado desta ruptura, e a Idade Média do outro. Precisamos, pois, fazer um esforço enorme para compreender esse mundo tão longínquo e finalmente tão oposto ao nosso. A Idade Média é bem nosso antimundo: um mundo da tradição (ante a concepção moderna da história), um mundo da onipotência da Igreja (ante a laicização), um mundo da fragmentação dos poderes (ante o Estado), um mundo fundado sobre as relações sociais interpessoais (ante o mercado), um mundo das regulamentações corporativas que odiava a concorrência, um mundo fundado sobre o vínculo das pessoas com seus lugares (ante a afirmação duma lógica geral de *deslocamentos*), um mundo de imagens-objetos (ante as imagens-em-tela da sociedade do espetáculo). Poder-se-ia continuar longamente essa lista...

De imediato, é preciso conceber, entre a Idade Média e nós, uma dupla relação: de um lado, a Idade Média é nosso antimundo; mas, ao mesmo tempo, é de

sua dinâmica que nasce a expansão colonial da Europa, o processo de ocidentalização do mundo e, finalmente, o sistema-mundo capitalista no qual vivemos e que hoje põe em risco a sobrevivência da humanidade. É uma

relação complexa, em parte contraditória, e é o que torna tão apaixonante o estudo da Idade Média, e, mais ainda, a possibilidade de fazer idas e vindas entre a compreensão do presente e a deste passado tão longínquo.

O mundo merovíngio e a construção da identidade cristã

Entrevista com Edmar Checon de Freitas

Graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Edmar Checon de Freitas é especialista em História Social pela mesma instituição. Seu mestrado e o doutorado em História foram cursados na Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua dissertação chama-se *Martinho de Tours, o apóstolo da Gália: monaquismo e evangelização na Vita Martini de Sulpício Severo*, e sua tese, *Realeza e santidade na Gália Merovíngia: o caso dos Decem Libri Historiarum de Gregório de Tours (538-594)*. É autor de vários artigos, capítulos de livros, bem como de resumos e comunicações publicados em anais de congressos e periódicos.

Por e-mail, o professor de História da UFF deu a entrevista que segue, enfatizando que é no mundo merovíngio que se pode acompanhar “a construção de uma identidade cristã que acolhe elementos tanto do mundo romano-cristão quanto das culturas não-cristãs”. Sobre a influência do cristianismo na sociedade medieval, o historiador disse que “toda a vida social, a cultura e mentalidade medievais passavam pelo cristianismo, embora não fossem exclusivamente cristãs”.

***IHU On-Line* - Quais seriam os traços mais marcantes do período merovíngio na Gália?**

Edmar Checon de Freitas – Destaco essencialmente o processo de interação entre as culturas germânica e romana. No mundo merovíngio⁴⁷, podemos

acompanhar a construção de uma identidade cristã que acolhe elementos tanto do mundo romano-cristão quanto das culturas não-cristãs. No plano político, temos a afirmação da realeza franca, também ela portadora de uma dupla herança: a monarquia imperial romana e a realeza germânica, ambas

⁴⁷ **Merovíngios:** dinastia franca que governou sobre um vasto conjunto de territórios que chegou a abranger a moderna França, e partes da Alemanha, Suíça e Benelux, entre os séculos V e VIII da nossa

Era. Os merovíngios devem o seu nome a Meroveu, rei semilendário dos Francos Sálhos (447-457) e fundador da dinastia. (Nota da ***IHU On-Line***)

aproximadas pelo modelo da monarquia cristã.

IHU On-Line - Como realeza e santidade se apresentavam na Gália merovíngia?

Edmar Checon de Freitas - Na minha concepção, podemos falar da construção da idéia de monarquia cristã na Gália do século VI. A santidade, exigível de todo cristão, o era de modo especial no caso dos reis, a quem se atribuía o estabelecimento e a conservação da ordem cristã. A santidade, explicitada por virtudes, como bondade, justiça, caridade, temperança e piedade, não era um atributo particular dos reis, mas uma condição para o pleno exercício de seu papel.

IHU On-Line - Em linhas gerais, como pode ser descrito o monacato basiliano em suas relações com a igreja e a sociedade no Oriente do século IV?

Edmar Checon de Freitas - Aqui recuamos um pouco no tempo com relação às questões anteriores. O modelo monástico proposto por São Basílio de Cesaréia⁴⁸ (ou Magno, 330-379) foi marcado pela busca da harmonia na comunidade monástica, a rejeição do rigorismo ascético extremado, o apelo à submissão diante das autoridades eclesiásticas e à integração na sociedade. Embora tendo se retirado do mundo, o monge basiliano não deveria se alienar do mundo, e sim contribuir para sua melhora. Concretamente se tratava da prática da virtude da caridade, por meio da assistência aos pobres e doentes.

IHU On-Line - Como se caracterizava a santidade monástica do século IV? Como a vida monástica preparou o

terreno para o florescimento da cultura no seio da Igreja?

Edmar Checon de Freitas - No cristianismo do século IV, os monges eram percebidos como uma extensão da milícia celeste (os anjos), devendo combater cá embaixo as forças demoníacas. Forjavam em seus corpos um espaço sagrado, impenetrável para os demônios. A preparação desse corpo santo dava-se por meio dos jejuns, das mortificações e da oração, por meio dos quais o monge concretizava o ideal de renúncia ao mundo. Bem cedo, a Igreja percebeu a força de tal movimento e a necessidade de uma sólida base intelectual para suportá-lo. Tornaram-se os retiros monásticos repositórios do saber, conservando para os tempos medievais muito da cultura antiga.

IHU On-Line - Quais são as possíveis aproximações entre cristianização e violência no período merovíngio? Quais foram os impactos dessa cristianização da Europa dos séculos IV a VIII?

Edmar Checon de Freitas - A violência era parte do cotidiano do mundo merovíngio. No que se refere à cristianização da Europa cabem destacar dois aspectos, não circunscritos unicamente à Gália merovíngia: em primeiro lugar, a cristianização implicou um processo de destruição de templos, ídolos e santuários em geral, sobretudo em fins do século IV; além disso, houve em vários momentos episódios de conversão forçada. Não se deve esquecer ainda que a própria imposição de uma nova fé já carrega em si a marca da violência. Quanto aos impactos da cristianização na Europa, insisto na formatação de uma cultura e de uma identidade cristãs, a meu ver a essência da idéia de Cristandade.

IHU On-Line - Como o cristianismo

⁴⁸ São Basílio (329-379): padre da Igreja, teólogo e escritor cristão do século IV. (Nota da *IHU On-Line*)

influenciou a sociedade medieval e modificou-a?

Edmar Checon de Freitas – Toda a vida social, a cultura e mentalidade medievais passavam pelo cristianismo, embora não fossem exclusivamente cristãs. Fico com dois aspectos a meu ver essenciais: a promoção, ainda que embrionária, da idéia de indivíduo, pois o cristianismo supõe, num certo nível, uma relação individual com Deus e o postulado da igualdade entre os homens, embora referido originalmente aos membros da comunidade cristã e pensado no plano espiritual.

IHU On-Line - Quais são as principais características da narrativa hagiográfica do século IV, sobretudo a respeito de Gregório de Tours?

Edmar Checon de Freitas – No século IV, a tradição hagiográfica produziu, sobretudo, vidas de santos. Esse aspecto biográfico, de certo modo já presente nos antigos relatos das paixões dos mártires, contribuiu para a difusão do culto dos santos, especialmente mártires, monges e taumaturgos. Nos tempos de Gregório de Tours⁴⁹ (538-594), ao lado das *vitae* encontramos as coleções de milagres, fortemente associadas à promoção de centros de culto (igrejas que possuíam a tumba e o corpo de um santo ou suas relíquias).

IHU On-Line - Em que aspectos as sociedades antiga e medieval diferem mais?

Edmar Checon de Freitas – Ambas pretendiam refletir uma certa ordem

superior, mas enquanto a Antigüidade Clássica voltava-se para a ordem cósmica, imutável, a civilização cristã medieval construiu-se sob a marca do transitório. Na concepção cristã, Deus não é parte da ordem cósmica, e sim sua fonte criadora; assim a articulação espaço-tempo corresponde a um momento de um drama histórico linearmente concebido. Em outras palavras, a sociedade medieval percebia-se como parte da história da salvação, caminhando no sentido do Juízo Final. Essa noção de transitoriedade foi fundamental para o enraizamento da noção de mudança social.

⁴⁹ São Gregório de Tours (538-594): historiador galo-romano e bispo de Tours. É considerado a principal fonte contemporânea da história merovíngia. Seu mais notável trabalho foi seu *Decem Libri Historiarum* (*Dez Livros de História*), mais conhecido como *Historia Francorum* (*História dos Francos*), um título dado por cronistas posteriores. (Nota da *IHU On-Line*)

A Cocanha como utopia e Dante como poeta do Absoluto

Entrevista com Hilário Franco

A utopia da Cocanha, país imaginário criado na Idade Média, “representava, no plano da imaginação, a superação das limitações da sociedade medieval”, disse o medievalista Hilário Franco em entrevista à *IHU On-Line*. Ele afirma que essa criação medieval baseia-se, como toda utopia, na “imagem invertida de certa realidade histórica”. Outras utopias encontraram espaço na história da humanidade, como a ilha da Utopia, de Tomás More, na Idade Moderna, e a sociedade comunista de Marx. Franco comenta também a respeito da importância de Dante Alighieri, por ele chamado de Poeta do Absoluto. Confira detalhes na entrevista que segue, concedida interativamente por e-mail.

Hilário Franco Junior é professor da Pós-Graduação do Departamento de História da USP. É doutor em História Social pela mesma universidade com a tese: *As peregrinações a Santiago de Compostela e a formação do feudo-clericalismo periférico na península ibérica*, 1982. Possui Pós-Doutorado pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Escreveu, entre outros livros, *Cocanha. A História de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 e *O ano 1000. Tempo de medo ou de esperança?* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

***IHU On-Line* – A primeira questão é quase inevitável: estudamos a Idade Média no nosso país, que não conheceu esse período histórico. Por que ela representou o nascimento do Ocidente, como o senhor diz no título de um de seus livros?**

Hilário Franco – Sim, o Brasil é um país de cultura ocidental, fala uma língua européia, segue majoritariamente uma religião desenvolvida na Europa, tem instituições políticas, econômicas e culturais originárias daquele continente. Portanto, para bem compreender nossa própria história e identidade é preciso conhecer não apenas a trajetória mais recente, mas também nossas raízes longínquas. Contudo, é preciso não dar conotação utilitária ao estudo da História.

Esta é um precioso material, talvez o maior de todos, para alimentar intelectualmente o ser humano. Qualquer reflexão, sobre qualquer tema, precisa ser dimensionada historicamente. É assim que se percebe não existir verdades definitivas e incontestáveis, não haver superioridades étnicas, culturais ou religiosas. E essa é, evidentemente, uma lição preciosa.

***IHU On-Line* – Por falar em verdades definitivas, é possível empregar o termo utopias com relação à Idade Média? Nesse caso, quais foram as principais utopias medievais?**

Hilário Franco – Bem, quanto à palavra utopia sabe-se que foi criada pelo

humanista inglês Tomás More⁵⁰ em 1516, porém no sentido largo de projeto de sociedade ideal ela pode ser utilizada com relação a épocas anteriores, porque o homem nunca deixou de ser crítico ao próprio presente e de sonhar com uma organização social diferente, considerada superior àquela então vivida. Claro que esses sonhos coletivos eram (e são) construídos pela negação ou inversão da realidade histórica da época que os produz. E chega-se assim a um paradoxo interessante: toda utopia imagina pôr fim à história, alcançar a perfeição, sem perceber que o próprio conceito de perfeição é histórico. Portanto, falando da Idade Média, naquele período sonhava-se com situações que superassem as dificuldades concretas de então. A vida monástica era pensada como uma utopia, uma comunidade de homens ou mulheres que isolada do resto do mundo podia levar uma vida de pureza, paz, justiça e ordem; o monge via-se como uma espécie de Adão antes do pecado, homem inocente vivendo perto de Deus. O Império de Preste João, vasto território que se imaginava existir no Oriente, reuniria diferentes povos vivendo em harmonia sob o comando daquele personagem ao mesmo tempo rei e sacerdote; o oposto, portanto, do que ocorria na Europa de então, dividida e em conflito constante entre imperador e papa, que disputavam o poder único e supremo. A Cocanha⁵¹ seria o país da abundância, sonho compreensível na Europa medieval que tinha problemas

⁵⁰ **Tomás More** (1478 - 1535): escritor e estadista inglês. Ocupou o cargo de lorde chanceler, o mais alto posto judicial na Inglaterra, de 1529 a 1532. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵¹ **Cocanha**: país mitológico conhecido durante a Idade Média. Nesta terra mitológica, não havia trabalho e o alimento era abundante. Vivia-se entre os rios de vinho e leite, as colinas de queijo e leitões assados voadores. O país da cocanha, ou *cocagne*, foi retratado pelo pintor Hieronymus Bosch. (Nota da *IHU On-Line*)

para produzir alimento suficiente para sua crescente população.

***IHU On-Line* - No que consistia exatamente a Cocanha? O que essa utopia expressava da sociedade e do imaginário da Idade Média?**

Hilário Franco - Cocanha é o nome de um país imaginário descrito por um poema francês de meados do século XII e que seria depois traduzido e adaptado em várias línguas, além de versões iconográficas, o que mostra que sua mensagem sensibilizava os europeus de então. A descrição do país é sucinta, porém eloqüente. Ali existe um rio de vinho, metade tinto, metade branco. Ali chove pudins. Ali há gansos assados que voam em direção à boca das pessoas. Ali as casas são feitas de peixes, salsichas e toicinho. Como a insuficiência alimentar não era o único problema da sociedade concreta, na Cocanha roupas e calçados são distribuídos gratuitamente. Contra o duro trabalho cotidiano, aquele país propõe um calendário só de domingos e festas. Contra a rígida moral cristã, há liberdade sexual total. Contra a própria condição humana de envelhecimento e morte, há uma fonte da juventude. Ou seja, a Cocanha representava, no plano da imaginação, a superação das limitações da sociedade medieval.

***IHU On-Line* - É possível comparar a utopia da Cocanha com as utopias da modernidade ?**

Hilário Franco - Como disse na segunda resposta, toda utopia é a imagem invertida de certa realidade histórica. Então, se a Cocanha é criação da Idade Média, ela respondia às necessidades da sociedade medieval; se a ilha da *Utopia*, de Tomás More é criação da Idade Moderna, ela respondia às necessidades da sociedade moderna; se a sociedade comunista de Marx é criação da Revolução Industrial, ela respondia às necessidades da sociedade industrial. Mas

entre as utopias de diferentes épocas é possível encontrar alguns pontos comuns, pois certos desejos parecem estar sempre presentes em determinados grupos sociais independentemente do momento histórico. Para ficar com apenas um elemento, as três utopias citadas põem fim à carestia alimentar, embora por caminhos diferentes, a prodigalidade da natureza na Cocanha, o trabalho duro na Utopia, a divisão igualitária da produção no comunismo.

IHU On-Line - Mudando de assunto, por que o senhor considera Dante Alighieri o Poeta do Absoluto?

Hilário Franco – Sempre é difícil, senão impossível, sintetizar um personagem tão rico e multifacetado como Dante⁵² em uma fórmula simples. Quando o defini como Poeta do Absoluto, foi para indicar que os grandes temas que tratou foram colocados menos na esfera humana que na esfera divina, absoluta. Em sua obra, cada assunto visava muito além de sua aparência imediata. Por exemplo, ele fala no amor que tem por Beatriz para na verdade referir-se ao Amor divino, ele fala de seu exílio pessoal de Florença para evocar o Exílio do gênero humano na Terra desde a expulsão do Paraíso.

IHU On-Line - Por que a Divina Comédia tem esse nome? "Comédia" é por oposição ao gênero tragédia?

Hilário Franco – Exatamente. O título original é na verdade apenas *Comédia*, o

⁵² **Dante Alighieri** (1265-1321): escritor italiano. Estudou Teologia e Filosofia, sendo profundo conhecedor dos clássicos latinos e dos filósofos escolásticos. Pertenceu ao Partido Guelfo, lutou na Batalha de Campaldino contra os Gibelinos e, por volta de 1300, iniciou a carreira diplomática. Em 1302, foi preso por causa das suas atividades políticas. Iniciou-se, então, a segunda etapa da sua vida: o exílio definitivo, pois não aceitou as anistias de 1311 e 1315. Afastado de Florença, viveu em Verona e em Lunigiana. Sua principal obra é *A Divina Comédia*. (Nota da *IHU On-Line*)

adjetivo foi acrescentado um pouco mais tarde, em 1373, por outro grande poeta italiano, Giovanni Boccaccio⁵³, para indicar o assunto e a qualidade do poema. Usado pela primeira edição impressa, em 1555, esse título acabaria por se impor. Tragédia, explica o próprio Dante em outro texto, designa uma história que começa bem e acaba mal, ao contrário de comédia, que começa mal e acaba bem. E essa é a trajetória do próprio Dante no seu poema, que principia com ele perdido em “floresta escura”, atravessa os vários andares do Inferno, passa pelos diferentes níveis do Purgatório para enfim alcançar o Paraíso e nele ir subindo até ter a visão de Deus.

IHU On-Line - De que forma a Divina Comédia retrata o mundo medieval e a mentalidade daquela época?

Hilário Franco – A estrutura do poema é a estrutura do Além tal como ele era concebido na época em que Dante escreveu a obra, entre 1304 e 1321. Nessa viagem imaginária pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, Dante encontra centenas de personagens então bem conhecidos e faz descrições e comentários que nos informam sobre as atividades e o pensamento deles. É claro que não se trata de relato isento, e sim de maneira do poeta criticar ou elogiar certas pessoas, colocando-as no Inferno ou no Paraíso. É, portanto, uma visão pessoal nos detalhes, mas que, nas suas linhas essenciais, respeitava a visão de mundo da época, caso contrário não teria sido entendida e apreciada como foi.

IHU On-Line - Podemos dizer que a divisão Inferno-Purgatório-Paraíso usada por Dante naquele poema

⁵³ **Giovanni Boccaccio** (1313 - 1375): foi um autor e poeta italiano, filho de um mercador. Boccaccio não se dedicou ao comércio como era o desejo de seu pai, preferindo cultivar o talento literário que se manifestou deste muito cedo. (Nota da *IHU On-Line*)

continua a influenciar o homem contemporâneo?

Hilário Franco – Embora a *Comédia* tenha sem dúvida ajudado bastante a preservar aquela concepção do mundo extraterreno, ela é um dado do cristianismo, não de Dante Alighieri. Assim, as pessoas que hoje acreditam naquela divisão fazem-no por causa da religião, não da literatura. O mesmo ocorre nas referências profanas àqueles lugares: quando Sartre diz que “o Inferno são os outros” ou quando alguém qualifica um local muito bonito e agradável de “Paraíso”, estão recorrendo a elementos profundamente enraizados na cultura ocidental cristã em geral, não a Dante Alighieri em particular.

***IHU On-Line* – No que consiste aquilo que o senhor chama de Trindade do Mal ou demonização social na obra de Dante?**

Hilário Franco – Ao contrário do que se pensa no senso comum, Dante não era

apenas um poeta místico envolvido com temas teológicos. Era também um homem perfeitamente inserido nas grandes questões materiais do seu mundo. Interessou-se pela atividade que hoje chamamos de política, participou em certo momento do governo de Florença e por causa disso acabou sendo exilado. Ele utilizou várias de suas obras, inclusive a *Comédia*, para defender suas posições nesse campo. Em resumo, ele era muito crítico com relação a três poderes, a burguesia, a cidade de Florença e o Papado. Eles constituíam para Dante uma espécie de Trindade do Mal, manifestações diabólicas que impediam o surgimento de um mundo mais puro e justo. Se quisermos voltar para o início de nossa conversa, a Trindade do Mal seria uma contra-utopia a ser eliminada para que se pudesse instalar a utopia do poeta, a organização social sonhada por ele.

A atualidade de Tomás de Aquino

Entrevista com Jean Lauand



Em entrevista por e-mail, exclusiva à *IHU On-Line*, o professor titular de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), analisou diversos aspectos do importante legado do filósofo cristão Tomás de Aquino, que, em seu ponto de vista, continua atual. Um deles é a filosofia da educação: “é altamente sugestiva a genial comparação da aprendizagem com a cura e a do professor com o médico”, contida no *De Magistro*.

Graduado em Matemática pela USP, Lauand é mestre e doutor em Filosofia e História da Educação pela mesma instituição. Sua tese intitula-se *O caráter filosófico da Universidade na Filosofia da Educação de Josef Pieper*. É duas vezes livre-docente pela USP: o primeiro título foi obtido em 1995, e o segundo em 2000. Publicou 179 artigos acadêmicos em periódicos especializados, além de 46 livros, dos quais citamos *Raízes do pensamento medieval*. Manaus: Amazonian Book-Sellers, 1993; *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998; *Sete Conferências sobre Tomás de Aquino*. São Paulo, ESDC, 2006. São Paulo: ESDC, 2006. É um dos autores de *Opus Dei. Os bastidores*. Campinas: Verus, 2005.

***IHU On-Line* – Como a ciência e a Weltanschauung se relacionam com a álgebra como ciência árabe? Quais foram as contribuições dessa cultura para o legado medieval?**

Jean Lauand – Começemos pelo caso da Álgebra, que ajuda a compreender muitos aspectos culturais. Uma primeira observação importante é que a álgebra surge, como você bem lembrou, como “ciência árabe”, num sentido muito mais profundo do que o de uma mera “casualidade” de ter sido um árabe o seu criador, Al-Khwarizmi⁵⁴. Muhammad Ibn

Musa Al-Khwarizmi foi membro da “Casa da Sabedoria”, a importante academia científica de Bagdad, que alcançou seu esplendor sob Al-Ma’amun (califa de 813 a 833). A ele, Al-Khwarizmi dedicou seu *Al-Kitab al-muhtasar fy hisab al-jabr wa al-muqabalah* (*Livro breve para o cálculo da jabr e da muqabalah*), o livro fundador da álgebra.

O califa Al-Ma’amun patrocinava as ciências e promoveu muitas traduções de obras gregas: de matemática, filosofia etc. E a álgebra surge como uma veemente afirmação árabe numa academia que está

⁵⁴ Al-Khwarizmi: matemático e astrônomo árabe. É considerado o pai da álgebra. Ele sistematizou a

resolução de equações do 1º e 2º grau com uma incógnita. (Nota *IHU On-Line*)

se embecendo de uma cultura “estrangeira”. E é que a ciência, a filosofia e as artes não são alheias a outros aspectos culturais, por vezes muito importantes. O filósofo Johannes Lohmann chega a falar de um sistema língua/pensamento, totalmente diferente no caso do grego (um sistema *logos*, de uma língua centrada no verbo ser, tendendo a uma detalhada correspondência biunívoca entre o pensamento e a realidade) e no caso do árabe (segundo Lohmann, um sistema *ma’na*, em que essa correspondência milimétrica não é buscada e inexistente o verbo ser como verbo de ligação). Numa comparação bem vulgar, eu diria que o grego busca uma marcação “homem a homem” do pensamento para com a realidade; enquanto o sistema árabe marcaria “por zona”.

Assim, a matemática grega não dispõe de zero ou números negativos, o que constitui algo não suportado pelo sistema, que busca a correspondência biunívoca com o real (e, “na realidade” não se dão o zero ou negativos). É conhecido também o gravíssimo escândalo que foi para a mentalidade grega a descoberta dos números irracionais... Já para o sistema língua/pensamento árabe, para o sistema *ma’na*, descomprometido com a correspondência *logos*, o zero e os números negativos ou irracionais são aceitos com a maior naturalidade. Embora correndo o risco de estilizar demais, eu diria que a (relativa) ausência do verbo *ser* na gramática árabe é o que permite lidar com o zero (etc.) e permite a álgebra.

O contraste alcorão-evangelho

Tenha-se em conta também que essa grande explosão cultural e científica árabe dá-se muito cedo, historicamente: pouco depois do surgimento do Islã. E aí temos um fator histórico decisivo para o surgimento da álgebra como ciência

árabe. E é que o alcorão (eu continuo dizendo alcorão, pois se nos fosse imposta a forma corão, deveríamos também dizer “mofada” em vez de almofada; “face” em vez de alface etc.), na sura 4, “As mulheres”, estabelece com a força de um decreto de Allah, uma série de critérios concretos para a herança: “Allah recomenda-vos acerca da herança de vossos filhos: ao homem cota igual à de duas mulheres. Então, se forem mulheres, duas ou mais de duas, terão dois terços do que deixar o falecido. Etc. etc. etc.” (4, II e ss. Cito pela monumental recém-publicada tradução de meu querido mestre, professor Helmi Nasr⁵⁵). Assim, a álgebra é criada para resolver um problema: o da herança, que além de ser muito espinhoso em qualquer sociedade, é também, para o Islã, um grave problema de consciência religiosa. Desculpado o trocadilho, a álgebra surge para (literalmente) equacionar esses versículos do alcorão. É interessante observar também o contraste do alcorão com o evangelho: enquanto o alcorão prescreve precisamente as quotas de partilha, Cristo recusa-se a estabelecer critérios concretos para a herança. E é que por coincidência, o mesmo problema da herança (para o muçulmano, sob a legislação direta de Allah) é proposto a Cristo. Cristo, que declara - algo impensável na visão muçulmana - “A César o que é de César; a Deus o que é de Deus”, recusa-se a estabelecer concretamente os termos da herança. Trata-se de um episódio evangélico aparentemente intrascendente: “um da multidão” aproxima-se de Cristo e faz um pedido: que Jesus use Sua autoridade para convencer seu irmão a repartir com ele a herança (Lc 12, 13). Para surpresa

⁵⁵ **Helmi Nasr**: professor aposentado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Traduziu o alcorão para o português durante 23 anos. (Nota *IHU On-Line*)

daquele homem (e contrariando a mentalidade antiga e a oriental, que uniam o poder religioso a questões temporais...), Cristo recusa-se terminantemente a intervir nessa questão: “Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro de vossa partilha?” (Lc 12, 14). O máximo a que Cristo chega é a uma condenação genérica da cobiça, contando a esses irmãos a parábola do homem rico cujos campos haviam produzido abundante fruto e com o célebre convite à contemplação dos lírios: “Olhai os lírios do campo...” Naturalmente, este ponto, a propensão do Islã a tornar religiosos problemas temporais é de extrema atualidade⁵⁶.

A mediação árabe

Passemos para a segunda parte de sua pergunta, sobre as contribuições da cultura árabe para nosso legado medieval. São incalculáveis: a Idade Média deixa de ser *Dark Ages* e ocorre o “renascimento” do século XII precisamente na medida em que vai tomando conhecimento, pelo movimento de traduções do árabe de obras de filosofia, matemática, medicina etc. Como se sabe, as próprias obras ocidentais tornaram-se desconhecidas da primeira Idade Média e um autor tão essencial como Aristóteles, por exemplo, “volta” ao Ocidente por meio de traduções do árabe.

Um caso emblemático é o do xadrez. Com o xadrez – esse misto de arte, diversão, ciência e imagem do mundo –, como com tantas outras realidades culturais e científicas, os árabes cumprem uma missão, profeticamente estabelecida pelo alcorão como al-Usta, ser um povo de mediação (sura 2, 143), fazendo a ponte entre o Oriente e o Ocidente que a

⁵⁶ Os detalhes técnicos e outros aspectos ligados à *Weltanschauung*, no caso, estão disponíveis na Internet em: <http://www.hottopos.com.br/notand5/algeb.htm>. (Nota do entrevistado)

Allah pertencem (sura 2, 142). Os árabes fazem a mediação: aprendem a cultura de outros povos, assimilam-na a seu modo (e, em tantos casos, enriquecem-na enormemente) e repassam-na. Se, como dizíamos, o próprio Aristóteles só “volta” ao Ocidente medieval pela mediação árabe, o mesmo acontece com diversos aspectos da cultura oriental: o xadrez, tomado aos persas, chega ao Ocidente pelos árabes. Sempre de novo pelo trabalho de tradução, no caso do xadrez, por D. Alfonso, o Sábio (séc. XIII).

É muito interessante observar que essa mediação manifesta-se já na linguagem. Assim como quando se introduziu no Brasil o futebol, originário da Inglaterra, importamos também o léxico do jogo (o próprio nome futebol, bem como gol, pênalti, drible, craque, time – *goal, penalty, dribble, crack, team* etc.), assim também, os nomes das peças do jogo em árabe são tomados do persa: *shah* (rei), *firzan* (sábio, para a peça que hoje se chama dama) etc. E nas línguas ocidentais até hoje há nomes árabes para peças: bispo em espanhol é alfil (*al-fil*, literalmente, o elefante); torre em inglês é rock (*rukhh*)...

O primeiro tratado de xadrez composto no Ocidente – o *Libro del Acedrex* de D. Alfonso X, o Sábio (1221-1284), é tomado dos tratados e problemas enxadrísticos árabes – e preserva os nomes das peças e posições como: *alfil, roque, alferza, alfilada* etc., que denotam sua origem imediata árabe. Nessa época, enquanto o livro de D. Alfonso não é mais do que um engatinhar, os árabes tinham um desenvolvimento incrível e elaboradíssimo no xadrez⁵⁷.

IHU On-Line – Em que consiste a filosofia da educação de Tomás de

⁵⁷ Também aqui posso indicar um estudo disponível na Internet: <http://www.hottopos.com.br/rih3/xadrez.htm>. (Nota do entrevistado)

Aquino? Quais são suas influências nos dias atuais?

Jean Lauand - Santo Tomás de Aquino protagoniza um momento muito especial da história do pensamento: situado naquele agitado século XIII, em torno às polêmicas sobre o recém-(re)descoberto Aristóteles; os problemas que enfrenta a nova instituição universidade etc. É um século no qual irrompem grandes desafios, como o de harmonizar a pesquisa profana sobre o mundo com a teologia. Esta é uma tarefa que muitos consideravam impossível e vai ser uma das grandes contribuições de Tomás: a aceitação plena do mundo a partir da fé. Afinal, Deus é o criador também do mundo material e o conceito de criação em Tomás, central em sua visão de mundo, é também a base de sua concepção de homem e de sua filosofia da educação.

Essa pressuposição da realidade natural expressa-se em um clássico princípio de Tomás: "a graça não suprime a natureza, aperfeiçoa-a". Também para a concepção de homem e para a educação, a afirmação da realidade natural é uma grande contribuição de Tomás: contra um espiritualismo exagerado de um lado, e os do materialismo, do outro. O pensamento pedagógico de Tomás encontra-se sobretudo na "questão disputada" *De Magistro*, na qual Tomás expõe sua concepção de ensino/aprendizagem em oposição às doutrinas dominantes da época. Mas, por detrás de questões pedagógicas, encontram-se, na verdade, concepções filosóficas - a filosofia da educação é inseparável da antropologia filosófica - e teológicas, de modo que teremos que falar também da concepção de homem do Aquinate.

Como dizia, a antropologia de Tomás - revolucionária para a época - afirma o homem em sua totalidade (espiritual, sim, mas de um espírito integrado à matéria) e

está em sintonia com uma teologia (também ela dissonante para a época) que, precisamente para afirmar a dignidade de Deus criador, afirma a dignidade do homem e da criação como um todo: material e espiritual. Sugestiva é, por exemplo, a luta que Tomás teve de travar na Universidade de Paris para defender a tese da unicidade da alma no homem: a mesma e única alma é responsável pelos atos mais espirituais e mais prosaicos no homem (a teologia dominante - pensando dar glória a Deus - separava "a alma espiritual" das "outras duas" - sensitiva e vegetativa - em favor de uma antropologia "espiritualista" e desencarnada).

Nesse quadro de oposição a um cristianismo demasiadamente espiritualista e que pretende exagerar o papel de Deus e aniquilar a criatura, compreendem-se as colocações de Tomás e até mesmo os artigos selecionados para a questão *De Magistro*. art. 1 - Se o homem - ou somente Deus - pode ensinar e ser chamado mestre; art. 2 - Se se pode dizer que alguém é mestre de si mesmo; art. 3 - Se o homem pode ser ensinado por um anjo; art. 4 - Se ensinar é um ato da vida ativa ou da vida contemplativa.

Não é de estranhar, portanto, que Tomás comece discutindo a objeção: "Se o homem - ou somente Deus - pode ensinar e ser chamado mestre" (o fato curioso é que Tomás discuta isso precisamente como professor em sala de aula...). O exagero do papel de Deus - no caso, em relação à aprendizagem - é por conta daquela teologia que considera tão sublime a inteligência humana que, em cada caso que ela ocorre, requereria uma iluminação imediata de Deus. Tomás, em seu realismo, sim, admite uma iluminação de Deus, mas esta iluminação, Deus no-la deu, de uma vez por todas, dotando-nos da "luz natural da razão", aliás, dependente das coisas mais sensíveis e materiais...

Dualismo "exagerado"

A palavra-chave para entendermos a doutrina de Tomás sobre o homem é "alma", que, classicamente, designa o princípio da vida. O referencial a que Tomás se remete nestes temas é a doutrina estabelecida por Aristóteles em seu *Peri Psyché, Sobre a alma*. A "psicologia" de Aristóteles emergiu como uma reação de equilíbrio e moderação ante o exagerado espiritualismo da antropologia de Platão (que tem encontrado sucessivas versões tanto no Ocidente como no Oriente...). O espiritualismo platônico é uma certa tomada de posição radicalmente dualista diante da questão: "O que é o homem?". Platão situa espírito e matéria como realidades justapostas, disjuntas, em união fraca e extrínseca no homem. O homem, para Platão, seria primordialmente espírito (e o corpo seria, nessa visão, algo assim como um mero cárcere do espírito).

Do ponto de vista de Tomás, esse dualismo platônico atenta contra a intrínseca unidade substancial do homem, ao desprezar a dimensão material do ser humano, exagerando a separação entre o espiritual e o corpóreo. Assim, a questão "O que é o homem?" é uma questão inquietante porque a realidade humana se apresenta como fenômeno muito complexo: integrando em si a unidade harmônica de espírito e matéria. A dimensão corporal é plenamente afirmada e reconhecida como integrante da natureza humana: o fato, afinal evidente, de que o homem é um animal, compartilhando uma dimensão material - um corpo, uma bioquímica... - com os outros animais (expressão muito usada por Tomás). Mas, se por um lado, afirma-se a realidade corpórea, por outro, afirma-se, com igual veemência, que há também, no homem, uma transcendência do âmbito meramente biológico: certas

características que, classicamente, têm sido chamadas de espirituais, características ligadas às duas faculdades espirituais da alma humana: a inteligência e a vontade.

Ora, a alma não opera diretamente, mas por meio de suas potências operativas: a potência visual, a potência motriz etc. No caso do homem, sua alma - além das características próprias e peculiares próprias da inteligência - realiza todas as operações dos graus inferiores de vida. A alma humana não só é responsável pela realização das operações ligadas às faculdades da vida vegetativa - a circulação do sangue, a digestão etc. -; a mesma e única alma realiza também as operações sensitivas (próprias da vida animal, como o conhecimento sensível) e, além de tudo isto, essa mesma alma irrompe numa dimensão nova: a dimensão do espírito.

Se o conhecimento sensível versa sobre a realidade particular e concreta (este vermelho, este sabor salgado, esta forma triangular etc.); a inteligência humana transcende, supera esse âmbito do particular, do material e do concreto e pode versar sobre o universal. A geometria, por exemplo, como conhecimento intelectual humano, não se ocupa desta forma triangular do recorte de papel que tenho diante dos olhos; ela trata, sim, do triângulo abstrato. E diz: "A soma dos ângulos internos do triângulo vale dois retos". Destaquemos, nessa afirmação, seu caráter abstrato e universal: pouco importa se o triângulo é azul ou amarelo, se é acutângulo, retângulo ou obtusângulo, a inteligência versa sobre "o triângulo". E, para "o triângulo": "A soma dos ângulos internos é dois retos". Já a medicina estuda hepatologia, independentemente deste fígado ser de Maria ou de José.

Esta capacidade da inteligência de apreender o universal e abstrato abre um mundo sem fronteiras para o

conhecimento: ele não se limita à realidade concreta que o circunda, mas atinge todo o ser. E precisamente essa abertura para a totalidade do real é o que se chama de espírito. Espírito é a capacidade de travar relações com a totalidade do real. Daí que Tomás repita, uma e outra vez, a sentença aristotélica: *Anima est quodammodo omnia*, “A alma humana, sendo espiritual, é, de certo modo, todas as coisas”...

Contra todo dualismo que tende a separar exageradamente no homem a alma espiritual e a matéria, Tomás afirma a intrínseca união, a substancial união de ambos os princípios: a alma espiritual, como forma, requer - em tudo por tudo - a integração com a matéria. Pense-se, por exemplo, em todo o tema - hoje mais agudo e atual do que nunca - das doenças psicossomáticas: da relação, digamos, entre um desgosto ou uma crise existencial, por um lado, e uma gastrite ou uma úlcera, por outro. Mas o exemplo mais veemente dessa integração é encontrado na discussão do objeto próprio da inteligência humana.

O ensino em Tomás de Aquino

Como dizíamos, não operamos diretamente pela alma, mas por meio de suas potências operativas. E cada potência da alma é proporcionada a seu objeto: a potência auditiva não capta cores, a potência visual não atua sobre aromas. Dizer que a inteligência é uma potência espiritual é dizer que seu campo de relacionamento é a totalidade do ser: todas as coisas - visíveis e invisíveis são inteligíveis -; “calçam” bem, combinam com a inteligência. Contudo, a relação da inteligência humana com seus objetos não é uniforme. Dentre os diversos entes e modos de ser, há alguns que são mais direta e imediatamente acessíveis à inteligência. É o que Tomás chama de objeto próprio de uma potência: aquela dimensão da realidade que se ajusta, por

assim dizer, “sob medida” à potência (ou, melhor dito, é a potência que se ajusta àquela realidade). Não que a potência não incida sobre outros objetos, mas o objeto próprio é sempre a base de qualquer captação: se pela visão captamos, por exemplo, número e movimento (e vemos, digamos, sete pessoas correndo), é porque vemos a cor, objeto próprio da visão. Ora, próprio da inteligência humana - potência de uma forma espiritual acoplada à matéria - é a abstração: seu objeto próprio são as essências abstratas das coisas sensíveis. Próprio da inteligência humana é apreender a idéia abstrata de “cão” por meio da experiência de conhecer pelos sentidos diversos cães: Lulu, Duque e Rex...

Assim, Tomás afirma: “O intelecto humano, que está acoplado ao corpo, tem por objeto próprio a natureza das coisas existentes corporalmente na matéria. E, mediante a natureza das coisas visíveis, ascende a algum conhecimento das invisíveis” (S. Th.. I, 84, 7). E nesta afirmação, como dizíamos, espelha-se a própria estrutura ontológica do homem: mesmo as realidades mais espirituais só são alcançadas, por nós, através do sensível. “Ora - prossegue Tomás -, tudo o que nesta vida conhecemos, é conhecido por comparação com as coisas sensíveis naturais”. Esta é a razão pela qual o sentido extensivo e metafórico está presente na linguagem de modo muito mais amplo e intenso do que, à primeira vista, poderíamos supor.

O problema do ensino, como não poderia deixar de ser, é proposto por Tomás nos quadros de sua antropologia e doutrina sobre o conhecimento. A própria palavra “educação”, ainda que não apareça em Tomás, é como que sugerida diversas vezes em suas análises: trata-se de um eduzir o conhecimento em ato com base na potência: *scientia educatur de potentia in actum* (*De Magistro* art. 1, obj. 10); a

mente extrai o ato dos particulares dos conhecimentos universais (ex *universalibus cognitionibus mens educitur* - art. I, solução); leva ao ato (*educantur in actum* - art. I, ad 5).

Ensinar é, pois, uma educação do ato; uma condução da potência ao ato que só o próprio aluno pode fazer. Tomás está distante de qualquer concepção do ensino como transmissão mecânica; o professor, tudo o que faz é “en-sinar” (insegnire), apresentar sinais para que o aluno possa por si fazer a educação do ato de conhecimento, no sentido da sugestiva acumulação semântica que se preservou no castelhano: enseñar (ensinar/mostrar): o mestre mostra! Assim, é altamente sugestiva a genial comparação da aprendizagem com a cura e a do professor com o médico, no art. I do *De Magistro*⁵⁸.

IHU On-Line - Qual a principal contribuição de Tomás de Aquino para a ética e a educação moral?

Jean Lauand - De fato, essa é outra dimensão interessante e atualíssima da filosofia da educação de Tomás: a educação moral. Nesse campo, eu destacaria o notável trabalho sobre a principal das virtudes cardeais, a virtude da Prudentia, a virtude da tomada de decisão certa.

O “Tratado da Prudência” - contido na *Suma Teológica*, correspondente às questões 47 a 56, da segunda parte da Segunda Parte da *Suma* - apresenta grande interesse. É difícil subestimar a importância dessa virtude no pensamento de Tomás: não é que ela seja a primeira inter pares, mas é principal em uma ordem superior, é a mãe das virtudes, *genitrix virtutum* (In III Sent., d 33, q 2, a 5, c) e a guia das virtudes, *auriga virtutum*

(In IV Sent., d 17, q 2, a 2, dco). Para bem compreender o significado e o alcance da Prudentia é necessário, antes de tudo, atentar para o fato de que *prudentia* é uma daquelas tantas palavras fundamentais que sofreram desastrosas transformações semânticas com o passar do tempo.

A proximidade entre a nossa língua e o latim de Tomás não nos deve enganar: ocorre, como dizíamos, um conhecido fenômeno de alteração do sentido das palavras que se manifesta muitas vezes quando lemos um autor de outra época. E não só alteração: como mostra C. S. Lewis, dá-se freqüentemente, sobretudo no campo da ética, uma autêntica inversão de polaridade: aquela palavra que originalmente designava uma qualidade positiva, se esvazia de seu sentido inicial ou passa até a designar uma qualidade negativa.

Foi o que aconteceu, entre outras, com as palavras “prudente” e “prudência”. Atingidas ao longo dos séculos pelo subjetivismo metafórico e pelo gosto do eufemismo; “prudência” já não designa hoje a grande virtude, mas sim a conhecida cautela (um tanto oportunista, ambígua e egoísta) ao tomar (ou ao não tomar...) decisões.

Se hoje a palavra prudência tornou-se aquela egoísta cautela da indecisão “em cima do muro”; em Tomás, ao contrário, *prudentia* expressa exatamente o oposto da indecisão: é a arte de decidir-se corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos etc., mas, unicamente, com base na realidade: em virtude do límpido conhecimento do ser. É este conhecimento do ser que é significado pela palavra *ratio* na definição de *prudentia: recta ratio agibilium*, “reta razão aplicada ao agir”, como repete, uma e outra vez, Tomás.

⁵⁸ Para os interessados, publiquei uma tradução do *De magistro*, no volume *Tomás de Aquino: Sobre o Ensino (De Magistro) & Os sete Pecados capitais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Nota do Entrevistado)

Decisão certa

Prudentia é ver a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa. Por isso, como repete Tomás, não há nenhuma virtude moral sem a *prudentia*, e mais: "sem a *prudentia*, as demais virtudes, quanto maiores fossem, mais dano causariam" (In III Sent. d 33, q 2, a 5, sc 3). Com as alterações semânticas, porém, tornou-se intraduzível, para o homem de nosso tempo, uma sentença de Tomás como: "a *prudentia* é necessariamente corajosa e justa".

Sem esse referencial, fundamentados em que tomamos nossas decisões? Quando não há a *simplicitas*, a simplicidade que se volta para a realidade como único ponto decisivo na decisão, ela acaba sendo tomada, como dizíamos, com base em diversos outros fatores: por preconceitos, por interesses interesseiros, por impulso egoísta, pela opinião coletiva, pelo "politicamente correto", por inveja ou por qualquer outro vício...

Mas este ver a realidade é somente uma parte da *prudentia*; a outra parte, ainda mais decisiva (literalmente) é transformar a realidade vista em decisão de ação, em comando: de nada adianta saber o que é bom, se não há a decisão de realizar este bem... O nosso tempo, que se esqueceu até do verdadeiro significado da clássica *prudentia*, atenta contra ela de diversos modos: em sua dimensão cognoscitiva (a capacidade de ver o real, por exemplo, aumentando o ruído - exterior e interior - que nos impede de "ouvir" a realidade) e em sua dimensão prescritiva, no ato de comandar: o medo de enfrentar o peso da decisão, que tende a paralisar os imprudentes (pois, insistamos, a *prudentia* toma corajosamente a decisão boa!).

A grande tentação da imprudência (sempre no sentido clássico) é a de delegar a outras instâncias o peso da decisão que, para ser boa, depende só da visão da realidade. Há diversas formas

dessa abdicação: do abuso de reuniões desnecessárias à delegação das decisões a terapeutas, comissões, analistas e gurus, passando por toda sorte de consultas esotéricas.

Não há "receitas" de bem agir

Uma das mais perigosas formas de renúncia a enfrentar a realidade (ou seja, a renúncia à *prudentia*) é trocar essa fina sensibilidade de discernir o que, naquela situação concreta, a realidade exige por critérios operacionais rígidos, como num "Manual de escoteiro moral" ou, no campo do direito, num estreito legalismo à margem da justiça. É também o caso do radicalismo adotado por certas propostas religiosas. Tal como o "Ministério do Vício e da Virtude" do regime Talibã, algumas comunidades cristãs - em vez de afirmar o direito (e o dever) do fiel de discernir o que é bom em cada situação pessoal concreta - simplificam grosseiramente: em caso de dúvida, é pecado e pronto!

O "Tratado da Prudência" de Tomás é o reconhecimento de que a direção da vida é competência da pessoa e o caráter dramático da *prudentia* se manifesta claramente quando Tomás mostra que não há "receitas" de bem agir, não há critérios comportamentais operacionalizáveis, porque - e esta é outra constante no Tratado - a *prudentia* versa sobre ações contingentes, situadas no "aqui e agora". E é que a *prudentia* é virtude da inteligência, mas da inteligência do concreto: a *prudentia* não é a inteligência que versa sobre teoremas ou princípios abstratos e genéricos, não!; ela olha para o "tabuleiro de xadrez" da situação "aqui e agora", sobre a qual se dão nossas decisões concretas, e sabe discernir o "lance" certo, moralmente bom. E o critério para esse discernimento do bem é a realidade! Saber discernir, no emaranhado de mil possibilidades que esta situação me apresenta (que devo

dizer a este aluno?, compro ou não compro?, caso-me ou não?, devo responder a este e-mail? etc.), os bons meios concretos que me podem levar a um bom resultado, à plenitude da minha vida, minha realização enquanto homem. E para isso é necessário ver a realidade concretamente. De nada adiantam os bons princípios abstratos, sem a *prudentia* que os aplica - como diz Tomás - ao "outro pólo": o da realidade (que significa "amar o próximo" nesta situação concreta?).

A condição humana é tal que - muitas vezes - não dispomos de regras operacionais concretas: sim, há um certo e um errado objetivos, um *to be or not to be* pendente de nossas decisões, mas não há regra operacional. Tal como para o bom lance no xadrez, há até critérios gerais objetivos... mas não operacionais concretos! Trata-se, assim, de uma "inteligência" moral, a insubornável fidelidade ao real, que aprende da experiência e, portanto, requer a memória como virtude associada: a memória fiel ao ser. Precisamente no artigo dedicado à virtude da memória, como parte da prudência, Tomás observa

que não pode o homem reger-se por verdades necessárias, mas somente pelo que acontece *in pluribus* (geralmente). Note-se que esta é também a razão da insegurança em tantas decisões humanas: a *prudentia* traz consigo aquele enfrentamento do peso da incerteza, que tende a paralisar os imprudentes.

É dessa dramática imprudência da indecisão, que expressam alguns clássicos da literatura: do *to be or not to be...* de Hamlet aos dilemas kafkianos (o remorso impõe-se a qualquer decisão), passando pelo "Grande Inquisidor" de Dostoiévski, que descreve "o homem esmagado sob essa carga terrível: a liberdade de escolher" e apresenta a massa que abdicou da *prudentia* e deixa-se escravizar, preferindo "até mesmo a morte à liberdade de discernir entre o bem e o mal". E, assim, os subjugados declaram de bom grado: "Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis". Como se vê, é uma doutrina de enorme atualidade (Também aqui remeto os interessados a uma tradução do *De Prudentia*, que publiquei: **Tomás de Aquino: A Prudência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005).

Saiba mais sobre Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881)

Um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a **IHU On-Line** edição 195, de 11-9-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da **IHU On-Line**)

O riso no medievo como forma de resistência

Entrevista com José Rivair de Macedo

A entrevista que segue, concedida pelo Prof. Dr. José Rivair de Macedo, foi inspirada em sua obra *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*. Porto Alegre: EDUFRGS/UNESP, 2000. Nela, Rivair menciona que, ao contrário do que se pensa, o riso tinha papel muito importante no medievo, e assumia formas diversas. Além disso, o riso coupava um espaço de contestação e resistência, explica o historiador: “De um modo geral, contrariando os preceitos calcados na idéia da renúncia, da ascese, da culpa e do pecado, as manifestações de vitalidade e alegria da cultura profana medieval, sempre aberta à fantasia e à evasão, ao prazer e à festividade, indica-nos que já naquele momento o riso era um veículo de expressão da liberdade”.

Macedo é professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Graduado em História pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese *Tolosanos, cátaros e faidits: conflitos sociais e resistência armada no Languedoc durante a Cruzada Albigense*. Obteve pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. É autor de diversos livros, entre os quais citamos *A Mulher Na Idade Média*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002 e *Belo Monte: uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. Com o Prof. Dr. José Alberto Baldissera, concedeu a entrevista *A Idade Média através do cinema* à edição 153 da *IHU On-Line*, de 29-9-2005, por ocasião da abertura do evento **Idade Média e Cinema**, em 3 de setembro daquele ano. No evento **Idade Média e Cinema II**, Macedo será o debatedor do filme *Eric, o viking*, em exibição em 07-10-2006, das 8h30min às 12h.

IHU On-Line - Qual era o lugar ocupado pelo riso na sociedade ocidental medieval?

José Rivair de Macedo - Em geral, o que se imagina é que o riso não tivesse ocupado lugar algum naquela sociedade ou desempenhado qualquer papel nos tempos medievais. Trata-se, entretanto, de um grande equívoco, motivado possivelmente por nossa imagem exageradamente fiel aos preceitos que a cultura cristã imprimiu na cultura

ocidental. Seria estranho pensar que a sociedade medieval, cujas formas de comunicação e de sociabilidade foram tão marcadas pelo gesto, pela palavra e pela imagem, não tivesse reservado papel de destaque às formas de expressão do risível. A idéia de que Cristo jamais riu, defendida por certos pensadores cristãos do início da Idade Média, como João

Crisóstomo⁵⁹, no século V, e Jonas de Orléans, no século IX, já tinha sido abandonada no século XII, e o riso passou a constar mesmo em textos de natureza didática e edificante. Fora da esfera da Igreja, as manifestações do cômico sempre estiverem presentes, nas festas, textos, composições musicais e imagens da cultura laica. Vigorava aqui, talvez, o riso franco da gargalhada, tão presente em textos de origem profana, como os *fabliaux* do século XIII e as comédias e farsas do século XV. Havia ainda o riso das festas dos loucos e dos charivaris que vez por outra tomava conta das ruas, praças e inclusive das igrejas – válvulas de escape necessárias para atenuar a contínua pressão moral que impunha a abstinência, a resignação e o arrependimento.

Assim, dentro ou fora dos domínios da cultura clerical, as marcas do risível comparecem nas sátiras, nas paródias e inclusive em formas de expressão grotescas, indicando a persistência de uma perspectiva carnavalesca nos meios laicos iletrados. É o que se pode deprender das imagens disformes e caricatas inseridas em manuscritos para representar as mascaradas das festas de inverno, dos provérbios e expressões proverbiais debochados que punham em causa a seriedade da moral cristã, denunciando por vezes a hipocrisia dos clérigos.

***IHU On-Line* - Como o riso se articulava com as festividades religiosas? Qual era sua relação como instrumento pedagógico no exercício da pregação?**

⁵⁹ **João Crisóstomo** (347 - 407 d. C.): teólogo e escritor cristão, Patriarca de Constantinopla no fim do século IV e início do século V. Por sua retórica inflamada, ficou conhecido como *Crisóstomo* (que em grego significa “boca de ouro”). É considerado santo pelas Igrejas Ortodoxa e Católica. É um dos quatro grandes padres da Igreja Oriental, e doutor da Igreja Católica. (Nota da *IHU On-Line*)

José Rivair de Macedo - Por aqui se poderá avaliar o caráter ambíguo do riso e da risibilidade na cultura medieval. De um lado, nos séculos XIII-XV transcorriam nas cidades as “festas dos loucos”, comemorações semi-religiosas condenadas reiteradamente pela Igreja, realizadas entre os meses de dezembro e abril, em que o riso, a comilança, a bebedeira e o escárnio tinham livre curso. Na origem do carnaval moderno, as “festas dos loucos” antecederam a quaresma e a semana santa, períodos de contrição e de resignação espiritual, e a liberação do riso e dos excessos constituíam um contraponto necessário ao rigor moral imposto pelas normas cristãs. De outro lado, a partir do século XII, integrantes da Igreja envolvidos com a pregação e com a educação perceberam o potencial educativo do riso, utilizando a comicidade como um recurso na transmissão de mensagens cristãs. Data deste momento o aparecimento de gêneros textuais que visavam à edificação dos fiéis, como os exempla, contos humorísticos curtos que deviam ser inseridos nos sermões. A idéia era valer-se do riso para execrar os comportamentos condenáveis e ridicularizar os pecadores incorrigíveis.

***IHU On-Line* - De que forma é possível entender a reação do Venerável Jorge, personagem do romance *O nome da Rosa*, de Umberto Eco, condenando o riso por matar o temor?**

José Rivair de Macedo - O personagem Jorge de Burgos, que alguns imaginam ter sido criado por Umberto Eco⁶⁰ em

⁶⁰ **Umberto Eco** (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, lingüística e filosofia, dentre os quais se destacam *Apocalípticos e Integrados*, *A estrutura ausente* e *Kant e o ornitorrinco*. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo *O nome da rosa*, adaptado para o cinema. *A ilha do dia anterior*;

homenagem ao escritor Jorge Luiz Borges⁶¹ - para quem o labirinto constituiu uma fascinante metáfora do saber - representa uma das vertentes mais conservadoras da Igreja medieval: a vertente monástica beneditina. Não obstante o riso ter sido apropriado como instrumento pedagógico na pregação dos fiéis, os mosteiros de orientação beneditina é que apresentaram as maiores restrições ao riso e à risibilidade. Na própria Regra de São Bento, redigida no princípio do século VI, consta que: “Os gracejos frívolos e as conversas ociosas e provocadoras de riso, condenamo-las a serem excluídas para sempre de todos os lugares e não permitimos ao discípulo abrir a boca para tais conversas”. Aqui, o riso é encarado como fator de dissolução da rígida disciplina imposta aos monges. Parece ser essa a posição de Jorge de Burgos, e o romancista pune-o, apresentando-o como um velho muito sábio, mas cego, exatamente oposto de Guilherme de Baskerville, também vinculado ao meio monástico, mas um franciscano “progressista”, adepto da lógica e do experimentalismo, que vê mais longe ao usar óculos.

IHU On-Line - Como o riso medieval foi registrado pela arte sacra?
José Rivair de Macedo - Também nas formas artísticas cristãs o riso assume

Baudolino e A misteriosa chama da Rainha Loana são outras de suas obras. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶¹ **Jorge Luiz Borges** (1899-1986): escritor, poeta e ensayista argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temática, como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os "delírios do racional" (Bioy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou a cultura dos Pampas argentinos, em contos como *O morte*, *O homem da esquina rosada* e *O sul*. Sobre Borges, confira a edição 193 da *IHU On-Line*, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luiz Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. (Nota da *IHU On-Line*)

tons, cores e matizes. Na arte religiosa oficial, inscrita na estatuária das catedrais, na iluminação dos manuscritos ou na pintura mural dos afrescos, as cenas risíveis em geral estão associadas com o demônio, que, invariavelmente, se mostra rindo nos tímpanos das catedrais. No século XIII, quando aparece pela primeira vez na Catedral de Reims a expressão do riso positivo, os anjos sorriem discretamente. A gargalhada, expressão do excesso, da pode-se encontrar, todavia, nas ilustrações marginais inseridas nas colunas dos manuscritos, onde os copistas e iluminadores, por vezes, expressaram visão de mundo distinta da oficial, marcada pelo riso de sátira e do deboche. Aí se podem ver asnos paramentados de clérigos, ensinando ou realizando missas, macacos montados em ursos, homens desfigurados em atitudes grotescas, enfim, um “mundo às avessas” desordenado, espécie de válvula de escape da seriedade habitual do mundo idealizado pela cultura cristã.

IHU On-Line - Poderíamos dizer que o riso no medievo serviu como uma forma de resistência, além de manifestação de expressão e liberdade?

José Rivair de Macedo - Certamente. Mesmo tais posições não tendo sido colocadas expressamente, e intencionalmente, pelos escritores e artistas do medievo, a multiplicidade de percepções do riso e da risibilidade passava pela possibilidade, ou não, de expressar sentimentos, pontos de vista e gestos mal vistos ou condenados pela instituição oficial cristã. De um modo geral, contrariando os preceitos calcados na idéia da renúncia, da ascese, da culpa e do pecado, as manifestações de vitalidade e alegria da cultura profana medieval, sempre aberta à fantasia e à evasão, ao prazer e à festividade, indica-

nos que, já naquele momento, o riso era | um veículo de expressão da liberdade.

O ensino na Idade Média

Entrevista com Nilton Mullet Pereira

É um equívoco utilizar conceitos do presente para entender o passado, como a Idade Média. Da mesma forma, entender que apenas as letras são passíveis de transmitir cultura e ciência também é incorreto. Os homens medievais, por exemplo, valiam-se muito mais da expressão oral para a transmissão do conhecimento do que da palavra escrita, tão cara à Modernidade. As opiniões são do historiador Nilton Mullet Pereira, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. “Estamos projetando os conceitos do presente para ler a realidade medieval”, relata. “Não há dúvida de que a Igreja era a grande responsável pelo ensino e certamente muitos livros foram censurados ou proibidos pela Igreja. Entretanto, há uma série de mediações a serem feitas. Sabemos bem, por exemplo, que foi o trabalho dos monges que permitiu, em boa medida, a manutenção das obras literárias da Antigüidade”. Segundo Pereira, hoje a autonomia da universidade, uma problemática medieval, continua em discussão.

Pereira é graduado em História e mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a tese *História de amor na educação freiriana: pedagogia do oprimido*. Atualmente é professor de Prática de Ensino em História na UFRGS e desenvolve um projeto de pesquisa intitulado *Ensino de História, medievalismo e etnocentrismo*. Esteve à frente da condução do evento **Idade Média e Cinema**, organizado pelo IHU em 2005. Sua contribuição mais recente à *IHU On-Line* aconteceu na edição 160, de 17-10-2005, com a entrevista *Em nome de Deus: um retrato de época*. Para a presente edição, ofereceu valiosas dicas tanto para a elaboração da pauta, quanto de questões para os entrevistados.

***IHU On-Line* – Como era o ensino da Idade Média? Quem tinha acesso ao conhecimento?**

Nilton Mullet Pereira – O olhar que foi, por longo tempo, elaborado sobre a Idade Média, por meio da reprodução insistente do preconceito moderno e iluminista que marcou o medievo com a marca do obscurantismo, legou ao senso comum da nossa sociedade e aos compêndios

didáticos, a noção de que os homens medievais eram incultos e que pouco sabiam e produziam de ciência e de arte. A consequência disso foi a disseminação da crença de que a Idade Média era uma sociedade na qual todos eram analfabetos e iletrados. Tal crença tem a ver, em primeiro lugar, com o fato de generalizarmos uma verdade que dizia respeito a apenas parte daquela

sociedade e, em segundo, com o fato de projetarmos nossos conceitos do presente para entender o passado, no caso, a Idade Média. Por exemplo, os conceitos de iletrado e analfabeto servem apenas para compreendermos a sociedade do presente. O conceito de iletrado faz sentido numa sociedade que, como a nossa, desde os enciclopedistas, acredita que o único modo possível de transmissão da cultura e da ciência sejam as letras.

Obviamente, o ensino na Idade Média não era tão generalizado quanto hoje e, indubitavelmente, talvez a maior parte da sociedade medieval pouco escrevesse. Entretanto, precisamos levar em conta que, ao olhar para a civilização medieval, não devemos assimilar cultura à alfabetização, como fazemos hoje quando mencionamos que um analfabeto é um ignorante. Os medievais aprendiam mais pela palavra do que pela leitura, os livros eram importantes, mas o verbo era o mediador principal das relações entre os homens. Por exemplo, uma tese “não era uma obra impressa, mas uma discussão”, um longo debate que implicava a disputa de idéias. Pernoud⁶² afirma que, na Idade Média, existia mesmo o que chamamos de “cultura latente”: as pessoas, em geral, tinham conhecimento, ao menos corrente do latim falado; recitavam canto gregoriano; tinham, de modo geral, um conhecimento da mitologia e das lendas.

O clero e o ensino

O ensino era ligado, evidentemente, ao clero, e as igrejas, via de regra, tinham uma escola. Há documentos que mostram a existência de escolas privadas ou fundações, mas o papel do ensino era das escolas das igrejas. Filhos de grandes senhores eram educados nas mesmas escolas que filhos de camponeses, de

⁶² Pernoud, Régine. *Luz sobre a idade média*. Sintra: Europa-América, c1981. 211 p. (Nota do entrevistado)

modo que se podia ter um ensino gratuito para os pobres e pago para os ricos. É possível dar exemplos de grandes senhores que eram homens de alta cultura, como Guilherme IX⁶³, duque da Aquitânia e Conde de Poitiers⁶⁴, primeiro trovador conhecido, como também temos registros de homens humildes que estudaram e galgaram postos importantes, como o Papa Gregório VII⁶⁵, que era filho de um pastor de cabras⁶⁶.

Penso que, ao ensinarmos para as crianças e para os adolescentes nas nossas escolas, que os homens medievais não tinham acesso ao conhecimento, porque ele era monopolizado pela Igreja, estamos sugerindo que a única maneira de se produzir e de transmitir conhecimento é a cultura letrada e, ao mesmo tempo, estamos afirmando e reafirmando que, na Idade Média, nada de conhecimento se produziu, ou seja, estamos projetando os conceitos do presente para ler a realidade medieval.

***IHU On-Line* - Qual era a relação da Igreja com o ensino?**

Nilton Mullet Pereira - Dizer que a Igreja tinha o monopólio do ensino, o que não seria falso, pode parecer que ela

⁶³ **Guilherme IX da Aquitânia**, o *Trovador* (1071 - 1126) foi Duque da Aquitânia e da Gasconha e Conde de Poitiers entre 1086 e 1126. Foi também um dos líderes da Primeira Cruzada e um dos primeiros trovadores e poetas vernaculares. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁴ **Guilherme Plantageneta** (1152? - 1156), Conde de Poitiers desde o nascimento, foi o primeiro filho de Henrique II de Inglaterra e de Leonor, Duquesa da Aquitânia. Guilherme morreu na infância e não deu nenhuma contribuição para a história a não ser a data do seu nascimento, que se pensa ter sido alguns no fim de 1152. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁵ O **Papa São Gregório VII** OSB, nascido **Hildebrando** (ca. 1020/1025, Sovana, Itália - 25 de Maio de 1085, Salerno, Itália), foi um Papas mais influentes da História. Era Monge Beneditino O seu pontificado decorreu entre 22 de Abril de 1073 e 12 de Maio de 1085. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁶ Pernoud, Régine. *Luz sobre a idade média*. Sintra: Europa-América, c1981. 211 p. (Nota do entrevistado)

impossibilitava o debate acadêmico, a disputa de idéias e os estudos das ciências e das artes profanas. Segundo o modo como aprendemos Idade Média nas escolas, poderíamos concluir que as escolas e as universidades medievais ensinavam apenas teologia e que os escritos dos antigos clássicos eram sempre proibidos e, por vezes, incendiados. Então, é preciso ter cuidado. Não há dúvida de que a Igreja era a grande responsável pelo ensino e, certamente, muitos livros foram censurados ou proibidos por ela, entretanto, há uma série de mediações a serem feitas. Sabemos bem, por exemplo, que foi o trabalho dos monges que permitiu, em boa medida, a manutenção das obras literárias da Antigüidade. As escolas monásticas, a propósito, irão se constituir não apenas para formar monges, mas, com o tempo, se tornam escolas para o público externo, com o objetivo de ensinar os leigos. E esse ensino não se resumia ao estudo da bíblia, ao ler e ao escrever, mas também ao ensino de aritmética, de retórica, de dialética e de gramática.

Em Paris, havia importantes escolas que contribuíram para a efervescência cultural da cidade: a escola Notre-Dame, as escolas das abadias como Sainte-Geneviève, Saint-Victor ou Saint-Germain des Près e as escolas formadas por mestres com licença para ensinar. A essas escolas se dirigiam jovens de todas as partes, muitas vezes atrás de um mestre como Pedro Abelardo – o primeiro professor, como diz Le Goff. Pelas ruas de Paris transitavam estudantes de todas as partes, inclusive os chamados goliardos, estudantes que se deleitavam e cantavam os prazeres da vida na cidade. A referência que faço aos goliardos quer mostrar um pouco da indulgência que, sobretudo o clero, tinha com os jovens estudantes, que levavam riqueza e progresso à cidade.

***IHU On-Line* - Quais seriam as principais contribuições dadas pela Idade Média às universidades, criadas nessa época, e que persistem nessas instituições até os nossos dias?**

Nilton Mullet Pereira – A Idade Média inventou a universidade. E, ao que parece, àquelas questões com as quais a universidade se debatia na época, subsistem no nosso tempo. Talvez o centro da discussão tanto na Idade Média, quanto hoje, seja a possibilidade da autonomia da universidade. A universidade medieval buscava sua autonomia ante o poder secular e o poder da Igreja. A propósito disso, é interessante mencionar que o desejo pela autonomia nas corporações universitárias, na Idade Média, levou o Chanceler, em 1213, em Paris, a perder praticamente o privilégio de conceder a licença para ensinar; esse privilégio passou a ser dos mestres da própria universidade. Ainda vale a pena lembrar que, em 1301, a universidade deixa de estar sob a jurisdição do Bispo⁶⁷. Foi lutando ora contra os poderes eclesiásticos, ora contra os poderes leigos que a universidade medieval procurou conquistar sua autonomia.

Creio que os dias de hoje muito têm a aprender com os estudantes e mestres das universidades medievais quanto à luta pela autonomia universitária, pois se por um lado, a constituição brasileira concede ampla autonomia à universidade, por outro, institui uma série de medidas, de regulamentos e de programas obrigatórios que, a meu ver, solapam esse princípio constitucional⁶⁸.

***IHU On-Line* - O que é o "dispositivo da medievalidade"? Qual é a sua**

⁶⁷ LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003. (Nota do entrevistado)

⁶⁸ PEREIRA, Nilton e PIMENTA, Leticia. Sobre o princípio da autonomia e a Universidade brasileira. In: DIÁLOGO. Centro Universitário La Salle, Canoas, n. 1, p. 39- 64, 2005. (Nota do entrevistado)

relação com os estereótipos que ainda persistem a respeito da Idade Média?

Nilton Mullet Pereira – O dispositivo de medievalidade é um operador analítico. Ele se constitui como conceito que se propõe a verificar as estratégias discursivas que, no âmbito dos discursos escolares, particularmente, nas publicações didáticas para o ensino de História, têm construído uma visão negativa da Idade Média. Então, o dispositivo é um conjunto de práticas discursivas e de práticas não-discursivas que criam um campo possível de produção da verdade. Os livros didáticos de História, as metodologias de ensino e a instituição escolar em si, são considerados como espaços de veiculação de discursos que criam os nossos modos de olhar para o mundo e, neste caso, de olhar para a Idade Média.

O objetivo da pesquisa que realizo – Ensino de História, medievalismo e etnocentrismo – é, justamente, compreender como essa visão negativa de Idade Média foi construída no interior da escola e como ela tem se reproduzido ainda nos dias de hoje. Além disso, a pesquisa quer compreender as relações entre os estereótipos construídos pelo discurso Iluminista acerca da Idade Média e os estereótipos construídos pela Europa Esclarecida sobre os povos conquistados.

Certamente, o que se pensa hoje sobre a civilização medieval, é tributário, em larga medida, daquilo que aprendemos na escola, mas outros espaços de práticas discursivas assumem um papel importante na reprodução desses estereótipos. O cinema, por exemplo, é responsável por grande quantidade de produções que informam a nossa sociedade sobre o que foi a Idade Média. Obviamente, devemos considerar que o cinema cria a Idade Média segundo a ótica de diretores, de produtores e

segundo as circunstâncias sociais que condicionam a criação cinematográfica. Então, é verdade que não é apenas na escola que, ainda hoje, a noção de uma Idade Média como reino das Trevas e/ou reino da Fantasia é afirmada e reproduzida.

Entretanto, creio que a escola é um lugar privilegiado para a revisão dos modos de ver o mundo que transitam na nossa sociedade, particularmente, no que se refere à visão construída sobre a Idade Média. A sala de aula deve permitir o debate sobre como se escreve a história, discutir os propósitos de quem escreve e o contexto no qual escreveu. A sala de aula precisa, principalmente, historicizar as histórias contadas, de maneira a que as novas gerações olhem para o conhecimento histórico como algo que é produzido no interior de relações de força que marcam determinada época. Recontar a história da Idade Média nas escolas e recontar a nossa própria história é também uma maneira de redefinirmos o conceito de história que transita no senso comum da nossa sociedade.

***IHU On-Line* – Por que a Idade Média é envolta em preconceitos como a alcunha de Idade das Trevas? Essa concepção está mudando? As escolas têm trabalhado nesse sentido?**

Nilton Mullet Pereira – A noção de Idade das Trevas tem sido bastante criticada nos meios acadêmicos. Nas últimas décadas, os estudos medievais têm se desenvolvido bastante no Brasil, fato que tem feito crescer muito o interesse dos estudantes pela Idade Média. Entretanto, apesar disso, os progressos da pesquisa sobre o medievo não chegaram até os bancos escolares, prova disso é que uma rápida miragem em publicações didáticas de História nos leva a concluir que as novas gerações ainda aprendem que o feudalismo é sinônimo de Idade Média, e que esse

sistema teria iniciado no século V. Além do mais, as publicações didáticas mostram que o sistema feudal funcionou do mesmo modo em todas as partes da Europa.

Penso que a pesquisa sobre ensino de História preocupou-se, num movimento muito forte desde os anos 80, em deslocar o ensino do discurso da Europa do Esclarecimento e, sem dúvida alguma, causou um impacto muito significativo nas salas de aula e nas publicações didáticas, desfazendo muitos dos preconceitos que os bancos escolares ajudaram a produzir e a reproduzir sobre os povos conquistados. No entanto, no que concerne à visão de Idade Média que o discurso iluminista criou, pouco foi pesquisado. Isso talvez se explique devido à urgência que os professores de História tinham em elaborar a crítica à chamada história tradicional e em levar às novas gerações a pensarem sobre sua própria história e se apropriarem dela sob outra ótica, que não a visão de mundo européia.

Creio que este momento é propício para continuar o fecundo trabalho de crítica iniciado pelos pesquisadores da área de ensino de História e aprofundar o estudo sobre o modo como olhamos para a civilização medieval, como fez, por exemplo, José Rivair de Macedo⁶⁹.

IHU On-Line - Quais são os traços daquela época que permanecem no ensino atual?

Nilton Mullet Pereira – O Ocidente nasceu na Idade Média. A época medieval foi o momento no qual foram elaborados os traços que formaram a sociedade ocidental. O reconhecimento do papel da Idade Média para a formação do Ocidente, tem sido importante para a desconstrução do discurso negativo e

preconceituoso que mostra a civilização medieval como um intervalo de trevas entre o classicismo greco-romano e o classicismo renascentista.

Hoje, podemos ver inúmeras práticas sociais e traços culturais que foram concebidos na época medieval e que fazem parte do nosso modo de vida: o casamento cristão, monogâmico e sacralizado, foi elaborado no interior da sociedade medieval, no século XII; também foi lá que os trovadores criaram o amor cortês, no qual o amante deve obediência e servidão à mulher amada, que lança as bases do que hoje conhecemos como amor romântico. Vale lembrar ainda o processo de formação do catolicismo brasileiro, pois na Idade Média, ao mesmo tempo que o cristianismo se paganizou, o paganismo se cristianizou; no Brasil, o mesmo processo ocorreu quando aconteceu a cristianização do culto africano e a africanização do cristianismo. (FRANCO JR, Hilário. *A Idade Média: O nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001)

⁶⁹ KARNAL, Leandro. *História na sala de aula : conceitos, práticas e propostas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 216 p. (Nota do entrevistado)

Ramon Llull, um “guia” para a Idade Média

Entrevista com Ricardo Luiz Silveira da Costa



Autor de mais de 250 obras e fora dos “tipos” conhecidos do medievo (clérigo, servo e burguês), o filósofo catalão Ramon Llull pode servir como “guia” para se conhecer melhor a Idade Média, sobretudo os séculos XII, XIII e XIV, disse o historiador Ricardo Costa em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. A profusão de temas abordados por Llull vai da poesia à medicina, do direito à filosofia e teologia. Sua obra é de grande atualidade, e chega

mesmo a antecipar pensadores contemporâneos como Sartre e Plessner. Na entrevista que segue, o professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), avalia a importância de Llull e revela que esse autor teria muito a ensinar a nossos políticos, embora isso seja bem difícil de acontecer. E lamenta os preconceitos que ainda persistem sobre a Idade Média: “No Brasil, infelizmente, predomina ainda a idéia de que a Idade Média foi um tempo de ignorância, barbárie. Isso por duas razões: puro desconhecimento por parte de muitos colegas, e a grande mídia, sempre ignorante e em busca do lugar-comum para ser melhor entendida”.

Costa é mestre e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua tese intitula-se *A Árvore Imperial - Um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316)*. Cursou dois pós-doutorados, ambos na Universidade Internacional da Catalunha, na Espanha. De suas dezenas de especializações, destacamos a de tradução de textos do catalão antigo, de Ramon Llull, cursada na Universidade Albert-Ludwigs, na Alemanha. Neste ano foi eleito acadêmico correspondente da Real Academia de Bones Lletres, de Barcelona. Escreveu *A Árvore Imperial*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2001; *Ramon Llull. O Livro dos Anjos*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2002; *Las definiciones de las siete artes liberales y mecánicas en la obra de Ramón Llull*. São Paulo/Porto: Hottopos, 2005, entre outros. Conheça mais sobre o trabalho do historiador, acessando sua página na internet: www.ricardocosta.com.br, na qual há farto material sobre a Idade Média, como mapas, cronologia, artigos e textos de época traduzidos para o português.

IHU On-Line – Por que Ramon Llull é fundamental para compreender a

Idade Média e, sobretudo, o século XII? Qual é a importância da tradução

de suas obras? Como a influência árabe aparece nelas?

Ricardo Costa - Ramon Llull⁷⁰ é um personagem fascinante, pois escreveu mais de 250 obras e não se encaixa em nenhum dos “tipos” famosos medievais (não era clérigo, não era servo, talvez da baixa nobreza ou da baixa burguesia - burguês entendido como morador do burgo, isto é, cidadão - mas logo abandonou sua ordem para se dedicar à pregação). Pode-se ter uma boa noção da Idade Média (especialmente dos séculos XII-XIII-XIV) porque ele escreveu sobre praticamente todos os temas famosos na época (poesia, medicina, direito, filosofia, teologia), embora seu “pano de fundo” tenha sido o mesmo: provar, por “razões necessárias”, que o catolicismo era a religião verdadeira.

É importante traduzir suas obras, porque, assim, os estudantes universitários têm acesso direto a um texto da época, à linguagem da época, a expressões e formas de pensamento típicas do medievo. Sua filosofia, o “humanismo cristão”, é muito importante para resgatarmos um pouco da ética clássica, em que verdade é verdade, mentira é mentira, justiça é uma coisa boa, injustiça uma coisa má, o bem é belo e o mal é feio, e assim por diante (de resto, praticamente *todos* os antigos e medievais, tinham esses conceitos em mente). Além disso, ao traduzir e rearranjar as frases, eles melhoram muitíssimo o português, você acredita? Agora mesmo estou corrigindo a tradução de uma novela enciclopédica, o *Livro das Maravilhas*, obra escrita em 1289, com

⁷⁰ **Ramon Llull** (1232-1316): escritor, filósofo, poeta e teólogo maiorquino. Escreveu em árabe, catalão e latim. É conhecido por sua “Arte”, sistema unificador de todos os conhecimentos. Influenciou Nicolaus Cusanus, Giovanni Pico della Mirandola, Francisco Ximenes de Cisneros, Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim, Giordano Bruno, Gottfried Wilhelm Leibniz, John Dee e Jacques Lefèvre D'Étaples. (Nota da *IHU On-Line*)

um conteúdo muito interessante. Deve sair esse ano. Como viveu em uma sociedade totalmente mesclada (islamismo, judaísmo e cristianismo), Llull recebeu muitas influências muçulmanas. Ele cita os sufis islâmicos em várias passagens.

***IHU On-Line* - Qual era a definição da pessoa humana em Llull? Qual é a atualidade de sua concepção?**

Ricardo Costa - Interessantíssima: homem é um animal homificante, isto é, um ser que hominiza o mundo inteiro, apropriando-se dele (o mundo) em seus atos intelectivos, voluntativos e memorativos (em seu entender, querer e lembrar), isso externamente. Internamente, é um ser dinâmico e processual, que se realiza por meio de seus atos e assim se faz homem. Nas palavras do filósofo: “o homem é homificativo e homificável” (sujeito e objeto da homificação), pois é atuando no mundo que o homem se realiza! Segundo um querido amigo, o filósofo alemão Alexander Fidora, da Universidade de Frankfurt, essas idéias antecipam Plessner⁷¹ e Sartre⁷²!!! É ou não é atual?

***IHU On-Line* - Qual é a importância de Llull para o nascimento da ciência e suas influências hoje? O que a**

⁷¹ **Helmuth Plessner** (1892-1985): filósofo e sociólogo alemão, um dos fundadores da antropologia filosófica. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷² **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A Náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O Ser e o Nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

premissa de buscar o conhecimento livre de julgamento prévio pode ensinar à ciência moderna?

Ricardo Costa - Na época de Llull, nascia a ciência - no sentido da observação do mundo (é o ato de maravilhar-se platônico colocado em prática). No próprio *Livro das Maravilhas*, há muitos capítulos dedicados à natureza (sobre o trovão, as nuvens, etc.). Inclusive, o capítulo sobre o homem (quase 60% de toda a obra) é literalmente uma maravilha (Por que o homem gosta de beber? Por que o homem gosta de cheirar? Por que o homem gosta de ter filhos?) A influência hoje - entendo-se "influência" como ação na vida das pessoas hoje - é ínfima. A maior parte da humanidade infelizmente vive uma vida voltada apenas para as coisas práticas (os medievais diriam que são escravos, pois só o estudo do conhecimento pelo conhecimento liberta o homem). Mas essa falta de conexão se aplica a praticamente *todos* os pensadores anteriores a Maquiavel. Em minha consideração, infelizmente, vivemos em um período maquiavélico. "É melhor ser temido que amado..." Eu sempre achei o contrário.

No caso do conhecimento livre de julgamento prévio, isso é uma das bases da compreensão hermenêutica. Também infelizmente, no caso das ciências humanas, contudo, a maior parte das pessoas (mesmo que digam o contrário) busca o conhecimento com muito preconceito (veja o próprio caso do estudo da História Medieval).

IHU On-Line - Poderíamos estabelecer alguma ligação entre a "Arte" de Llull com a transdisciplinaridade hoje buscada no conhecimento?

Ricardo Costa - Em linhas gerais, sim. Contudo, não acredito nessa "linha histórica" assim tão linear. A história

humana é feita de avanços, retrocessos, paradas, e possui tempos diferentes (como me ensinou Fernand Braudel⁷³). No caso da transdisciplinaridade pós-moderna, não creio haver muita similitude com a medieval, pois as premissas eram muito diferentes. Em linhas muito genéricas, porém, a resposta é sim: ambas buscam uma aproximação entre os diferentes campos do saber.

IHU On-Line - De que forma a cosmovisão de Llull pode estabelecer um diálogo inter-religioso na época conturbada em que vivemos, sobretudo no Oriente Médio?

Ricardo Costa - Essa é uma questão espinhosa. E você está certa: vivemos em uma época conturbada mesmo! Entretanto, para não deixar sua pergunta sem resposta, creio que o conceito é "boa vontade" para com o outro. No *Livro do Gentio e dos Três Sábios*, todos têm o mesmo espaço para apresentar sua fé, e todos escutam o "outro". No fim, ninguém muda de idéia, mas voltam a caminhar conversando. No fundo, no fundo, trata-se da benevolência platônica, conceito pouquíssimo levado em consideração hoje. Um pequeno parêntese para explicar isso (que também era um pressuposto lluliano) A dialética platônica - que visava à liberdade do espírito - tinha como pressuposto a "discussão com benevolência". E que é benevolência? É ter boa vontade para com alguém, escutar o outro. Isso está em

⁷³ **Fernand Braudel** (1902-1985): historiador francês cuja obra destaca o poder dos mercados no desenvolvimento da civilização. Foi aluno de Lucien Febvre e ajudou a fundar a Escola dos Annales. Braudel. Veio ao Brasil, em 1935, para ajudar a fundar a Universidade de São Paulo. É autor de livros, como *A Identidade da França* (Globo), *Civilização Material, Economia e Capitalismo, O Espaço e a História do Mediterrâneo* (ambos pela Martins Fontes), entre outros. (Nota da *IHU On-Line*)

A República, de Platão⁷⁴. Nesse texto maravilhoso, só o sofista é desagradável, não sabe ouvir, é grosseiro, deselegante. Sócrates⁷⁵, em resposta, sempre tem uma palavra amável para com Trasímaco⁷⁶ (em Llull há o mesmo sentimento, com o acréscimo das lágrimas, a compunção cristã. Como disse Le Goff⁷⁷, “o homem medieval é um homem que chora”). Só assim os homens podem chegar à “liberdade de espírito” e existir uma “comunidade de educação verdadeiramente livre” como desejava Platão. Isso seria um bom começo.

***IHU On-Line* – O que é e como pode ser explicada a aproximação entre o "espelho do príncipe" de Llull e o de Santo Tomás de Aquino? Poderia explicar o projeto político luliano e o que ele poderia ensinar à política contemporânea?**

Ricardo Costa – Um e outro pertencem à tradição dos Espelhos de Príncipes! Esse é um dos temas de minha tese de doutorado. Para a política contemporânea? Ensinar aos políticos atuais? Você está brincando! Eles são ignorantes. Todos. Inclusive o nosso presidente. Há uma famosa frase de um

⁷⁴ **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁵ **Sócrates** (470 a. C. – 399 a. C.): Filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁶ **Trasímaco** era originário da Calcedônia, na Bitínia, onde terá nascido por volta de 459 a.C.. Exercia em Atenas, já antes de 427 a.C., a profissão de advogado e reivindicava o título de sofista. Conheceu a guerra do Peloponeso, foi, em Atenas, espectador da luta dos partidos e parece ter tomado parte, indiretamente, na vida política, redigindo discursos para outrem, uma vez que não sendo ele cidadão de Atenas, não podia falar na Assembléia do Povo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁷ Confira a entrevista Le Goff nesta mesma edição. (Nota da *IHU On-Line*)

pensador medieval do século XII (John of Salisbury⁷⁸) que se aplica ao Lula: *Rex illiteratus est quasi asinus coronatus* (um rei iletrado é como um asno coroadado). Sabe o que diz Platão? Que todo homem que aspira a um cargo político deveria ser proibido de tê-lo. Portanto, as filosofias clássica e medieval têm a ensinar ética! Só assim baniríamos para uma ilha distante os Delúbios, os José Dirceus da vida!

***IHU On-Line* – Acredita que, de certa forma, a sociedade pós-moderna ainda possua, mesmo que veladamente, a divisão medieval entre clérigos, nobres e servos? Quem seriam os clérigos, nobres e servos atuais?**

Ricardo Costa – Não. A divisão social hoje tem como base o poder econômico; a medieval, a função que a pessoa exercia no todo, independente de seu poder econômico! Mas nem na Idade Média essa divisão correspondia à realidade. Isso foi uma abstração criada por clérigos para se pensar a sociedade de então. A realidade era muitíssimo mais complexa. Llull mesmo, em um tratado, indica mais de 35 profissões em sua ilha (Maiorca)! Ademais, havia clérigos filhos de nobres e clérigos filhos de servos, camponeses ricos e cavaleiros pobres, ricos-homens que abandonavam tudo para viver na pobreza. Por fim, uma vez mais: os pressupostos eram diferentes.

⁷⁸ **John of Salisbury**: bispo e autor inglês nascido em Salisbury, Wiltshire, um dos melhores latinistas de seu tempo. Entrou para as escolas catedral na França, freqüentando-os durante 12 anos, inclusive foi discípulo de **Pedro Abelardo**. Foi sacristão do **Papa Eugênio III** e tornou-se consecutivamente secretário de **Theobald** e **Thomas Becket**, arcebispos de Canterbury. Desprestigiado por **Henry II**, foi para Reims, onde escreveu *Historia pontificalis*. Retornando a Inglaterra, tornou-se bispo de Chartres e participou do Concílio Luterano. Morreu no ano seguinte. Escreveu biografias de **Becket** e **Anselmo** e tratados em diplomacia, lógica e filosofia aristotélica. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Ainda com relação às obras de Llull, como era a educação das crianças na Baixa Idade Média?**

Ricardo Costa - Esse é um tema muito interessante, objeto de pesquisa de meu pós-doutorado em Barcelona e que me deu um enorme prazer! Na Baixa Idade Média, o ensino era dirigido por homens da Igreja (e também por ela própria). Algumas mulheres aprendiam, mas em casa (aulas particulares), quando ricas. A base da educação era o *Trivium* e o *Quadrivium* (desde o século V): gramática, lógica e retórica; aritmética, geometria, música e astrologia. Seria o correspondente ao nosso primeiro grau e segundo grau. Depois, uma universidade (Teologia, Direito e Medicina). A Idade Média criou a universidade. Não há nada parecido no mundo antigo. Só isso deveria ser suficiente para banir-se de nosso ensino atual o rótulo "Idade das Trevas", noção que se aplica muito melhor ao século XX, dos Gulags, dos

campos de concentração nazistas e da bomba atômica!

***IHU On-Line* - Quais são os principais preconceitos que ainda persistem sobre a Idade Média e o que já mudou nesse sentido?**

Ricardo Costa - No Brasil, infelizmente, predomina ainda a idéia de que a Idade Média foi um tempo de ignorância, barbárie. Isso por duas razões: puro desconhecimento por parte de muitos colegas, e a grande mídia, sempre ignorante, e em busca do lugar-comum para ser melhor entendida. Nossos esforços ainda são particularizados ao mundo universitário (mesmo assim com muitos problemas). Dou-lhe um exemplo: uma tarde, em minha sala na Ufes, estava trabalhando no laptop com um texto de Llull. Dois professores entraram - os dois de História Contemporânea - viram a luz apagada, e um disse: "Vamos trazer luz às trevas! Ahahah..." Eu havia esquecido de acender a luz da sala.

destaques da semana

Entrevista da Semana pg. 52

Teologia Pública pg. 55

Destaques On-Line pg. 58

Frases da Semana pg. 59

Deu nos jornais pg. 60

Entrevista da Semana

Um debate sobre Vieira, cristianismo e política nacional

Entrevista com Luiz Felipe Baêta Neves Flores

O Prof. Dr. Luiz Felipe Baêta Neves Flores, do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, participou na última semana do Seminário Internacional **A Globalização e os Jesuítas**, realizado na Unisinos. Ele ministrou, no dia 26 de setembro de 2006, a conferência *Os soldados de Cristo na Terra dos Papagaios*. Após a explanação, o professor concedeu a entrevista que segue à revista **IHU On-Line**.

Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense, Baêta Neves é mestre e doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-doutor pela Université de Paris V (René Descartes), da França.

Entre seus livros publicados, citamos ***Padre Antonio Vieira: catálogo do acervo da Biblioteca Nacional*** (org.). Rio de Janeiro: Eduerj/Fundação Biblioteca Nacional, 1999; ***Presença do Padre Antonio Vieira*** (org.). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2001; ***Terrena Cidade Celeste: Imaginação social jesuítica e Inquisição***. Rio de Janeiro: Atlântica, 2003; ***Transcendência, Poder e Cotidiano - As Cartas de Missionário do Padre Antonio Vieira***. Rio de Janeiro: EDUERJ/Atlântica, 2004.

IHU On-Line - O senhor poderia explicar melhor o tema *Os soldados de Cristo na Terra dos Papagaios*, apresentado no Seminário A Globalização e os Jesuítas, na Unisinos?

Baêta Neves - Os soldados de Cristo são os jesuítas. E “terra dos papagaios” era um dos primeiros nomes do Brasil, porque os índios repetiam as palavras em latim que eram ensinadas pelos jesuítas. Minha dissertação de mestrado se intitula

O combate dos soldados de Cristo na Terra dos Papagaios. Falo do combate dos inicianos, que tem uma origem “militar”, uma hierarquia muito forte, um sentimento de obediência e de comando muito pregnante. Assim sendo, eles são aliados, pelo senso comum, a padrões militares de comportamento. É por isso que eu joguei com as palavras e chamei os inicianos de soldados.

***IHU On-Line* - Qual a maior importância das obras proféticas e dos sermões de Antonio Vieira?**

Baêta Neves - No próximo ano, comemoramos os 400 anos de nascimento de Antonio Vieira. O mais interessante em suas obras proféticas é que nelas a consumação do final dos tempos seria a constituição de uma terrena cidade celeste, ou seja, uma sociedade que, mesmo estando na Terra, teria características celestes, em uma espécie de fusão desses dois planos. A expressão mais feliz que eu encontrei para isso foi “terrena-cidade-celeste”, que é a cidade onde a consumação dos tempos não é o final no sentido de extinção. Vai haver pelo menos, antes disso, a constituição de uma sociedade que é tão pagã quanto sagrada.

Os sermões de Vieira são inúmeros. Eu mesmo supervisei uma edição que tinha doze volumes de 450 páginas cada um e onde não estão todos os sermões. Mas, de maneira geral, nos sermões e até fora deles, Vieira e muitos cristãos achavam que a pessoa entenderia o mundo se conseguisse compatibilizar aquilo que está observando com uma cena bíblica, o que era um trabalho racional. Não é um trabalho mágico, místico ou por intuição. É por um determinado exercício da razão. Era preciso descobrir, o que não é uma coisa fácil; olhamos o mundo, enquadramos uma cena e depois disso temos que procurar na Bíblia algo semelhante. Quando isso fosse feito, teríamos compreendido o mundo. Para os jesuítas essa compreensão do mundo é uma parte da história. Os jesuítas são teleológicos, pragmáticos, sonhadores. Eles fazem tudo para chegar a um determinado fim. Por isso, muitas vezes, Vieira e os jesuítas foram atacados, porque os seus detratores dizem que eles usam os meios que forem necessários desde que os fins sejam justos e bons. A idéia de ação e movimento é

fundamental para a Companhia de Jesus, uma ordem que se caracterizou no período colonial a seu modo e que hoje é uma ordem preocupada com a expansão do saber e com a ação social desse saber. O estudo dos sermões não pode se confundir com uma análise dos sermões como eles “efetivamente” se deram. Os sermões são estudados, principalmente, mediante o registro que o próprio Vieira fez, às vezes 40, 50 anos depois dos sermões pronunciados. Então, nesses casos, é difícil saber qual era o efeito do sermão no lugar em que foi pronunciado, como diferentes segmentos da sociedade se apropriaram dos sermões, que incluíam textos, mas também incluíam oralidade, gestualidade, localização, encenação e formas de percepção diferenciadas. Ninguém está estudando nenhum fato “concreto”. Uma demonstração radical disso é que Vieira, no fim da vida, quando estava editando os sermões, resgatava alguns que ele havia guardado por inteiro, outros que ele guardou apenas com notas, e havia sermões que ele só tinha a data. Daí ele fazia o sermão 40 anos depois e publicava. Depois vem alguém e acha que está lendo algo relativo àquele período lá atrás. É preciso ver isso com cuidado.

***IHU On-Line* - Passando para a discussão conjuntural nacional, o senhor acredita que estamos vivendo um esvaziamento da ética no campo da política?**

Baêta Neves - Há um esvaziamento não do homem político, mas da política, do sistema político de uma maneira geral. Mas isso também gerou uma reação em muitos segmentos da sociedade de repúdio ao amoralismo da política, o que é um contraponto curioso. Exacerbamos em muitos segmentos da sociedade uma apatia que, na verdade, já existia, porque, na medida em que achamos haver um salvador, e um partido que apóia esse

salvador, que são limpos, e vemos que a situação na realidade não é essa, e sim, de contaminação viral da corrupção e de práticas políticas deletérias, isso provoca repúdio em pessoas que, às vezes, não tem vocação política, mas tem formação ética e moral. Mesmo sem tendência política, as pessoas repudiam os métodos que são empregados na política, como poderiam repudiar métodos empregados na religião ou em outro âmbito qualquer.

IHU On-Line - O que está faltando no debate eleitoral?

Baêta Neves - Sinto falta do silêncio dos candidatos. Preferia que ficassem todos calados. Mas é difícil responder a isso, porque temos dois campos, um dizendo o que o outro não diz. Sinto falta de um debate mais claro sobre os fundamentos racionais do imaginário social, ou seja, todas as utopias sociais que desde o neoliberalismo estão sendo atacadas como algo delirante, fora da razão, devem ser recuperadas, porque a imaginação social passa pelo sonho, pelo projeto, pelo futuro, e isso está sendo mal discutido. É importante que se discuta a recuperação – eu tenho horror à palavra “resgate” – do imaginário profético, sonhador, revolucionário, com base em um debate que veja isso como algo racional e que faz parte de toda a sociedade humana.

IHU On-Line - Em que medida os valores do cristianismo podem contribuir para a política atual da forma como ela se configura?

Baêta Neves - Uma coisa é importante no cristianismo, pelo menos do meu cristianismo: o interesse na interpretação do mundo. Desse ponto de vista, esse cristianismo interpretativo se contrapõe a qualquer fundamentalismo religioso, inclusive cristão. O fundamentalista é alguém que imagina que não interpreta o texto sagrado. Na verdade, esta já é uma

interpretação do texto sagrado e que passa por uma leitura dos fatos. Da mesma forma, o neoliberalismo diz que está vendo fatos. O liberalismo diz que as coisas são como são, que não adianta sonhar, que o socialismo é uma ideologia falida, que o igualitarismo é um sonho delirante. Isso é uma espécie de fundamentalismo político-econômico. Dizemos que não estamos interpretando, mas constatando a realidade. E quem não pensa assim, não está constatando a realidade, mas está delirando, deturpando, inventando, sonhando maleficamente sobre a realidade.

IHU On-Line - Como o senhor vê a conjuntura nacional política atual e quais as perspectivas que traça para os próximos quatro anos no Brasil?

Baêta Neves - A impressão que eu tenho é que o governo Lula é um caso histórico extraordinário de peculato eleitoral espantosamente constituído. Uma pessoa, que foi eleita com as posições que ele mantinha, ligadas a tradições de esquerda, faz um governo absolutamente fundamentado no neoliberalismo e em práticas políticas espúrias, em busca da constituição de um poder central hipertrofiado, forte e eventualmente muito duradouro. Acho que o risco que se corre nessa eleição é a reeleição dele e a manutenção desse projeto neoliberal que, quando se aproxima das eleições, alia-se a práticas populistas.

IHU On-Line - Quais as alternativas que o senhor vê para a política brasileira? Ainda podemos apostar no sistema de representação partidária?

Baêta Neves - O sistema representativo como expressão de um sistema democrático politicamente, é ruim, mas não se conhece outro sistema melhor. O erro teórico é imaginar que a representação política tenha que ficar quase que exclusivamente centrada em

sistemas de representação ligados ao Congresso Nacional. A forma de composição do congresso deve ser mantida, aprimorada. Não há porque eliminá-la, até porque não há nada para colocar no lugar. Ao lado disso, deve haver maior participação da sociedade, mesmo que aparentemente “fora” da política, com atuação em outros campos que não são tão midiaticamente visíveis. Não é só como os movimentos sociais que conhecemos, mas há mil maneiras de a sociedade agir sem que essa atuação tenha um rótulo, um título político. Estamos habituados a imaginar que a sociedade se move, ou se mostra a si própria por meio do político, mas ela se mostra também por meio da efervescência social, do contato cotidiano, das formas de rede social que se compõem, se superpõem, como bem mostrou Michel Maffesoli, que é um

autor fundamental para a compreensão do que ele chama de força social, que não se confunde com o poder, que seria o poder político. É preciso que se preste atenção nessa força social. Até porque uma das aulas que ela nos dá é de que é muito difícil imaginar ao contrário do que o populismo pensa, para onde isso que se chama de povo vai, porque freqüentemente ele não vai para onde esse racionalismo estreito, produtivista do século XIX imagina. É inútil tentar dominar o povo com uma espécie de previsão do seu comportamento ou porque se imagina que o povo quer comida e com isso fica quieto. Pode não ser assim. Graças a Deus o povo é errático, mutável, pode se “deixar dominar”, pode parecer uma massa de manobra facilmente conduzível, mas esse é um equívoco histórico.

Teologia Pública

A paixão de Jesus e a distância de Alá

Traduzimos e reproduzimos o artigo que segue, de autoria do antropólogo francês com uma vasta obra, autor da conhecida teoria do “bode expiatório”, René Girard. O artigo foi publicado no jornal *Repubblica*, em 20 de setembro de 2006 e reproduzido nas *Notícias Diárias* da página do IHU dia 27-9-2006.

As recentes declarações de Ratzinger não foram feitas em nome do dogma, porém recordam uma doura e antiga discussão de posições. Diversamente da religião cristã, na perspectiva muçulmana os homens estão drasticamente longe de Deus. As contradições que emergiram do 11 de setembro não têm raízes religiosas. A religião é usada como um *instrumentum regni* [um instrumento do poder]. A luta entre judeus e árabes

palestinos não é, de fato, uma guerra de religião, embora fanáticos de ambos os *fronts* estejam procurando torná-la isso.

Os muçulmanos sustentam que o Ocidente faz guerra ao Islã e os ocidentais, que os grupos islâmicos fazem guerra ao Ocidente: pode-se deduzir que alguma coisa esteja acontecendo.

Em Regensburg, o Papa Ratzinger declarou que a Jihad, no seu credo de violência, é contrária a Deus. E o fez, não falando em nome do dogma, mas recordando uma discussão pouco conhecida, que ocorreu entre um dos últimos imperadores romanos, o qual, como imperador de Bizâncio, estava em contato com os muçulmanos, e um culto persa na Turquia do século XIV. Cinquenta anos antes da destruição final do império, aquele imperador afirmava que havia nos muçulmanos uma atitude, ante a violência, diversa da cristã. Estou de acordo com estas palavras, desde que seja precisado que os cristãos, na sua história, nem sempre foram fiéis ao cristianismo autêntico. Foi necessário esperar o Concílio Vaticano II, portanto há não muito tempo, para declarar a liberdade religiosa, que até aquele momento não era reconhecida oficialmente pela Igreja Católica. Ninguém ainda tinha dito que não se precisava utilizar a força para difundir o cristianismo e procurar novos adeptos. Entretanto, é bem verdade que o apelo à não-violência é um elemento fundamental da doutrina cristã originária. O Papa citou um texto marginal, enquanto o episódio ao qual deveria, acima de tudo, referir-se é o da Paixão de Cristo. Por que Cristo a sofre? Porque, ao invés de praticar a violência, observa até o fundo, e acima de si próprio, a recomendação que consigna aos homens, ou seja, a regra do reino de Deus, a regra da não-represália, aquela que no Novo Testamento vem definida como “a regra de ouro”, e que consiste em não fazer aos outros o que não queres que seja feito a ti mesmo? Em todo o pensamento judaico-cristão se afirma rigorosamente a rejeição da violência: é melhor sofrê-la do que infligi-la ao próximo. Na ótica dos muçulmanos, ao contrário, a Paixão é um escândalo, enquanto lhes parece indigna de Deus: é inconcebível

que Deus se preste a ser uma vítima dos homens. Sabe-se que os muçulmanos consideram Jesus como um profeta que foi morto, mas para eles é inadmissível que aquele profeta possa identificar-se com Deus. De outra parte, todas as religiões, exceto o cristianismo, também consideram escandalosa tal equiparação. O primeiro dever do Papa está em recordar os propósitos de base do cristianismo. Ele deve, de um modo ou de outro, falar da substância da doutrina cristã, considerada nas suas estruturas essenciais. E, na Paixão, é Deus que aceita morrer, antes do que fazer violência aos outros. Quanto à substância do Alcorão e às diretrizes que se propõe, no seu interior se pode encontrar tudo, também o convite a difundir a fé com a espada. Em particular, é muito forte o acento na majestade divina.

Iniciadas no século sétimo depois de Cristo, as relações entre muçulmanos e cristãos sempre foram assinaladas pela hostilidade. Paralelamente, porém, esteve vivo um intercâmbio, principalmente durante a Idade Média. Na França, na cidadezinha de Le Puy, há uma magnífica catedral dedicada à Virgem, ao redor da qual, quando se procura na terra, ainda se encontram muitas moedas muçulmanas que atestam um grande número de peregrinações islâmicas provenientes da Espanha. Quero dizer que, se por um lado jamais faltou certo grau de colisão entre as duas religiões, por outro, as relações eram, no passado, mais fáceis e freqüentes, pelo menos individualmente. Não existia aquela espécie de atual uniformidade moderna que faz, sim, que o discurso do Papa em Regensburg seja difundido por toda a parte no mundo e provoque uma sublevação dos muçulmanos.

Por que o Papa considerou necessário dizer o que disse? Porque os muçulmanos se permitem a cada instante julgar o cristianismo e dizer um monte de

bobagens. Os muçulmanos sustentam que os judeus e os cristãos falsificaram as suas escrituras, e que o modo autêntico de considerar Cristo é aquele promulgado pelo Alcorão, que faz dele um profeta, mas que não fala da Paixão, eliminando, assim, a própria essência do cristianismo. A partir da fundação do Papado, a função do Papa consiste em ocupar-se da doutrina, e se renunciasse fazê-lo, não seria mais do que um simples político.

Não esqueçamos, além disso, que o Papa, sempre de Regensburg atacou o Ocidente de cínico e utilitarista. Falou da periculosidade do nosso fundamentalismo iluminista que não mais escuta nenhum Deus e explicou que o Ocidente dá medo ao Islã, porque a nossa civilização não acolhe mais a idéia do sagrado. Este é um ponto em que o cristianismo tradicional acaba concordando com os muçulmanos, que ainda são incrivelmente mais conservadores do que muitos cristãos. O iluminismo drástico e auto-referencial produzido pelo Ocidente nos últimos séculos coincide com a eliminação do elemento religioso, inaceitável pelo cristianismo, que, em todo o caso, desde a Idade Média e da filosofia de Santo Tomás de Aquino, foi sempre mais racionalista, se confrontado com o credo islâmico.

O pensamento cristão, em suma, está freqüentemente numa posição que não se pode reduzir, nem ao ateísmo racionalista, nem ao pensamento muçulmano. E, em todo o caso, a concepção religiosa do cristianismo seja bem mais próxima do humanismo do que a islâmica, embora seja diversa do humanismo como tal. Na perspectiva muçulmana, os seres humanos estão radicalmente longe de Deus e, por isso, é impossível afirmar que Deus teria podido sucumbir sob os golpes dos mortais: a separação entre Deus e os homens é demasiado rígida para legitimar uma idéia desse gênero. E, no entanto, é precisamente esta a concepção fundamental do cristianismo, extraordinária e difícil de defender, porque arriscada em duas direções: aquela de um retorno às religiões arcaicas e aquela da negação de Deus. A luta entre o pensamento cristão e o muçulmano existia no passado e continuará a existir no futuro. O evento convulsivo do 11 de setembro, desprezado e incompreendido pelos ocidentais, produziu uma espécie de fermentação que suscita todo tipo de debates entre o islamismo e o cristianismo, conduzido na base de uma grande incompreensão entre ambas as partes.

Destaques On-Line

Entrevistas exclusivas produzidas pelo sitio do IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Aqui, apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas, na íntegra, nas *Notícias Diárias* do sítio, na data correspondente.

Título: A crise econômica gaúcha

Entrevistado: Erik Camarano

Entrevista: O economista e professor Erik Camarano concedeu entrevista a *IHU On-Line*, abordando a crise financeira do Rio Grande do Sul, a renegociação da dívida do Estado com o governo federal, o Pacto pelo Rio Grande e ainda, uma possível solução para os problemas. Confira no link abaixo a íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 26-9-2006.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=233

Título: A Era de Lula e a política brasileira

Entrevistado: Leônicio Martins Rodrigues

Entrevista: O cientista político, Leônicio Martins Rodrigues, falou à *IHU On-Line* sobre política brasileira, PT e a Era Lula. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 27-9-2006.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=449

Título: Os evangélicos dentro da política partidária brasileira

Entrevistada: Maria das Dores Machado

Entrevista: A socióloga Maria das Dores falou à *IHU-Online* sobre a participação dos indivíduos evangélicos na política partidária brasileira, o livro *Política e Religião*, Editora FGV, e a tendência de do voto evangélico nas próximas eleições presidenciais. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 28-9-2006.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=470

Título: A Feira do Livro sob a batuta de Alcy Cheulche

Entrevistado: Alcy Cheulche

Entrevista: Alcy Cheulche falou à *IHU-Online* sobre literatura, Sepé Tiaraju, seus livros, política e a Feira do Livro de Porto Alegre. Cheulche é o novo patrono da 52ª Feira do Livro de Porto Alegre. Ele foi eleito na última terça-feira, 26, em anúncio feito pelo presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro, Waldir da Silveira, durante um café da manhã no Bistrô do Margs. A Feira vai ocupar a Praça da Alfândega de 27 de outubro a 12 de novembro. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 29-9-2006.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=637

Frases da semana

Resistência criativa

“Creio sinceramente na resistência criativa. A minoria sempre acaba se impondo”- Jeanne Moreau, artista francesa – *El País*, 28-9-2006.

Brigitte Bardot

“A celebridade te isola. No pedestal tu estás sozinha. O que vivi foi ao mesmo tempo extraordinário e terrificante. A solidão sempre a temi. Hoje a aceito” – Brigitte Bardot, ao completar 72 anos de idade – **Brigitte Bardot**, ao completar 72 anos de idade – *Repubblica*, 28-9-2006

“Não amo a vida, mas detesto a morte” – **Brigitte Bardot**, ao completar 72 anos de idade – *Repubblica*, 28-9-2006.

“A ruptura brutal com o cinema me jogou numa desesperança profunda. Não sabia o que fazer da minha nova vida. Mas se tivesse continuado no cinema teria terminado como Marilyn Monroe” – **Brigitte Bardot**, ao completar 72 anos de idade – *Repubblica*, 28-9-2006.

Crise ética

“O impacto da crise ética é insignificante entre os pobres” – **Hélio Jaguaribe**, sociólogo – *O Globo*, 1-10-2006.

“O excesso de denúncias deixou o eleitor anestesiado” – **Dalmo Dallari**, jurista e professor da USP – *O Globo*, 1-10-2006.

“Outro dia, perguntei a meus alunos quem se sentia representado pelos deputados federais. Só um ergueu a mão. Era filho de um parlamentar” - – **Dalmo Dallari**, jurista e professor da USP – *O Globo*, 1-10-2006.

“Preocupa-se com a ética individual quem tem caráter. Preocupa-se com ética pública quem pode” – **José Murilo de Carvalho**, historiador – *O Globo*, 1-10-2006.

“A ética depende da capacidade de refletir e da idéia de que todos têm um destino comum. Isso deixou de existir no Brasil” – **Leandro Konder**, filósofo, professor da PUC-Rio – *O Globo*, 1-10-2006.

“A função do político ficou tão desgastada que as pessoas pensam que é assim mesmo” – **Ziraldo**, cartunista – *O Globo*, 1-10-2006.

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias* apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. A elaboração das notícias diárias é feita em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, com sede em Curitiba, PR. Abaixo algumas notícias selecionadas.

Arcebispo do Rio é intimado

O cardeal D. Eusébio Oscar Scheid, arcebispo do Rio, recebeu intimação, que recusou-se a assinar, da Justiça Eleitoral para orientar párocos de se absterem de comentário ou referência político-ideológica, sob pena de 'caracterizar-se desobediência à ordem judicial'. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 26-9-2006. http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=427

"O diálogo é vital para nosso futuro", diz o papa ao Islã

Bento XVI reafirmou de maneira clara e firme, o que pensa e espera do Islã, uma religião de 1,3 bilhão de seguidores. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 26-9-2006. No mesmo dia, as *Notícias Diárias* publicou as repercussões do discurso de Bento XVI. http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=428

Vaticano excomunga Emanuel Milingo

A Santa Sé decretou a excomunhão *latae sententiae* (automática) de d. Emanuel Milingo, arcebispo aposentado de Lusaka, em Zâmbia, por ter ordenado bispos, à revelia do papa, quatro padres casados. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 27-9-2006. http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=450

Que sentido dar às palavras de Bento XVI sobre a jihad?

As *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 28-9-2006 traduziu e publicou o debate com Henri Tincq, vaticanista do jornal *Le Monde*. O jornal publicou o debate no dia 19-9-2006. http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=504

Arte de compartilhar

As *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 26-9-2006 publicou uma entrevista com o sociólogo Zygmunt Bauman. http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=440

Massa salarial cresce 8% em 2005

A massa de salários pagos por empresas e governos no País teve crescimento real de 8% em 2005 em relação a 2004. Confira as *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 28-9-2006.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=622

País pode ter até recessão em novo mandato

As *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 28-9-2006, reproduziu uma entrevista com o economista Fernando Cardim.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=627

Libertação, só pelo movimento de massas

Reproduzimos a entrevista que Plínio de Arruda Sampaio concedeu ao jornal *Brasil de Fato*. Confira as *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 26-9-2006. No dia 27-9-2006, publicamos um artigo de Plínio de Arruda Sampaio.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=454

"Globalização produz países ricos com pessoas pobres"

Reproduzimos os principais trechos da entrevista de Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel da Economia em 2001 ao *Estado de São Paulo*. Confira as *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 27-9-2006.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=451

Campanha em Rondônia opõe Cassol à Igreja

Com a vitória praticamente garantida no primeiro turno, o governador de Rondônia, Ivo Cassol (PPS), 47, entrou em uma polêmica com o bispo de Ji-Paraná (379 km de Porto Velho), dom Antonio Possamai, que já lhe tirou três pontos nas pesquisas de intenção de voto na reta final da campanha. Confira as *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 27-9-2006.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=455

A oportunidade da democracia

As *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 26-9-2006 publicou um artigo do professor titular aposentado de teoria política da UFRJ, membro-fundador do Iuperj, Wanderley Guilherme dos Santos.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=436

Reeleição de Lula

As *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 28-9-2006 publicou um artigo do Leonardo Boff.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=469

O conduto político partidário e o risco do "Lulismo"

As *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 28-9-2006 publicou uma análise de conjuntura da CNBB.

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=484

IHU em revista

Eventos	pg. 64
Sala de leitura	pg. 75
Carta do leitor	pg. 76
IHU Repórter	pg. 77

Eventos

***Esau e Jacó*, de Machado de Assis** **V Ciclo de Estudos sobre o Brasil:** **Intérpretes do Brasil – Estado e Sociedade**

No próximo *V Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil - Estado e Sociedade*, a história do país será interpretada pelo olhar do escritor Machado de Assis. A obra *Esau e Jacó* servirá de base para a discussão mediada pela Pós-Doutora em Teoria Literária pela Unicamp e professora da Feevale, Juracy Saraiva. Confira abaixo a breve entrevista concedida pela professora por telefone à *IHU On-Line*.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foi escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995, *Dom Casmurro*. Erechim: Edelbra, 1997, *Quincas Borba* São Paulo: Atica, 1998 e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O Alienista*. São Paulo: Ática, 1999, que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no País. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras.

Esau e Jacó é o penúltimo livro de Machado de Assis, lançado quatro anos antes da sua morte e, segundo a maioria dos críticos, em pleno apogeu literário. Destaque são os personagens muito próximos da vida real. O Conselheiro Aires é um personagem poderoso que contracenava com Natividade, mãe dos gêmeos Pedro e Paulo, que protagonizam este romance. E Machado chega quase à perfeição formal ao estabelecer esta trama fascinante em que os iguais são opostos e concorrentes. Discordam na política, na vida, sempre em campos opostos, um contra o outro, chegando mesmo a cortejar a mesma mulher. A ambigüidade narrativa se instaura com o Conselheiro Aires, personagem e narrador, que no entanto, também é visto como uma terceira pessoa. Machado por esse jogo de opostos pode comentar um tempo de grande agitação política. Não sendo estranho ao livro temas, como abolição da escravatura, encilhamento e Estado de sítio, porém o melhor abordado e reconhecido é a Proclamação da República, á qual se faz uma tremenda crítica. O evento acontece no Auditório Central no dia 3-10-2006.

Uma obra para os dias de hoje

Entrevista com Juracy Saraiva

***IHU On-Line* - Qual seria a particularidade de Machado de Assis como intérprete do Brasil?**

Juracy Saraiva - Machado de Assis é um intérprete bastante dúbio ou ambíguo. Como escritor, ele busca a aprovação da sociedade em que está inserido. Ele não confronta, ele não opõe a sociedade de modo explícito quando analisa a sociedade brasileira. Assim é preciso que o leitor recomponha o que está nas entrelinhas de Machado para alcançar o que seria a interpretação dele em torno da sociedade. Machado exige um leitor que seja capaz de lidar com a ambigüidade do texto para compreender as suas posições diante da realidade que ele vivencia no final do século XIX e na passagem para o século XX.

***IHU On-Line* - Como o autor interpreta o Brasil no livro *Esau e Jacó*? Qual a particularidade desse livro?**

Juracy Saraiva - Este livro é expressivo no posicionamento do escritor diante do país porque ele é escrito e publicado em 1904, e Machado falece em 1908. Entre todos os romances dele, esse é o que está muito próximo da morte do escritor e também próximo dos fatos que são narrados. O livro abrange, ficcionalmente, o tempo da ficção, que é de 1865 a 1895, e Machado publica em 1904, portanto, a publicação está perto dos fatos narrados. Além disto, estes fatos abrangem o período da transposição da monarquia para a república. Como esse evento é extremamente importante para o País, Machado faz uma análise, tanto daquilo que levou o término da monarquia, quanto a nossa concepção política do País, sem, no entanto, se posicionar nem

a favor de um regime nem a favor de outro, mas demonstrando aquilo que ele vê como problemas da natureza humana e que acabam aflorando em qualquer regime político.

***IHU On-Line* - Quais são as principais críticas de Machado de Assis à sociedade brasileira?**

Juracy Saraiva - Em primeiro lugar, ele faz uma denúncia ao processo de enriquecimento de determinados grupos sociais. Uma das personagens é muito típica porque ela representa o enriquecimento mediante o recurso dos capitais, não a força de trabalho. Então essa personagem, Santos, enriquece, aplicando em ações. O autor também mostra uma sociedade que é aparentemente rica e que não tem uma verdadeira solidez financeira. Parece-me que este retrato do Brasil não está tão profundamente alterado nos dias de hoje. Além disso, ele mostra uma classe política extremamente oportunista e interesseira e migra de uma posição para outra para atender seus interesses pessoais e não aos interesses coletivos. Novamente, nós temos uma personagem que é caracterizadora da classe política que se chama Batista, que ora está ao lado dos conservadores, ora do lado dos liberais e com a mudança de regime mais que depressa passa para os republicanos. Também um outro aspecto que fica evidente nessa análise é da omissão do povo diante dos fatos de natureza política. O povo não participa, não toma decisões que são assumidas por um pequeno grupo de pessoas que acabam então ditando os rumos do País.

Erik, o Viking Idade Média e Cinema II

Repensar a história medieval por meio do cinema é o objetivo do *Idade Média e Cinema II*, evento promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com o curso de História da Unisinos. O evento, que iniciou no dia, 12 de agosto, com a palestra *Introdução à linguagem cinematográfica e às representações da Idade Média no Cinema*, continua suas atividades, dia 4 de outubro, com a exibição do filme *Erik, o Viking* (1989). O filme de Terry Jones será debatido pelo professor da UFRGS, José Rivair de Macedo. Publicamos nesta edição entrevista com o professor no tema de capa Idade Média.

Miguel Aglietta – A violência da moeda

II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

O próximo **II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia** irá abordar a obra de Michel Aglietta. No dia 4 de outubro, na sala 1G119, das 19h30min às 22h, o economista Octavio Augusto Camargo Conceição vai falar do livro *A violência da moeda* (AGLIETTA, Michel; ORLÉAN, André : *La violence de la monnaie*. Paris, PUF. Trad. bras. ed. Brasiliense: 1990). Conceição é professor adjunto do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS e do Programa de Pós-Graduação em Economia. Técnico da Fundação de Economia e Estatística, atualmente exerce a função de Editor da revista *Indicadores Econômicos FEE*. Sobre o assunto, confira a entrevista que o professor concedeu na edição 191 à *IHU On-Line* no sítio do IHU: www.unisinos.br/ihu.

A contingência e o acaso nas Ciências da Vida e na Física

II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia

Os professores doutores Aldo Mellender de Araújo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Fernando Haas, da Unisinos, são os palestrantes desta quarta-feira, 4-10-2006, das 17h30min às 19h30min, em mais uma atividade do **II Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: um diálogo desde a Filosofia**. O local é Auditório Sérgio Concli Gomes.

Haas, que leciona na Unisinos, é graduado, mestre e doutor em Física pela UFRGS. Sua tese leva o título *Sistemas de Ermakov Generalizados, Simetrias e Invariantes Exatos*. É pós-doutor pela Universidade Henri Poincaré, na França. É autor de **Computação algébrica e simetrias de Lie**, Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada, 2001. Na entrevista abaixo, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Haas afirma que “um dos desafios da física é explicar de modo convincente a vida”. Confira, ainda, nesta mesma edição, a editoria **IHU Repórter**, da qual Haas é o entrevistado.

Araújo é graduado em História Natural pela UFRGS, e doutor em Genética e Biologia Molecular pela mesma instituição. cursou pós-doutorado na Universidade de Liverpool, Inglaterra, na Universidade de Campinas (Unicamp) e na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos. É autor de inúmeros capítulos de livros e artigos especializados, publicados em periódicos. Ele também fez sua contribuição à **IHU On-Line**, adiantando alguns aspectos do tema que abordará quarta-feira.

Explicar a vida: desafio da física

Entrevista com Fernando Haas e Aldo Mellender Araújo

***IHU On-Line* - Como a Física do século XXI “dialoga” com a contingência e o acaso? Quais são os avanços que se fez nessas concepções?**

Fernando Haas - A física mais fundamental possível, que é a física das partículas elementares, utiliza o paradigma da mecânica quântica.

Além disso, por mais sofisticadas matematicamente que sejam as teorias atuais (teoria M, supercordas e assim por diante), basicamente continua sendo aceita a mecânica quântica, conforme estabelecida lá por volta de 1925. E o que nos diz esta teoria, de acordo com sua interpretação mais popular, a da

Escola de Copenhagen? Que existe um elemento probabilístico na natureza. Mais exatamente, considere um sistema físico qualquer. Dado o estado presente deste sistema, não está univocamente determinado o seu futuro. O que existe é um conjunto de futuros possíveis, cada um dos quais com uma certa probabilidade. A mecânica quântica oferece regras matemáticas específicas para calcular tais probabilidades, ou seja, não se trata do reino da bruxaria, onde tudo é possível. Pelo contrário, os números que se extraem da mecânica quântica são cotidianamente confrontados com experiências de laboratório ou com processos espontâneos na natureza, com resultados bastante satisfatórios. Em resumo, a física atual descreve apenas as potencialidades no mundo, o que é bem diferente da visão mecanicista em que o universo é visto como uma máquina cuja evolução é perfeitamente determinística. Eventualmente o jogo pode ser virado e uma teoria determinista destronar a física quântica. Nunca se dá a última palavra na ciência, que está em permanente evolução.

Por sua vez, a física não pode de modo algum ser vista como limitada unicamente à física das partículas elementares e das forças fundamentais. As formas pelas quais a matéria e a energia se organizam no mundo macroscópico podem ter uma lógica, uma coerência e uma complexidade próprias. Seria muito difícil tentar explicar o surgimento e a organização de um ser vivo, por exemplo, partindo unicamente das leis básicas da física de partículas. Desse modo, é necessário recorrer a modelos matemáticos adaptados a

estes sistemas, nos quais a teoria do caos tem tido um papel relevante. A teoria do caos mostra como extrair informação de modelos matemáticos determinísticos, mas que podem levar a comportamentos bastante diferentes para pequenas alterações nas condições iniciais. Por exemplo, uma pequena mudança nas características de uma certa massa de ar pode levar a uma tempestade, devido ao comportamento das equações que descrevem este tipo de sistema.

Aldo Mellender Araújo – Discutir a contingência e o acaso nas ciências da vida é discutir estes temas segundo uma perspectiva evolucionista, da evolução da vida na terra, ou, se desejarmos, segunda uma perspectiva histórica (história da vida). O acaso não é mais tratado como “ignorância de causas”, como foi no passado; hoje o acaso tem inclusive uma função explanatória na biologia evolutiva. Tomemos um conjunto de eventos em que se pode trabalhar ambos os fenômenos: as extinções em massa, evidenciadas no registro geológico. Os geólogos e paleontólogos reconhecem cinco destes episódios. Um dos mais conhecidos do público em geral, devido à ampla divulgação nos meios de comunicação, foi aquele que eliminou um grupo de animais conhecidos como dinossauros. A contingência se expressa neste caso, da especulação sobre “se” não tivessem se extinguido os dinossauros, o que teríamos hoje em dia? Que grupos teriam se originado se os dinossauros permanecessem? A evolução dos mamíferos, por exemplo, se deu principalmente após a extinção dos dinossauros; mas se os dinossauros tivessem

permanecido (uma análise contemporânea sustenta que as aves são dinossauros modificados), qual o destino dos mamíferos?

Acaso em grandes dimensões

Como humanos, somos mamíferos, portanto a pergunta pode envolver o próprio surgimento do *Homo sapiens*. As extinções em massa atingem aleatoriamente grupos de organismos; há pouca probabilidade de previsão sobre quais grupos escaparão da extinção e quais os que continuarão. Mesmo que as extinções em massa possam ser vistas como um fenômeno cíclico, segundo defendem alguns paleontólogos, mesmo assim seria impossível prever que organismos se extinguiriam e quais os que permaneceriam. Aqui temos o acaso em grandes dimensões. Mas ele também pode ser registrado nas populações atuais, principalmente as de pequeno tamanho (poucos indivíduos); a teoria da genética de populações procura dar conta deste fenômeno, utilizando um processo conhecido como “deriva genética”. Ao que tudo indica, uma parte da evolução molecular foi devido a este processo (outra parte da evolução molecular foi devido a mecanismos adaptativos, sem dúvida). O que significa deriva genética para uma população atual? Significa que ela pode tomar um rumo independente da adaptação a um certo ambiente, significa que variantes genéticas não adaptativas, ou neutras para usar uma expressão menos forte, podem se espalhar na população apenas devido ao acaso. Até mesmo variantes genéticas prejudiciais podem se espalhar nas populações, devido a este fenômeno.

IHU On-Line - Como a contingência e o acaso podem ajudar a explicar o surgimento da vida?

Fernando Haas - Uma pergunta intrigante é a seguinte. Suponha um ambiente como o da Terra há alguns bilhões de anos atrás, com basicamente as mesmas condições, ou seja, mesmas ordens de grandeza de temperatura, pressão, elementos químicos disponíveis... Pois bem, a vida surgiria com 100% de probabilidade? Além disso, caso a vida surgisse, será que a evolução transcorreria de modo qualitativamente semelhante ao que observamos no nosso mundo? Não me sinto à vontade para responder à primeira questão (talvez a biologia já seja capaz de respondê-la). Quanto ao segundo ponto, creio que a teoria da evolução mostra muito bem o papel do acaso.

Uma mutação genética ocorre por fatores fortuitos, como a exposição a uma certa radiação que altere a carga genética de um organismo. A sobrevivência da nova linhagem, porém, depende da mutação facilitar ou não a adaptação do indivíduo ao meio. Talvez os biólogos discordem, mas acho que muitos cenários diferentes poderiam emergir neste contexto. Por exemplo, eventualmente, por que não haveria mais de uma espécie decididamente inteligente no nosso planeta? É relativamente fácil olhar de modo retrospectivo e explicar a evolução do homem e das demais espécies devido a tais e quais fatores. O difícil é decidir se a solução que a natureza propôs é única. Tenho o palpite de que não seja. Um argumento para isso é o seguinte: Suponha que dois tipos de mutações sejam favoráveis a uma certa espécie, num certo

ambiente. Se uma delas ocorre primeiro, eventualmente o indivíduo modificado tem sucesso em passar sua carga genética adiante e uma nova linhagem se estabelece. A outra mutação, que também seria favorável, perdeu o bonde da história. Passou a hora e o lugar em que deveria ter acontecido, por uma questão de sorte e azar.

Aldo Mellender Araújo – Todas as teorias científicas sobre a origem da vida sustentam que ela surgiu espontaneamente, devido ao acaso. A vida se auto-organizou, a partir das primeiras moléculas replicantes (similares aos atuais RNAs, porém mais simples); a importância destas moléculas replicantes está no fato de já possuírem, provavelmente, as propriedades fundamentais da vida, isto é, multiplicação (autocatálise), variação (no processo autocatalítico diferentes moléculas teriam diferentes graus de eficiência neste processo, e herança (moléculas com eficiência x originariam outras com a mesma eficiência). Alguém poderá objetar que a auto-organização não é um processo aleatório, logo a vida não teria se originado pelo acaso. De fato, o aleatório está no que antecede ao surgimento destas moléculas replicantes; as propriedades das moléculas mais simples, ou se quisermos, as propriedades dos elementos químicos. Estas surgiram de forma espontânea, conferindo-lhes capacidades de juntarem-se de acordo com tais propriedades. Por que a vida se baseia fundamentalmente em átomos de carbono? Exatamente pelas propriedades físico-químicas deste elemento, que permitem, por exemplo, a formação de grandes cadeias, estáveis (o que não acontece

com o átomo de silício, cujas cadeias são menos estáveis). A partir do surgimento das primeiras moléculas replicantes, é possível deduzir-se que ocorreram diferentes estados transitórios que foram tornando mais complexos os estados posteriores, havendo uma baixa probabilidade de reverterem a estados mais simples.

***IHU On-Line* - Essas duas visões são conciliáveis sob o ponto de vista físico? Como?**

Fernando Haas – Um dos desafios da física é explicar de modo convincente a vida. Os físicos são treinados para dar respostas a problemas muito simples, como relacionar o período de um pêndulo à sua amplitude de oscilação. Progressivamente, vamos incorporando cenários mais e mais complicados, mas em geral preservando uma certa modéstia. O que dizer quando se chuta o balde e o objetivo passa a ser a descrição de um sistema físico tão complexo como um ser vivo, com tantos graus de liberdade envolvidos? Neste caso, um mínimo de imaginação já permite formular um sem número de questões interessantes. Por exemplo, qual é a relação entre os estados mentais de um indivíduo e sua saúde? É possível descrever a consciência por algum modelo matemático? É provável que a mecânica quântica tenha um papel importante nestes assuntos, mas atualmente estamos engatinhando nestas áreas. Sejam francos: os físicos têm a pretensão de deter “o” método para explicar a natureza. Assim, nosso objetivo é incorporar a biologia como um capítulo da física. Para isso é preciso matematizar cada vez mais a biologia.

Aldo Mellender Araújo - Certamente que sim e em parte já foram abordadas nas respostas anteriores. Mas podemos acrescentar mais um exemplo com base na análise do comportamento animal, portanto, já em uma fase da evolução da vida bem mais recente e mesmo, atual. Imaginemos uma fêmea de uma determinada espécie de borboleta, sobrevoando e examinando plantas para escolher uma para colocar um ovo. Esta escolha não é aleatória, ela foi moldada por um eficiente processo determinístico conhecido como seleção natural. Mas, de um modo geral, borboletas “ovopositam” em mais de uma planta hospedeira de suas larvas; por exemplo, a espécie *Heliconius erato phyllis*, uma borboleta muito comum entre nós, é especializada em colocar ovos em maracujás silvestres. Ao redor de Porto Alegre, e aí se inclui São Leopoldo, ocorrem com mais frequência, duas espécies de maracujás silvestres, nos mesmos locais. Ora, a fêmea que estamos imaginando poderá encontrar apenas uma destas espécies, durante um tempo determinado de procura e, então, realiza a postura. Sabemos por estudos laboratoriais que o desenvolvimento da larva difere quanto a uma série de características, conforme a espécie de maracujá utilizada. Aqui entra a contingência: ao depositar o seu ovo na espécie x de maracujá e não na y, a borboleta estará induzindo um desenvolvimento da larva-filha diferente, fazendo com que, por exemplo, o surgimento da borboleta-filha seja mais tardio (o que pode ter uma série de outras implicações). Há, assim, uma combinação de contingência, acaso e determinismo.

IHU On-Line - Partindo da filosofia kantiana, ainda é possível sustentar que a contingência explica o determinismo físico (o mundo fenomênico) e o acaso pode explicar a liberdade (o mundo numênico)? Qual seria a explicação da Física para essa proposição filosófica?

Fernando Haas - Pelo que entendo, um fenômeno contingente é algo cujo surgimento se explica por si mesmo. Quando um sistema quântico “escolhe” um estado A ou um estado B, estamos diante de uma contingência. A liberdade, ou o livre-arbítrio, tem a ver com uma opção consciente de um indivíduo por uma ou outra decisão. Mesmo admitindo que a física possa descrever os estados de consciência de um indivíduo, se uma tomada de decisão depende da contingência de a natureza “sortear” uma ou outra decisão, não vejo espaço para a liberdade. Um sistema quântico não é “livre” só porque, com base em um certo presente, vários futuros podem ser descortinados. Se a liberdade existe, deve ser porque há algum terreno obscuro onde a física não se aplica. É o acaso que justifica a liberdade.

Aldo Mellender Araújo - Não me parece ser o caso. A contingência pode ser concebida como tudo aquilo que pode ser ou não ser, logo é de ocorrência possível, mas incerta. Há um forte componente aleatório nesta caracterização. Por seu turno, númeno designaria a realidade que pode ser apenas pensada, sem ser conhecida, o que foge à concepção contemporânea para o acaso. Na teoria das probabilidades, o acaso pode ser representado como a incerteza em relação a determinados

fatores causais, os quais podem ser conhecidos a priori. Não vejo, assim,

uma relação com o conceito kantiano de número.

Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul, de FHC

I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul-Rio-Grandense: Contribuições à leitura de seus intérpretes

Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul, de Fernando Henrique Cardoso, é a obra em análise no I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul-Rio-Grandense: contribuições à leitura de seus intérpretes. Na condução da atividade está a Prof.^a Dr.^a Helga Piccollo. A atividade acontece em 5-10-2006, das 19h15min às 22h30min, na Sala IG119.

Piccollo é professora emérita da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bacharel e licenciada em Geografia e História pela mesma instituição, e especialista em Didática do Ensino Superior pela Unisinos. cursou doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). É autora de *Vida política no século 19. Da descolonização ao movimento republicano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

Seminário Internacional A Globalização e os jesuítas: origens, história e impactos

Um evento que suscitou discussões, troca de idéias e um maior entendimento sobre o legado jesuíta sob os mais diferentes aspectos, sobretudo para a constituição do processo da globalização. Assim podemos caracterizar o **Seminário Internacional A Globalização e os jesuítas: origens, história e impactos**, que aconteceu de 25 a 28 de setembro, concomitantemente na Unisinos, na PUC-Rio e na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte.

Ouvidos pela redação da *IHU On-Line*, alguns participantes do Seminário que vieram à Unisinos, registraram os motivos que os animaram a integrar-se no evento e deram seus pontos de vista. Confira.

O Seminário pela ótica dos participantes

“Para mim, há uma aproximação muito grande entre os temas que estudo com os que estão sendo oferecidos neste **Seminário**. Sempre que há eventos dessa natureza na Unisinos, tenho vindo. Sou protestante, de formação metodista e tenho muito interesse na área do diálogo entre catolicismo e protestantismo. Estou sempre procurando as raízes para essa discussão. A fala do Prof. Dinis foi muito interessante e traz um “outro Inácio”, mais contextualizado. Ele fala de um jesuitismo envolvido com seu tempo. As contribuições que os jesuítas trouxeram para a modernidade por meio da ciência, por exemplo, são fundamentais. O evento está muito bom. Sinto falta, apenas, da questão pedagógica no cronograma do evento. Sou pedagoga de formação, trabalho com a área de educação e o mal-entendido de que o atraso da educação brasileira se deve aos jesuítas é uma realidade em grande parte da bibliografia nacional de pedagogia. Assim, sinto falta de um viés nesse sentido no **Seminário Internacional**. Além disso, este evento católico, jesuíta, traz muitos elementos para pensarmos um diálogo inter-religioso”.

Rosa Meneghetti, Universidade Metodista de Piracicaba, área de ciências da religião

“Vim participar do evento pela preocupação em unir os conhecimentos pedagógicos e de outras áreas com a formação humana que temos no Colégio Catarinense. Nada melhor do que um encontro como esse para ampliar os horizontes e tomar um “banho de cultura” e aproximação com a pedagogia jesuíta. Estou achando muito interessante o encontro pelas vertentes que observo e porque várias nuances dos jesuítas me foram mostradas e eu

sequer as imaginava. É o caso das contribuições dos jesuítas para a ciência, em especial no Oriente. A contribuição dos jesuítas para as ciências humanas não é novidade, mas os temas voltados às ciências, como arquitetura e psicologia do conhecimento são novos para mim. Foi de grande valia ter vindo”.

Maria Inês Cardoso da Silva Maia, orientadora pedagógica no Colégio Catarinense, de Florianópolis

“O que me trouxe aqui é que, como trabalho numa instituição de jesuítas há 17 anos, admiro muito o trabalho da Companhia de Jesus. Essa oportunidade traz muitas contribuições para um aprofundamento da discussão sobre as contribuições dos jesuítas no processo de globalização por que o mundo vem passando. Fiquei impressionada com a contribuição da Companhia de Jesus na China, algo que eu sabia em poucos detalhes”.

Marlene Gomes Bernardo, orientadora educacional, Colégio Catarinense, de Florianópolis

“Assisti à palestra *Contribuição da Companhia de Jesus para a renovação científica da Idade Moderna* e penso que é muito importante fazer essa releitura e redescoberta de fontes mais seguras sobre o papel dos jesuítas para o conhecimento. Já cansei de ouvir preconceitos e juízos sumários sobre essa congregação. Estudei com os jesuítas na Áustria e, então, tenho universalmente essa ligação com eles. Não me conformo com a leitura apressada e negativa que é feita. O Prof. Dinis trouxe indicações de livros e abordagens que, para mim, foram de grande valia. Mateu Ricci foi o caso feliz de uma missão inculturada na China, e acho bonito como os chineses guardam como preciosidade os túmulos dos padres. Essa pode ser a semente para um diálogo entre culturas e religiões”.

Irmã Madalena Molin, responsável pela comunidade vocacional das Irmãs Ursulinas, Guarapuava, Paraná

“Vim ao **Seminário** para tomar conhecimento das novas pesquisas em teologia e ciência. É inegável que a Companhia de Jesus continua muito ligada ao avanço científico, e sua contribuição para o debate intelectual é sempre muito interessante. Dessa vez, o tema é particularmente pertinente porque contribui para um olhar diferente sobre o processo da globalização. Os jesuítas contribuíram, e muito, para a difusão e a produção do conhecimento no mundo. Há um preconceito muito forte da parte das ciências, ainda, contra os jesuítas e contra o catolicismo em geral. É bom, assim, poder tomar conhecimento por onde vão as novas descobertas do conhecimento e os novos debates. Embora não consegui participar de todas as conferências, o que assisti foi de extrema valia”.

Padre Paulo Daladéia, Santa Maria

“Desde 1988 venho à Unisinos participar das atividades que ela oferece. Naquele ano, vim para o evento que discutiu filosofia e teologia ibero-americana. É uma instituição que acolhe muito bem os pesquisadores de outros locais, e os encontros que oferece são únicos no contexto brasileiro. Além do meu doutorado em Semiótica, que já concluí, estou cursando outro na área da Educação, estudando o pensamento de Francisco Suárez, jesuíta conhecido como um dos fundadores do direito internacional. Assim sendo, vim participar do **Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas**, para compreender um pouco melhor os temas da espiritualidade e das questões pertinentes às coisas dos jesuítas para que eu possa dar continuidade à minha pesquisa.

Edvaldo Bortoletto, Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdades Dom Bosco Assunção e formação dos frades capuchinhos de Piracicaba

Sala de leitura

Pedro Carneiro Pereira – O Narrador de Emoções, de Leandro Martins. (Imagens da Terra: 2006) Pedro Carneiro Pereira, narrador esportivo, publicitário e piloto de automobilismo. Certamente o rádio e as corridas eram suas grandes paixões. A primeira garantiu-lhe o reconhecimento no estado, e há quem diga no país, tornando-o o narrador esportivo mais respeitado e ouvido na década de 1960 até o ano de 1973, através das transmissões realizadas pela Rádio Guaíba AM de Porto Alegre. A segunda rendeu-lhe muitas alegrias, mas também nos privou do grande radialista, tirando sua vida de forma trágica aos 35 anos. A rica história desta personalidade do rádio esportivo gaúcho é tema do livro *Pedro Carneiro Pereira – O Narrador de Emoções*, de autoria de Leandro Martins, editado pela Imagens da Terra, que será lançado na 52ª Feira do Livro de Porto Alegre e do qual tive a grata satisfação de fazer a revisão. A obra resgata para as novas gerações quem foi esse profissional e amigo que, após mais de 30 anos de sua morte, ainda deixa saudades e é lembrado com carinho pelos radialistas mais conceituados da crônica gaúcha. Uma leitura agradável que contribui para perpetuar o trabalho de Pedrinho.

MS Patrícia Weber, professora na Unidade Acadêmica de Ciências da Comunicação da Unisinos.

Tiempo Pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. De Beatriz Sarlo (Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2005). Um dos livros mais instigantes que li nos últimos tempos. É o mínimo que posso dizer desta série de conferências proferidas por Beatriz Sarlo no Wissenschaftskolleg de Berlim em 2003, e publicadas ano passado na Argentina. Intelectual das mais renomadas em seu país, Sarlo realiza neste livro um refinado exercício teórico-metodológico dos usos que se faz da memória e dos riscos que a autocomiseração pode produzir no trabalho de trazer de volta, pela palavra, experiências nefastas. Uma das grandes virtudes do texto é a de não ceder à tentação de elevar o testemunho à categoria de prova incontestada da experiência, especialmente quando o portador do discurso é, ao mesmo tempo, um intelectual e um protagonista (vítima) da situação trazida à tona pela narrativa. Chamou-me a atenção, especialmente, o capítulo 3, “La retórica testimonial” (p.59-94), no qual Sarlo coloca em questão a confiança nos relatos feitos em primeira pessoa, explicitando os dispositivos lingüísticos que estes relatos acionam na tarefa de alcançar legitimidade. Escrito por uma pensadora que lutou, dentro da Argentina, contra uma das mais terríveis experiências ditatoriais da América Latina, não

obstante sua curta duração – relativamente ao Chile e ao Brasil -, o ensaio de Sarlo não deixa de ser um importante exemplo de crítica interna da resistência ao regime e dos usos presentes de sua memória.

Dr. Cláudio Pereira Elmir, professor na Unidade Acadêmica de Ciências Humanas da Unisinos.

Imagens Quebradas: Trajetórias e Tempos de Alunos e Mestres, de Miguel G. Arroyo. (Petrópolis: Vozes, 2004). O livro traz reflexões sobre as mudanças que vêm ocorrendo na imagem do docente, analisando os momentos de tensões vivido nas escolas tanto para o professor, quanto para o aluno e de que forma isso reflete nas salas de aula. O autor levanta vários pontos para a situação de violência e vandalismo nas escolas públicas do País, como a generalização da infância perturbada, feita pela mídia, e da infância popular, que inclui pobres, negros e aqueles que a sociedade marginaliza. O autor considera que, nos tempos atuais, é fundamental que o educando busque na memória as dificuldades e os conflitos que vivenciou na escola, buscando reconstruir sua trajetória profissional de mestre, feita à medida de imagens superadas dos seus professores.

Máisa Pedroso, professora da Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde da Unisinos.

Carta do Leitor

“Maravilhosa a entrevista com Christian Duquoc⁷⁹, que considero um dos mais lúcidos teólogos de nosso tempo. Há passagens muito ricas quanto ao lugar e ao limite da reflexão teológica no tempo atual. Parabéns para a equipe”.

Faustino Teixeira

⁷⁹ **Christian Duquoc:** teólogo dominicano francês, professor emérito da Faculdade de Teologia na Universidade Católica de Lion, França, e diretor da revista *Luz e vida* e membro da direção da revista *Concilium*. É conhecido, sobretudo, por seus estudos sobre cristologia. De suas obras, confira *Cristologia: o Messias*. São Paulo: Loyola, 1980; *Cristologia: o Homem Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002; *Cristianismo, memória para o futuro*. São Paulo: Loyola, 2005; *A teologia no exílio*. Petrópolis: Vozes, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

Fernando Haas

Filho mais novo de três irmãos, o físico Fernando Haas foi uma criança “paparicada”. Fez sua graduação, seu mestrado e seu doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e dois pós-doutorados, um na França e um no Rio de Janeiro. De uma família simples, seu pai é caminhoneiro, e a mãe, dona de casa, Fernando é fã de Jimi Hendrix e pensa em conhecer melhor a Europa. Conheça mais este professor da Unisinos na entrevista a seguir concedida a *IHU On-Line*.

Origens - Tenho duas irmãs mais velhas, cerca de 10 anos a mais que eu. Minha família veio do interior, mas eu nasci em Porto Alegre. Vivi em Porto Alegre minha vida toda, com exceção de três anos que estive fazendo pesquisas fora.

Família - Minha família é de Santa Rosa, eu nasci em Porto Alegre por acaso. Descendentes de alemães, meu pai são pessoas simples. Meu pai era caminhoneiro, foi marceneiro, foi colono, fez muitas coisas na vida. Minha mãe era dona de casa, também fazia serviços para fora, costurava, para ajudar a sustentar a casa. São pessoas bem simples, principalmente a minha mãe, que dava muito valor ao estudo, à arte, à beleza. Ela acabou me influenciando bastante.

Estudos - Estudei em um colégio público, que, confesso, nem sei se ainda existe. Chamava-se Branca Diva, uma escola bem simples. Como ficava na entrada de Porto Alegre, no bairro São Geraldo, havia muitos colegas que vinham de Guaíba. Muitos eram bem humildes, pegavam ônibus, atravessando o Guaíba para estudar lá. Era um colégio público na época em que colégio público ainda era um pouquinho aceitável, tinha bons professores, esforçados.

Infância - Um episódio de que me lembro é ter acompanhado meu pai, que era caminhoneiro, na entrega de uma série de remessas pelo interior. Tinha 11 anos. Fui para Vacaria, para vários lugares muito distantes. Como era o menino mais novo na casa, eu era muito mimado. As minhas irmãs tinham mais idade e pensavam que eu era um brinquedo a mais na casa. Paparicavam-me muito, assim como meu pai. Ele gostava muito de jogar futebol comigo. Ele fez isso até o final da vida, com exceção dos últimos anos. Nós tínhamos uma boa amizade.

Mãe - Minha mãe é uma pessoa bem ativa, ela mora no interior de Gravataí em uma chácara. Ela é líder comunitária, já foi algumas vezes suplente no orçamento participativo

da cidade, ela tem várias atividades com o Fome Zero, Pastoral da Criança. Ela não é uma pessoa acomodada, está sempre procurando se integrar. Ela tem muita energia.

Carreira - Eu gosto, talvez de modo igual, de várias coisas, ciência, filosofia ou arte. Para mim, é tudo interessante. Eu tenho bastante curiosidade por todas as áreas. Mas eu achei que seguindo uma carreira acadêmica na Física eu teria uma condição um pouco melhor de me sustentar, do que se fosse filósofo, por exemplo, ou músico. Vim a optar por isso para ter uma garantia mais segura de sobrevivência. Eu sempre tive muita curiosidade, acho que essa é uma característica de qualquer acadêmico. Tem que ter curiosidade, senão vai fazer outra coisa.

Esporte - Deveria praticar mais, mas atualmente não estou fazendo nada. A única coisa que eu faço é acompanhar o futebol. Sou meio fanático pelo Internacional. Até deu um vazão. Depois que ganhou esse título parece que o resto é tudo meio irrelevante. Campeonato brasileiro então, qual é a graça? Não tem. Agora só da Libertadores para cima ou Mundial para entusiasmar. Por paradoxal que pareça, a conquista da Libertadores fez com que eu tenho deixado um pouco de lado o futebol.

Autor - O meu autor preferido é Dostoiévski.

Livro - O livro com o qual mais me identifico é *Crime e Castigo*.

Música - Jimi Hendrix. Para mim é o melhor. Difícil ter alguma coisa dele que eu não goste. Para mim é tudo muito bom. Seria difícil citar alguma coisa em especial.

Filme - *Morangos Silvestres*, de Ingmar Bergman.

Viagem - A Europa em geral. Qualquer cidadezinha sempre tem um mundo de coisas a descobrir. Mas certamente não Estados Unidos, este país não me interessa tanto.

Animais - Eu tenho dois gatos, bem mimados também. Eles acham que eu sou propriedade deles, que tenho que estar à disposição deles.

Futuro - Um plano talvez seja ter um pouco mais de autoconsciência e controle sobre o que nos faz evoluir como pessoa.

Dia perfeito - Um dia em uma praia deserta. Sem compromissos. Um violão, um cachorro e dois amigos.

Eleições - Tenho candidato para alguns cargos. Alguns itens, provavelmente, eu vá anular. Nesse momento, é quase como jogar uma moeda para cima decidir se vou votar no menos pior ou se vou anular. É uma questão muito difícil de ser decidida, não sei se há muita racionalidade nisso. Eu respeito tanto uma como outra possibilidade. O ideal é ter um maior conhecimento pessoal dos candidatos, procurar se informar da vida partidária, conversar com pessoas que participem desses movimentos para poder saber um pouco melhor quem é quem. Se for se basear só no discurso que aparece para nós no jornal, parece que é insuficiente, por isso, torna-se complexo escolher um bom candidato. Antigamente eu votava na legenda, agora já não me atrevo a fazer isso. Quem é que vai ser

beneficiado com isso? Dentro de uma mesma agremiação tem pessoas que são confiáveis e certamente pessoas que não o são. Se votamos na legenda, estamos dando força para todo o grupo como.

Unisinos - A Unisinos é a universidade que me acolheu. Fui bem recebido dignamente aqui, não posso me queixar. Fui convidado por um amigo meu para participar de uma seleção de professores e resolvi parar um pouco com a vida de bolsista. No meio científico, as pessoas ficam com bolsa às vezes até o final da vida, e a cada três, quatro anos mudam de cidade. Acabei resolvendo dar uma pausa nisso. Gosto bastante de dar aula. É antes de tudo um desafio tentar ajudar as pessoas a entender um pouco melhor as coisas. Certamente não se pode reclamar por falta de novidade, porque se está diante de um público. De toda a carga psicológica desse público. O patrão ficou xingando essa pessoa o dia inteiro e ela vai lá assistir à aula, quase tudo pode acontecer. É bom ter um lado um pouco teatral para dar uma aula mais agradável.

Instituto Humanitas - Eu sempre leio a revista e, na medida do possível, acompanho alguns eventos. Não tantos quantos eu gostaria. Gostei de uma palestra recente sobre Teoria de Sistemas, e também de um documentário que assisti ano passado sobre a campanha do Lula de 2002. Mas o que eu mais acompanho realmente é a revista ***IHU On-Line***. Há matérias bastante críticas e não é tão simples encontrar por aí um periódico com esse aprofundamento nessas revistas de bancas de jornal, que geralmente não chegam nem aos pés dela. Acabamos conseguindo se informar um pouco melhor sobre o que está sendo debatido no mundo contemporâneo por meio dessa revista.